



C O N T O S D E Q U A R E N T E N A

ORGANIZAÇÃO: MAURO PAZ

ANA SQUILANTI CAMILLA LORETA CAMILO GOMIDE DÉBORA FERRAZ

ELTÂNIA ANDRÉ GABRIELA SILVA GUSTAVO MELO CZEKSTER HELENA TERRA

HENRIQUE BALBI JEFERSON TENÓRIO JESSICA CARDIN MARCELO ARIEL

MARCELO CONDE MARCOS VINÍCIUS ALMEIDA MARIA FERNANDA ELIAS MAGLIO

MARIANA CARRARA MAURO PAZ MAYARA FLOSS NATALIA TIMERMAN

RODRIGO NOVAES DE ALMEIDA RODRIGO TAVARES RONALDO CAGIANO

TIAGO GERMANO TOBIAS CARVALHO VERA SAAD WALTHER MOREIRA SANTOS

Contos de Quarentena

Organização e Edição

Mauro Paz

Capa

Elano Collaço

Revisão

Daniel Zanella

P348c Paz, Mauro.

Contos de Quarentena. / Org. Mauro Paz. – São Paulo

(recurso eletrônico)

CDD – B869.3

1. Ficção e contos brasileiros

APRESENTAÇÃO

Quarentena. Ninguém quer passar por uma, mas cá estamos. 2020 será lembrado como o ano em que o humanidade parou. Ou melhor, o ano em que a humanidade foi parada pelo COVID-19.

O Presidente mais uma vez relativiza. Cria uma própria narrativa. Diz que a paralização é desnecessária no Brasil. A economia não pode parar. Delírios terraplanistas à parte, a ciência comprovou que a propagação do vírus é rápida e a Itália pagou caro por retardar a adoção da quarentena.

Hoje, 28 de março de 2020, ficar em casa é mais do que um ato de preservação individual. É também uma atitude solidária para não infectar outras pessoas. Nesse momento que os horizontes se fecham, a literatura nos transporta. Como um convite a um passeio, nasce esse livro, Contos de Quarentena. Nas próximas páginas você

irá encontrar contos de alguns dos autores mais inquietos e talentosos do Brasil.

Desde uma possível entrevista de Millor com Renato Russo, até um cão narrador, a criatividade desses 24 autores se espalha por caminhos diversos. Caminhos cheios de amor, mistério, humor, mas principalmente, cheios da grande arma da literatura contra a escuridão daqueles que enxergam números onde deveriam ver pessoas: a compaixão.

Fique em casa e boa viagem.

Mauro Paz

ÍNDICE

* Títulos clicáveis

DOIS A UM

Ana Squilanti

MANDIOCA

Camilla Loreta

MAKTUB

Camilo Gomide

A DESBRAVADORA DA CASA ABANDONADA

Débora Ferraz

TRILOGIA DO RESGATE

Eltânia André

ENTRE AS CHAMAS, AS MÃOS

Gabriela Silva

OS BÁRBAROS ENTRE NÓS

Gustavo Melo Czekster

**POR LIVRE E ESPONTÂNEA VONTADE DE NÃO
SOFRER**

Helena Terra

AUTO DA BALSA

Henrique Balbi

BETHÂNIA

Jeferson Tenório

VERBENA OU BENJOIM

Jessica Cardin

O ANJO DE VIDRO E O VENTO

Marcelo Ariel

CARREIRA

Marcelo Conde

7 DE MARÇO, 21 DIAS DEPOIS

Marcos Vinícius Almeida

ER=EPR

Maria Fernanda Elias Maglio

ALGUMA COISA

Mariana Salomão Carrara

RÁDIO NACIONAL

Mauro Paz

VÍNCULO

Mayara Floss

UMA E JULIO

Natalia Timerman

COVID-19

Rodrigo Novaes de Almeida

MARIA CHORONA

R. Tavares

ENTRE DOIS SÉCULOS/RUÍNAS

Ronaldo Cagiano

CHEEK TO CHEEK

Tiago Germano

TRÊS MESES DE CROSSFIT A PRINCÍPIO

Tobias Carvalho

REFERENCIAIS

Vera Saad

UMA MULHER SEMPRE SABE

Walther Moreira Santos

DOIS A UM

Decisão de campeonato

Ana Squilanti

Na esquina da Rua Espanha com a Itália tudo era domínio público. Acidente de mobilete, entrevista de emprego, visita da tia que mora longe e ninguém gosta perto. Impasse em relacionamento, então, espalhava como fogo no céu anunciando início de jogo.

Chamadas particulares eram quase uma regalia, dava para contar nos dedos das mãos quem tinha linha telefônica no bairro, e depois de pegar pão na mercearia, voltava-se para casa com o troco e alguma bola roubada do orelhão. Era justamente isso que Nelson não queria, só de pensar na conversa já tremeria na base.

A mercearia faturava com a proximidade do comércio do aparelho, vendia ficha e água, bala para

adoçar a espera, o caixa a sete passos da cabine. Se a vizinhança não acordasse com algum chamado matutino na encruzilhada, acordava aos berros do dono reclamando do trabalho não remunerado de telefonista, pedindo que alguém atendesse aquela merda. A minha orelha não aguenta mais!

Era raro ver a esquina vazia, muito mais aos domingos, e hoje é justo domingo. Fila para pegar frango assado, farofa e a batata que cozinha na gordura. Fila para o refri retornável no freezer de Coca e para a cerveja gelada no freezer de Fanta. E a fila para ligar, Nelson na indiana há quinze minutos, o pé batendo no chão mais vezes do que o ponteiro do relógio andando no braço.

Nelson precisava falar logo, contar seu lado da história, saber se ainda podia chamar Regina de namorada. Num sussurro, será que daria pra ter a conversa assim? A mão nervosa na boca roendo unha, abafando o pedido de desculpa. Rodava tudo na cabeça, preparava as defesas e os passes, ensaiando bonito como nos treinos. Começa a aquecer.

Pendurada há seis minutos, Dona Rosilda gastava duas fichas falando com os netos sobre o sol, a saudade e os biscoitos de nata, recém-assados na sua cozinha. Venham amanhã, depois da escola, comê-los ainda frescos, e tragam os shorts furados nos joelhos que eu faço os remendos.

Quando ela termina a chamada, Nelson passa a ser o segundo na espera. Atrás dele... sete, ele contou por cima do ombro. Na calçada, mais onze. Na rua, seis crianças jogando taco. Dentro da mercearia, sei lá quantos. Tanta gente quanto na arquibancada na tarde de ontem.

Agora falava um homem estranho, aos olhos e ouvidos, discou a cobrar. 9090 e o resto do número não sabia. Só sabia que ele não morava no bairro e falava rápido demais, rápido como ele correu liso no campo, rápido como ele pensava que Regina rebateria as desculpas conforme ele fosse falando, uma a uma na bicuda.

Nelson continua o aquecimento. O homem parece estar prestes a terminar a conversa. Nelson alonga os braços e as pernas, estica bem a panturrilha, amacia a

virilha. Checa a chuteira, o laço bem dado, bem preso, as palavras na ponta da língua.

O estranho sai e ele faz cruz no peito, cruz no campo, no chão, e entra no conhecido orelhão. Encaixa o auto-falante no ouvido. Tu, diz ele. Tu tás fodido. Tu entra em campo é sempre com a cabeça erguida. Coloca duas fichas de cara, para garantir que a ligação não caia no meio. Disca o número. 75-8785, privado. O dele era esse, TELESP 154, 79-4536, público.

Chama uma vez, o telefone. Duas, três, quatro. Primeira investida. Sem catimba.

– Alô?

– Dona Lourdes?

– Quem tá falando?

– Lourdes... é o Nelson, me chama a Regina, por favor?

– Moleque, você ainda tem a cara de pau de ligar aqui?

Ele precisava segurar a bola, ganhar tempo. Com Lourdes não dava pra ramelar, ali era sem firula, a

mulher que controla desde o tanto de pavê que se põe no prato até o quanto de pó que entra na casa. Ai de quem não esfregasse as solas do calçado no tapete escrito bem vindo, imagine as chuteiras.

– Por favor, sogrinha. Deixa eu me resolver com ela?

– Sogrinha!... Chamo, fazer o quê?

Lourdes fintada. O grito de Lourdes chamando a filha ressoa no auto-falante, desse lado o povo ao redor fica de olho no lance, encrenca cheira melhor que frango girando na televisão de cachorro.

– Alô

– Amor!

– Amor uma ova, Nelson!

– Regina, deixa eu me explicar...

– Agora? Vai te catar.

A batida ensurdece o ouvido, faz pii lá dentro, “Ihhh” aqui fora, o apito do juiz quando deu solada. Cartão amarelo, outro. Nelson fica bola isolada. Respira fundo, vamos lá, tem mais duas fichas na palma, suada como suam as costas quando a partida é difícil.

Dá linha de novo, o Nelson, coloca a ficha, o dedo a girar. Sete, cinco, oito, sete, oito, só mais meia-volta, cinco. Um toque. Dois. Tr...

– Fala.

– Regina, não desliga.

– Ah, é? Por que não?

– Deixa eu te contar...

A Copinha Chuteira de Ouro acontecia todo agosto-setembro, patrocinada pela Grão de Ouro, fábrica de arroz local. Ontem foi o encerramento, e o Real Madruga, time improvisado, montado às vésperas do campeonato, chegou perto de ganhar, para a surpresa geral. Depois da final do Atlético Maneiro com o Guarani, teria disputa de terceiro e quarto lugar. Real Madruga vs Botafogo Paulista.

Quase ninguém levava as respectivas e Regina teria que ficar na arquibancada aguentando os bêbados e os berros, ouvindo conversa unilateral que só entende quem gosta daquilo; dois passos, uma provocação, uma defesa boa, ovação, um furo daqueles, seu corno, vai pro banco, filho da puta, quem foi que te convocou.

– Fala, Nelson! Tô esperando. Que nem fiquei esperando ontem.

Ele joga na zaga e na disputa teve fortes embates, levou duas caneladas, três entradas e mil arranhadas. Evitou um chute certo de entrar no gol, mergulhando, na cabeçada, a mesma cabeça que agora era usada para não empatar a relação a dois.

– Amor, a gente ganhou ontem...

2x1 pro Real, de virada, que é mais gostoso. Sorriso no rosto e medalha no peito, de (latão banhado de qualquer coisa para parecer) bronze. Banho de mangueira para imitar champanhe, que nem o Senna fazia nos domingos cedo. Será que o Nelson teria mais sorte aqui na Itália? Será que ele e Regina vão ser dois a um ainda?

– ...e aí teve um churrasco, você já sabia que ia ter...

Linguiça e miolo de paleta, cortada na diagonal, ao contrário do sentido da fibra, para ficar mais molinho.

– E aí você encheu a cara e não conseguiu vir a tempo – canelou ela.

Errado. Bebeu sim, claro que bebeu. Ganharam. Colocação inesperada até para o Paulinho do Posto 7 que patrocinou o uniforme. Bebeu o suficiente para a alegria da zebra inundar mais o corpo e a carne de segunda descer melhor.

– Regina, eu bebi sim, atrasei um pouco... Só que choveu pra caramba no começo da noite e a gente ficou preso. Não choveu aqui?

As crianças pulavam as poças enquanto corriam trocar de base no taco, então, sim, na cidade choveu tanto quanto na zona rural.

– E vocês são de açúcar?

Próximo às plantações de arroz, a empresa construiu um campinho de grama e uma área com quiosque e churrasqueira. Era bom, melhor que o asfalto da rua e a terra batida do campo perto da rodoviária, mas bem longe do Centro. Não dava para voltar à pé, ainda mais com a perna gasta da partida.

– A Ipanema do Joaquim atolou no portão e não saía de jeito nenhum. A gente teve que esperar diminuir a

chuva para conseguir tirar, só que aí já era tarde e o cinema já tinha começado...

– Eu fiquei te esperando um tempão.

Imaginou Regina com um vestidinho de renda azul claro, sozinha em frente ao cinema, os bilhetes na mão, o pingente de coração na corrente passando de um lado para o outro. Doeu mais do que a cotovelada que levou do 12 do Botafogo.

– Não tinha telefone lá, Regina... liguei quando cheguei perto de casa, mas ninguém atendeu aí.

Você tem trinta segundos de chamada, avisa a voz eletrônica. Sem tempo pra cera.

– Eu sinto que você não se importa comigo – Carrinho. Alguém levanta o menino.

Nelson coloca a última ficha no aparelho, que a engole. Nelson dá uns tapas nele, que não devolve.

– QUE SACO!

– O quê??

– Nada, Regina, é que...

– É um saco eu falar o que sinto?

–...o telefone engoliu a ficha e era minha última.

– Vou desligar.

– ESPERA! – Nelson olha pro lado, toca para trás recomençar a jogada – Alguém tem ficha sobrando?

A torcida nem pisca, tateia o bolso da calça e da camisa, do fim da fila surge Mauro Silva, que sinaliza ter uma redonda, e passa para Zinho, que encaminha para Leonardo, e passa correndo para Romário, que encara Nelson como se fosse Bebeto. Agora é contigo. Nelson pega a ficha e coloca no buraco e o aparelho aceita.

– Caiu!

Nelson domina a bola, pega para si a resposta da conversa. É tempo decisivo.

– Eu acho que você não liga pra mim.

– Claro que ligo para você, Regina.

– Não é tão claro não. Olha as coisas que acontecem.

– Foi sem querer! Por favor, amor. O que você precisa que eu fale pra acreditar em mim?

Silêncio do outro lado da linha, desse lado também, ninguém respira, ninguém quer que ele pipoque. Nelson

titubeia na própria jogada, essa não ensaiou, mas sabe o que ela quer ouvir. E ela sabe que na Itália com a Espanha o movimento é muito, a disputa é grande, sangue quente como nas quartas da Copa daquele ano. Era isso ou o empate, e o empate ali é igual derrota.

– Regina – ele abaixa o tom – tem um monte de gente aqui.

– Vou desligar então.

– Não...

– Tchau, Nelson.

O juiz começa a levar o apito à boca e Nelson sabe que é agora ou nunca, não tem prorrogação, é ele a seleção, ou chuta ou desiste. O que Bebeto faria, ele pensa, Nelson que a vida toda só jogou na defesa e, enquanto hesita, sente ela afastar o telefone da orelha, o brinco raspando no alto-falante, o apito já prestes a ser soprado e dispara.

– Regina! EU TE AMO!

Chuta de longe, foguete.

– Eu te amo, tá? Posso ir aí?

Nelson acha que chutou de chapa, mas foi de trivela, de frente, três dedos dando efeito, vai entrar no gol ou não, ele se pergunta e a galera espera enquanto a bola sobe e faz a curva e começa a cair. O tempo para enquanto o peito pula e Regina decide que

– Pode.

É gol.

– Mas não vai se acostumando.

É goool na gaveta, quase na trave, mas é.

– Tô chegando.

E Nelson mal termina a frase e é arrancado do orelhão pela torcida que invade o gramado, levantam o jogador ali no meio de campo que foi a grande área, e a calçada se mistura à arquibancada, Nelson balança e pula entre as mãos que jogam ele pra cima, os copos de cerveja brindam, vizinhos inimigos se abraçam enquanto as crianças batem as bolas com os tacos pra cima, que explodem em fogos em formato de coração, um avião passa anunciando a vitória, O AMOR É O MAIOR TIME escrito na faixa que ele puxa, os frangos dançam no forno e a farofa vira confete.

Ana Squilanti nasceu em Indaiatuba, interior de São Paulo, em 1989. É escritora, roteirista e farmacêutica. *Costuras para fora* (Editora Nós, 2019), contemplado pelo Edital de Estreantes da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, é seu primeiro livro.

MANDIOCA

Camilla Loreta

Estávamos as duas frente a frente.

Seus cabelos enrolavam da raiz a ponta, com tonalidades diversas, ia do castanho para o castanho claro sem muita ordem, talvez só com o testemunho de onde o sol tocou. Ela tinha esse cheiro, já havia sentido antes, um cheiro de gente que se movimentou bastante, que se alimenta, caminha, vive, cuidando para que seu cheiro seja de gente.

Eu gosto desse cheiro, sem disfarçar, forte, seu suor e hormônios misturados numa amalgama maluca de sentidos, que chegavam até o meu nariz, me convidando a mergulhar naquele mundo que, para mim, até então, me era completamente desconhecido.

Já havia observado aquele corpo, nossa aula em duplas, mas com ela não tinha acontecido ainda de dançar. Reparei nas suas articulações e músculos, principalmente a facilidade que tinha de improvisar com as propostas. Talvez ficasse me comparando. O fato é que realmente a minha experiência deveria ser ridícula perto da dela. O método que restava era aprender, absorvendo, aguardando, até o dia que teria aquela maleabilidade, intimidade, com o meu próprio corpo.

Só abria os braços, e os braços eram o ar circulando, leve, centrava o quadril no chão e era o próprio chão. Uma escuta constante do ambiente, cercando as sensações que trazia para o corpo com fluidez. Batia os pés, ritmado, e estava conectada com as pessoas em volta, eram muitas. Saltava no contratempo, joelhos alinhados, quadril apontando em direção ao calcanhar, e estava a sentar sobre a gravidade, brincando, bem humorada, e o rosto se mantinha sério, sério não, concentrado, interna. Seguia, não parava, pé atrás de pé, sua saboneteira logo reagente, cintura escapular. Ela tocava no chão seus ombros no desafio de manter postura igual, mesmo que de ponta-cabeça, torcia os olhos, torcia a cintura, e lá

estava novamente de pé. E meu olho enchia de lágrimas, talvez de emoção. Costumo dizer que sou muito babona, fico à vontade em me deslumbrar com o mundo, mesmo que as vezes eu tenha dificuldade de deixá-lo entrar, quer dizer, me emociono muito, mas talvez seja só para mim. Egoísta. Como se o mundo estivesse aí para me tocar, como se ela virasse a cambalhota de modo gracioso, buscando me ver chorar.

Será que o encontro, sem encantamento, significa não continuidade? Ou seria o exato contrário, pois, nesse caso, nossas expectativas excedem o concreto? Penso que, com ela, seria uma mistura de encantamento enfrentando o concreto. Pois lá estava o corpo, disponível, visto, pronto para ser tocado.

De frente a ela, a professora no fundo da sala diz: coloca, então, a mão em alguma parte da pessoa, escolhe uma parte só, e mantém até o fim do exercício. A pessoa que está sendo tocada se move a partir desse estímulo. Valendo.

A música soou na sala, onde que eu vou colocar minha mão nessa joia que se encontra a minha frente?

Posso não escolher? Não, não posso, tenho que tocar. Que linda. Será que ela vai ficar incomodada com a minha devoção? Ela vai perceber minha devoção? Para, para de viajar, vai lá, toca nela, se arrisca.

A mão direita faz o trajeto no ar, esquecemos da música, ela olha para o infinito, e penso: flutuando. E recai sobre sua costela os dedos. Uma pressão de leve, sinto sua respiração lenta. Seu cheiro de gente. Fecho os olhos e nessa piscada me perco, ela começa a se mover e minha mão escapa um pouco.

Eita. Escolhi um lugar difícil, difícil.

Continuo, parada, ela para também, percebe que não estava tudo conectado ainda. Que baile vai ser esse, a dama e a torta. Sou eu a torta, claro. Ela se move devagar, e sinto suas costelas abrindo um pouquinho de espaço, uma breve torção. Descubro nesse momento que foi assim que escolhi as costelas, de início, foi a torção, queria ver o corpo nessa movência espiralar. Meus olhos já ameaçam encher de lágrimas de novo. Não. Aqui não, sem essa de chorar, quero ver o que vai acontecer, ficar

afogada em mim mesma vai adiantar pouco para que eu escute esse corpo. Seca.

Ela está na dúvida, dá para sentir, não vejo ainda fluência. Anda um pouco pela sala e vou acompanhando. Abaixa, levanta, deita, senta. Nada. O canto de sua boca perto, e está ali um mistério pequenino, não sei se sorri, está nervosa, ou só experimentando. Seguimos andando sem ritmo nenhum, a professora tirou a música, a sala está preenchida com os sons dos corpos que tentam se acompanhar. Alguns dão risada, outros são bem silenciosos, dou uma espiada em volta e vejo que todos estão perdidos.

Ela segue, e torce cada vez um pouco mais, minha mão vai atrás, com um pouco de dificuldade, mas o tempo lento me ajuda a não perder muito o toque.

A professora lembra: Toque leve, não travem o movimento do outro.

Tento compreender se estou fazendo isso e me perco novamente. Talvez esteja. Respiro devagar, e então ela gira, muito rápido, e minha mão fica solta no ar. Como se ali estivesse a memória do que era a sua costela: os dedos

um tanto curvados no formato anterior e um vazio que em segundos se desfaz.

Eu recoloco a minha mão no mesmo lugar. Agora consigo ver, no canto de sua boca, ela sorri. Sorri ou ri de mim? De novo pensamentos me assolam, e daí vem um corpo ainda mais torto que se apropria do meu, me sinto tonta, tosca, pequena. Minha nossa, tudo isso por tocar alguém? De onde vem tamanha fragilidade... deve ser qualquer trauma, qualquer coisa assim bem pesada, bem terrível, mas veja, de novo não tem nada a ver com ela, a dama que está ali, tão aberta para o meu toque.

Inspiro rápido, o ar toma meus pulmões, que se preenchem de vivacidade. Meu corpo passa a reger. Os dedos sentem, dentro, depois dos ossos dela, seu pulmão, o sangue circular, penetram, e fica límpido que ela também sente, meu sangue, meus ossinhos. Ela começa a girar, e minha mão ajuda, empurra, de novo fica no ar, mas dessa vez não sinto a ameaça do vazio, apenas um intervalo curto, que logo é preenchido novamente. Corremos pela sala, mesmo que minha mão fique agitada, meu corpo inteiro se move, se articula, algo se anuncia. Não estou contagiada, apenas experiencio os benefícios

de algo diferente. O corpo dela se agita, e o meu segue, absorve, apreende, reduz então uma reação sem escolha, como se colocado frente ao outro, esse espaço criado pelo toque da mão/costela só nos lembrou que é impossível sermos iguais, tocamos com delicadeza a bruma que envolve nossa relação. A música retorna num momento bastante apropriado, é um tango.

Dançamos juntas, seu corpo amolece e enrijece sobre minha mão, é um dueto, estamos juntas. Sinto encantamento forte, seus cabelos tocam minha face de leve, seu cheiro perto, damos nosso primeiro sorriso em conjunto. Quem veio primeiro? Impossível dizer, importamos nada com isso, apenas sorrimos e deixamos depois o rosto contorcer, junto com o punho, o pé, a panturrilha. Rapidez agora, mas já já uma demora, nesse momento prevemos o próximo passo, minha mão deixa de ficar no ar pendente, ela brinca cada vez mais, meus ombros já não seguram o peso de nada, nem mesmo das memórias avassaladoras do meu passado que supostamente me traumatizou. As escápulas estão abertas.

A música anuncia, está terminando o exercício. Tão já?

Vamos nos sentando, numa torção conjunta, ela olha para o céu que se destaca na janela oposta aos nossos corpos, seus cabelos formam uma moldura perfeita no rosto avermelhado de exercício. Na posição que nos encontramos, meu queixo apoia-se no seu braço esquerdo. Que bagunça, que bonito. Escuto sua respiração, parece a de muitos outros na sala, ofegante de tanto pular. A música cessa.

A professora: Percebam a imagem que foi formada por vocês. Sintam essa imagem, sintam o peso do corpo sobre o chão. Relaxem.

Deitamos. Minha mão já não tem costelas. Costelas flutuantes, para encostar.

Viajo sozinha para o mundo incompreensivo do toque na memória, de todas as costelas que já segurei, ou então que mordi, dei beijos, lambidas. Eram elas diferentes dessa. Como aquela vez que deitamos na sala e você queria me amar sem roupa nenhuma, e como seria isso se você já tinha outra pessoa a te esperar. Então

ficamos encarando nossas possibilidades, para machucar menos você, eu, ela, e levantei minha blusa e te mostrei minhas costelas flutuantes. E você disse: cada um tem uma.

Completei: Sim, cada um tem uma diferente.

E ficamos em silêncio, enquanto você olhava para minha barriga que cedia na gravidade, levantando a camisa também vi seus pelos, que há tempos não via, e lá estavam suas costelas. Coloquei as mãos. Eram grandes, meus dedos se perdiam na separação de cada uma, aquele meio de carne e nada.

Nossa, realmente, as suas costelas são únicas.

E pra refrear o desejo de mordê-las, deitei de volta no chão, puxando um assunto qualquer, torcendo para que você não notasse meu desespero. E você mesmo assim notou, e esticou minhas mãos e pés ao mesmo tempo. Naquele momento contei em sussurro: como quando a mandioca ia para o cesto e era espremida de cima a baixo até soltar a água.

Assim transmutava o meu corpo perto do teu, igual mandioca, e minhas costelas também, mandioca, e

olhando para a sua pele, que deveria ser igual da sua avó que tinha nome de pedra, por isso sabia que você era igual melado.

Melado e mandioca.

No prato.

Misturados.

Camilla Loreta é formada em Audiovisual e História da Arte, em São Paulo. Pesquisa a escrita, o corpo e a imagem por meio das artes gráficas e audiovisuais. Seu trabalho foi publicado pela Editora Caixa e participou de feiras com a Plana (SP e RJ) e Tijuana (SP e RJ) em livros e zines individuais e coletivos. Dirigiu dois curtas-metragens, *Clara* e *O Silêncio das Pedras*, sendo esse último selecionado para a Semana Paulista de Curta-metragem. Participou de diversas residências internacionais e nacionais, entre elas: The Artist meeting em Marianowo (Polônia), onde iniciou a escrita do livro *Sândalo Vermelho e os Gatunos Olhos Dela*, seu romance de estreia como escritora.

MAKTUB

Camilo Gomide

Um breu, seguido de um clarão que revela uma densa teia branca, como a luz de um farol a iluminar a neblina na estrada numa noite escura. O contorno de uma montanha, que se desfaz em um instante, revelando-se o corpo de Joana, sentada à minha frente na beira da cama.

Me pergunta se estou acordado. Murmuro algo na língua falada entre a vigília e o sono, indicando que, sim, mais ou menos. “Sua mãe tá desesperada atrás de você. Disse que é urgente. Ligou até no meu celular, mas não quis falar o que era”. Tento alcançá-la com a mão, mas antes que eu pudesse tocá-la, Joana se levanta e sai pela porta.

Vinte e duas ligações não atendidas e apenas uma mensagem a anunciar: “Maktub está morto”. A contradição entre o desespero das chamadas telefônicas e

a solenidade ridícula daquele texto solitário era um retrato perfeito de mamãe.

A escuridão do lado de fora me faz notar que ainda é madrugada. Pego o celular sobre o peito para ver as horas e vejo que meu irmão está ligando.

“Oi, maninho”.

“Oi. Você falou com a mãe?”

“Ainda não, mas já tô sabendo”.

“Você vai pra lá?”.

“Como assim?”.

“Bruno, cê sabe que seria muito importante pra ela”.

“Cara, eu não vou pegar seiscentos quilômetros de estrada por causa de um gato. Aliás, você sabe que nem sair de casa eu vou. Nem você deveria. Aliás, ninguém deveria”.

Ouçó do outro lado da linha seu suspiro impaciente.

“Não dava pra esperar outra coisa de alguém como você...”

“O que você quer dizer com isso, hein, Júnior...”

“Você sabe muito bem, Bruno”.

Só me dou conta de que o telefone está mudo há muito tempo na página dois de impropérios e sermões inflamados de irmão mais velho. A raiva é substituída por um senso enorme de ridículo, vergonha e culpa. Sou um homem de trinta e tantos anos num embate imaginário com o irmão mais novo recorrendo a estratégias retóricas sofisticados para vencer uma disputa cujas verdadeiras motivações são as carências mais primitivas. De cueca, à beira da janela, às cinco horas da manhã.

Lá fora, algumas poucas janelas acesas. Sento na cama. Deito. Encaro o breu pontilhado por molduras iluminadas. Escuto os sons de Joana no escritório. Seu dedilhado no computador. Cheira a café. Há dias escreve sem parar. Começa de madrugada. Para pra almoçar quando eu aviso que o almoço está pronto. Parece insensível à fome. Tanto faz se a comida fica pronta ao meio-dia ou às quatro. Às vezes a ouço chorar. Se pergunto, ela nega, diz que é a rinite. Há dias não nos tocamos. Falamos apenas o necessário.

Não me lembro a última vez que saímos de casa. Nos dias bons, ouvimos música. Mas isso tem sido cada vez mais difícil, já que nunca sabemos o que ouvir e escolher acaba sendo mais motivo de agonia. Nos melhores dias dançávamos na sala ao som de qualquer coisa. Ouvíamos rádio quando ainda havia rádio.

Tenho lido muito pouco. Estou há dias no mesmo parágrafo, sem conseguir avançar na tradução. A verdade é que estou preso no título, uma palavra apenas, mas uma palavra impossível. “Replacement”, na versão em inglês, resvala no significado. É apenas uma das muitas camadas do termo original. Reposição talvez sirva em português, mas ainda não estou convencido. Substituição está descartado. Mas há, ainda, um sentido subterrâneo na palavra: absolvição.

Reposição tem uma lógica de produto, de peça, que não me parece exatamente o caso, mas, no fim das contas, cai bem. É uma outra camada. Troca, talvez, seja mais adequado. Reposição, troca, substituição, rearranjo, absolvição.

Duas imagens do livro, em especial, não me saem da cabeça. Uma obra de arte composta por um cacho de bananas onde todas as bananas são verdadeiras, menos uma, que é de madeira e tinta. Ao longo dos meses em exposição, as bananas foram apodrecendo, escureceram e murcharam. Luzia entre elas, em toda sua potência amarela, a fruta falsa, intocada. Um homem solitário observa sentado na areia da praia um objeto no meio do mar. Distante, parece um homem. À medida que se aproxima, uma garrafa (seria uma mensagem na garrafa, ele se pergunta?). Já próxima à beira da praia, revela-se um pedaço de madeira. É ele, o observador, o único naufrago, à procura de sentido onde só existe matéria bruta.

Nada vivo permanece e nada vivo permanece o mesmo. O homem na beira da praia não é o mesmo trancado no quarto do início do livro. Não é o mesmo que caminha por um galpão deserto e escuro no meio da noite, não é a criança a enxergar o universo num canto do carpete, não é o jovem bêbado sombrio a queimar numa fogueira todos os seus pertences numa noite alegre de verão. Mas é como se fosse, e talvez seja.

Reposição, troca, substituição, rearranjo, absolvição.

Lá fora, apenas quatro janelas acesas. Um banheiro, três quartos. Uma nova se acende. Uma sala. A sala de estar de um apartamento amplo, janela do chão ao teto. Nada se vê lá dentro. Apenas a luz amarela, como tinta, a recortar uma silhueta escura parada diante da janela. Parece alguém. Alguém de roupão. Mas está imóvel há muito tempo. Me distraio por um segundo e, quando volto a ela, está mais próxima da janela. É definitivamente uma pessoa. Está muito próxima do parapeito. Inerte. Tenho o pressentimento de que está prestes a se jogar. Meu coração dispara. Sinto vertigem e, subitamente, a própria sensação da queda. Me agito sobre a cama, sem saber se desperto ou se estive acordado o tempo todo. A luz da sala de estar do apartamento amplo está acesa, mas não há ninguém na janela. A luz mansa do dia preenche os contornos dos prédios. Joana me chama da cozinha.

Comemos juntos pela primeira vez em semanas. Joana pôs a mesa e fez o café. Cozinhei os ovos e esquentei o pão. Algo em Joana está diferente. Tenho a

impressão de ouvi-la cantarolando enquanto mastiga. Está de bom humor. Até mesmo seu olhar parece disponível. Sou eu que evito os olhos dela. Executo minha rotina dura e automática de movimentos na cozinha enquanto ela, em seus gestos mínimos, parece dançar. Se ela brinca com os farelos do pão sobre a toalha com as pontas dos dedos, eu recolho com a mão firme como uma pá os restos no entorno do meu prato.

De relance, noto um sorriso largo e vagaroso abrindo-lhe os lábios. Ela olha para os dedos sobre a mesa, embolando o miolo do pão. Deixa escapar uma risada e então me conta de um sonho engraçado que teve. Nós dois vivíamos no que parecia um porão, ou um bunker. Eu passava os dias dentro de uma lata de lixo. Morria de medo de espiar o que acontecia no porão. Só colocava os olhos pra fora quando ela me avisava que era hora do banho de sol. O banho de sol, no caso, era um pequeno facho de luz que entrava uma vez por dia pela janelinha minúscula junto ao teto. Ela, por sua vez, passava o dia inteiro agoniada, andando de um lado pro outro pelo porão, tentando achar um jeito de alcançar a janelinha e enxergar o que acontecia lá fora.

Comento que aquilo me parecia mais um pesadelo. Um tanto inverossímil, por sinal, já que o papel da pessoa dentro da lata de lixo cabia muito melhor a ela. “É verdade”, ela diz, sem conseguir conter a risada, “Mas acontece que a gente tava vestido de palhaço. Algo entre aqueles palhaços bem mambembes de festa infantil e aqueles mímicos de rua”. Tento, em vão, conter o riso. Nos encaramos por um segundo, com carinho, e desviamos o olhar, eu, para baixo; ela, pro azulejo. Limpa os dentes com a língua, enrolando, agora, o guardanapo entre as mãos.

“O que sua mãe queria?”

“Me avisar que o Maktub morreu.”

“Como?”

“Não sei, não falei com ela, e a mensagem só dizia isto: Maktub está morto.”

“Hum... A gente devia visitar ela.”

“Joana, por favor. Você sabe a história desse gato...”

“Não. Que história?”

“Eu já te falei disso.”

Joana insiste que não, que eu nunca havia falado sobre, que, por sinal, nunca entendeu direito porque eu evitava tanto o assunto e sempre dava um jeito de falar sobre outra coisa quando Maktub surgia em uma conversa. A simples menção a seu nome já me deixava irritado, por mais que eu disfarçasse. Aliás, eu disfarçava muito mal. Toda tentativa de disfarce era uma denúncia escandalosa.

Resisto um pouco, sem muita convicção, no argumento de que já havia contado a ela toda a história de Maktub e tudo o que ele representava. Joana parece sincera e não teria motivo pra inventar. Eu, do meu lado, andava pouco confiável. Não dormia direito há muito tempo. No pouco que dormia, sonhava muito. Sonhava com situações banais, coisas que eu havia feito no dia, ou que faria no dia seguinte, ou que gostaria de ter feito ou dito nas situações que tinha vivido. Cedo, e conto a história.

Há uns seis ou sete anos, nos últimos meses de vida de meu pai, a doença já bastante avançada, desenganado pelos médicos, mas num momento em que ele andava disposto, ele e minha mãe decidiram ir à praia com uns amigos. Eu e Júnior fomos contra, a princípio, mas como papai se sentia bem e já não havia nada a se fazer, entendemos a importância daquele feriado pros dois.

Na noite do segundo dia, recebi um telefonema de mamãe. Chorava muito e precisou de um bom tempo até conseguir me explicar o que havia acontecido. Haviam saído para um passeio de barco. Pararam numa ilha onde havia uma única barraquinha que servia comida e bebida. Papai já tinha bebido bastante antes de pegar o barco e bebeu ainda mais na praia. Na hora de irem embora, disse que continuaria ali, discutiu com os amigos, ofendeu o barqueiro e foi grosseiro com minha mãe. Todos embarcaram, na expectativa de que, ao vê-los ali, papai ia se tocar e voltar para o barco. Só desistiram quando viram que, mesmo com o boteco fechado, o velho continuou sentado na cadeira tomando um litro de Campari sozinho. Antes de partirem, minha mãe tentou

convencê-lo uma última vez. Ouviu, além dos insultos, que ele continuaria ali até terminar a garrafa e passaria a noite na ilha se fosse preciso.

No hotel, mamãe pagou ao barqueiro para que voltasse até a ilha e passasse a noite de olho nele. Despediu-se de todos os amigos, trancou-se no quarto, tomou um banho e me ligou. Implorou para que eu e meu irmão pegássemos o carro e fôssemos até lá naquele momento. Talvez papai nos ouvisse. Estava extremamente envergonhada e não sabia o que fazer. Naquela época, eu e Júnior já morávamos em São Paulo, mas, por conta do feriado, estávamos na casa deles, no interior, ou seja, a cerca de oitocentos quilômetros de onde eles se encontravam, o que significava que só chegaríamos até papai na manhã do dia seguinte.

Júnior, apesar de preocupado, achava um pouco de graça naquilo, “o velho é foda”, ele dizia. Eu passei a viagem inteira desejando encontrá-lo morto. A vida inteira papai fez esse tipo de coisa. Humilhava as pessoas, principalmente aquelas que ele julgava inferior a ele (garçons, faxineiras e funcionários em geral). Destratava minha mãe em público, em especial quando estava

bêbado, o que acontecia com frequência. Ela jurava pra mim nunca ter apanhado dele, coisa que eu nunca engoli, por ter visto com meus próprios olhos quando criança. Achei que, com a proximidade da morte, papai encontraria algum tipo de redenção. Estava claro que não.

Chegamos no hotel com o nascer do dia. Encontramos mamãe direto no porto, onde pegamos uma voadeira até a ilha. Quando chegamos na praia, papai dormia de barriga pra cima na areia, apesar de toda a luz e o calor do sol. Fiquei no barco com mamãe e Júnior foi acordá-lo. Júnior sentou-se ao lado dele e o sacudiu. Papai sentou-se devagar. Ficaram ali um tempo, conversando e rindo. Chegaram como se voltassem de um passeio. “Tá salvo o naufrago”, brincou Júnior. Mamãe chorava em silêncio atrás dos óculos escuros, de cabeça erguida, enrolada numa canga. Eu evitava olhar pros dois. Tremia de raiva. Ao chegar no hotel, arrumamos rápido as coisas, tomamos o café da manhã e partimos. Quase nada foi dito nas nove horas de estrada.

No dia seguinte, papai estava resfriado. Em três dias, o resfriado evoluiu para uma pneumonia. Na mesma

semana, seu estado de saúde, que já era delicado, piorou drasticamente. No sétimo dia, foi encaminhado à unidade de tratamento intensivo, onde passou três dias até, finalmente, morrer. Morreu minutos antes do horário de visitas. Recebi o telefonema informando sua morte enquanto dirigia, a caminho do hospital. Mamãe estava ao meu lado e pressentiu pelo tom da conversa o que tinha acontecido. Júnior também. Quando comecei a falar, mamãe me interrompeu, disse que não havia nada a ser dito, e seguimos.

Passamos o dia inteiro no hospital, lidando com toda a burocracia que envolve a morte de alguém. Mamãe estava tranquila, um pouco aérea, mas tranquila. Cuidou de tudo como se organizasse uma festa. Não lembro de a ver chorar nesse momento, nem mesmo quando viu o cadáver de papai. Emocionou-se como se o visse pela primeira vez.

Quando voltávamos pra casa, teve um acesso de choro tão intenso que pensei em parar o carro para acalmá-la. Seus soluços e gemidos me desorientaram. Não sabia se olhava pra ela, pra pista ou se procurava um lugar para encostar. Foi quando algo saltou diante do

carro e eu freei com tudo. Estávamos todos sem cinto. Mamãe e eu demos com a testa no vidro; Júnior foi de peito no meu banco, mas nada grave. Ficamos todos em silêncio. Mamãe foi a primeira a vê-lo. Abriu a porta e foi até a dianteira do carro. Agachou-se e, quando se levantou, tinha um gatinho branco no colo. Veio até a janela e nos apresentou: Maktub.

Daí em diante, não desgrudou mais do gato. Levou-o até ao velório. No começo, achei bom que ela tivesse encontrado algo que pudesse servir como apoio naquele momento. Seria uma boa companhia agora que ela estaria sozinha. Mas, com o tempo, a relação com Maktub foi ganhando ares insólitos. Todas as esquisitices que as pessoas que gostam muito de bicho fazem ganhavam um grau a mais com mamãe. Não só ele dormia com ela, como tinha roupa de cama especial bordada com o nome dele, nutricionista, dentista e por aí foi. Mamãe chegou até a fazer uma espécie de altar pra ele. O gato, não preciso nem dizer, de dócil passou a uma criatura insuportável. A impressão que eu tenho é que a partir daí a saúde mental da minha mãe foi degringolando. Passou a acreditar em todo tipo de

bobagem e ideia maluca, entrou pra igreja, passou a compartilhar teorias da conspiração, enfim, a negar a realidade de todas as formas possíveis, a ponto de não perceber que tudo desmoronava não só lá fora, mas dentro de sua própria casa. Deu no que deu, mas o pior não foi isso, o pior foi ver o que se instalou nos olhos dela, parece possuída por uma entidade semiviva, opaca e cega. Não sei.

Neste ponto do relato, Joana, que até então estava séria, começa a gargalhar. Ri e chora ao mesmo tempo. Tenta se controlar, sem sucesso. Quando finalmente consegue parar de rir, seca os olhos, pede desculpas e diz que era tudo muito triste, mas, ao mesmo tempo, muito engraçado. Ela diz que havia uma coincidência muito curiosa na história de Maktub. O livro que ela finalmente acabara de escrever era sobre um homem que parte numa viagem de navio, sofre um acidente, que o deixa cego e surdo, e o lança ao mar. Ele consegue se agarrar a uma boia e acaba sendo devolvido pela corrente ao lugar de onde partira. Acontece que ninguém em seu vilarejo gostava dele e, quando percebem sua situação, passam,

simplesmente, a ignorá-lo. Dessa forma, o homem crê ser um náufrago quando, na verdade, vive entre os seus.

Quando dou por mim, estamos os dois rindo e nos olhando nos olhos. Em silêncio, nos damos as mãos. Começo a chorar. Joana também. Ficamos assim por alguns minutos até que ela quebra o gelo com a proposta de visitarmos minha mãe. Reluto um pouco, mas acabo por concordar. Digo que vai ser bom sair um pouco de casa, por mais difícil que isso seja. Enquanto arrumo a cozinha, Joana compra passagens de ônibus pra gente. Ligo para minha mãe e aviso que estamos indo. Ela parece feliz.

O resto do dia passamos arrumando a casa e procurando formas de amenizar a ansiedade. Oscilamos entre a angústia e a euforia. Encontro discos antigos e coloco pra tocar na vitrola. Dançamos na sala. Pedimos comida. Bebemos um pouco até dar a hora de sairmos para a rodoviária. Faltando uma hora, chamamos um carro. Me distraio com as luzes da cidade e os faróis. Peço para o motorista desligar o ar-condicionado e abro a janela. Joana sorri e faz o mesmo. Sinto no ar cheiro de chuva e aquele cheiro indescritível de São Paulo que

nunca senti em outro lugar, um cheiro ocre, de gás. É bom estar na rua.

O trânsito está travado. Começo a ficar preocupado. Faltam 15 minutos para o horário do ônibus e ainda estamos no meio da Pacaembu. Quando chegamos à rua da rodoviária já passam cinco minutos do horário da partida. Saltamos do carro e corremos em direção ao terminal, já sem esperanças. Na plataforma, somos informados que o ônibus acaba de sair. Joana diz pra eu tentar alcançá-lo na rua, há uma fila de ônibus na saída, talvez o nosso seja um deles. Ela fica de olho nas malas e eu saio correndo com a mochila nas costas. Encontro nosso ônibus parado. É o penúltimo de uma fila de sete ou oito. Imploro ao motorista que me deixe entrar, peço que espere minha esposa, digo que não podemos perder aquele ônibus em hipótese alguma, é o velório de meu pai. O homem parece comovido, abre a porta, mas diz que se minha mulher não chegar até a fila andar não pode fazer nada. Aceno desesperado à Joana, volto correndo pra ajudá-la. Ela vem correndo em minha direção, arrastando como pode as malas. Enfim alcançamos o ônibus e conseguimos embarcar. Agradeço

várias vezes ao motorista e seguimos até nossas poltronas.

Ainda ofegante, começo a falar sem parar. Falo pra Joana o quanto seria irônico se morrêssemos agora em um acidente. Depois de já ter perdido o ônibus, trapaceamos o destino, que acabara de nos salvar. Joana ri e manda eu virar a boca pra lá. Seríamos como as pessoas que embarcam de última hora num avião que cai.

Que desperdício enorme nossas vidas, Joana, tanto tempo perdido com cada coisa inútil, tanta expectativa, tanta energia acumulada pra se acabar preso às ferragens de um ônibus executivo no fundo do Rio Tietê. Já te falei que o Tietê foi a primeira coisa que conheci de São Paulo? Foi uma péssima impressão. Naquela época fedia muito. Era um cheiro horrível de merda que invadia as janelas do ônibus mesmo fechadas. Eu tava sentado no corredor, do outro lado, e só conseguia ver um pedacinho da janela, por onde não dava pra ver mais do que um canal cinzento e um monte de carro. Me senti num dos filmes apocalípticos que assistia tarde na TV nos fins de semana na casa dos meus primos, minha mãe nunca me deixava assistir esses filmes, mas meus tios não se importavam.

Essa viagem foi uma excursão da escola, eu tava na quinta ou quarta série, não tenho certeza. Um bate-volta pra passar uma tarde no MASP. Olha a ideia, mil e duzentos quilômetros pra passar uma tarde no MASP. Acho que foi a única vez que eu fui no MASP. Olha que absurdo, faz 15 anos que eu moro em São Paulo, pertinho da Paulista, e nunca fui ao MASP. Precisamos ir ao MASP, amor.

Joana responde que sim, amor, precisamos ir ao MASP, mas agora se acalma e tenta dormir, eu já tô com sono e você precisa ficar quieto. Dou risada, tento me aninhar a ela, mas o braço das poltronas me impede. Percebo que, além de agitado, estou um pouco bêbado. Não vou conseguir apagar tão cedo. Tomo um comprimido pra dormir, me acomodo de barriga pra cima na poltrona e coloco pra ouvir um álbum antigo que fala sobre o tempo e a morte. Vou me acalmando aos poucos. Percebo meu corpo em contato com a poltrona, totalmente colado a ela. Sinto a vibração do motor, a trepidação da estrada. Somos um só corpo. As luzes da cidade ficaram para trás. Apenas duas fileiras de neon iluminam o corredor. Lembram uma pista de pouso num cenário futurista. A escuridão toma conta do interior do

ônibus. Me entrego a ela sem saber se é o fim ou se adormeço.

Camilo Gomide é jornalista, doutorando em Teoria Literária e Literatura Comparada na Universidade de São Paulo (USP) e escritor. Teve textos publicados na revista *Vício Velho* e nas antologias *Contos Brutos - 33 textos sobre autoritarismo* (editora Reformatório) e *Antologia da resistência - a poesia queima* (editora Patuá).

A DESBRAVADORA DA CASA ABANDONADA

Débora Ferraz

– Parece que vai aparecer um tigre aqui a qualquer momento.

Danilo parou com o pé apoiado numa parte mais alta da raiz da árvore e olhou para cima, franzindo o rosto e permitindo-se por alguns segundos o deslumbramento de invadir aquele espaço proibido.

– Ou algum outro bicho. Macaco, urso, pantera. Sei lá... Parece que estamos noutra ecossistema.

Ninguém lhe deu ouvidos. As meninas iam na frente. Tinham pulado uma a uma o muro do quintal de Clarissa para a casa abandonada, enchido os bolsos com sacolas plásticas para roubar seriguela, carambola, fruto-

do-conde. O ar estava gelado e úmido, como quase sempre às cinco da manhã. E então, de repente, isso fez Aline hesitar.

– Tem cobra? – perguntou ela com os tornozelos quase afundados num montinho de folhas secas. – Porque cobra, sim, seria um bicho preocupante.

Mas Clarissa não respondeu nada. Continuou andando na frente de todos, liderando a expedição. Não há um ecossistema preocupante para uma grande desbravadora. Foi o que ela pensou. Suas pernas finas estão acostumadas aos cortes e ferimentos, sua noção de equilíbrio e facilidade para encontrar os buracos debaixo do tapete de folhas abre caminho para os demais. Sua boa capacidade de abstração conseguiria recriar ali nas ruínas o cenário perfeito para uma aventura cheia de riscos ocultos. Sua cabeça se comporta como se guiasse uma expedição na floresta e nisso, os outros, sem muita alternativa, embarcavam lhe seguindo, primeiro Marianne, a uns quatro passos de distância, Aline logo atrás dela e então Danilo vinha por último, um tanto cabreiro, olhando pros lados.

– Eles vão acordar antes de a gente estar de volta – ele disse. – É certo que vão.

De fato, havia essa sensação de estarem longe. Houve uma mudança de atmosfera que sentiram imediatamente ao descer do muro, aterrizando agachados no quintal lateral, onde ficavam as principais fruteiras, da casa dos Fonseca. Um espaço que se ampliava, agora, com o som dos passos de Clarissa até outro ambiente igualmente verde. Ela abria o caminho pela piscina de folhas úmidas na qual o chão havia se transformado, a passagem era coberta por um arco de metal que se perdia estrangulado pelas trepadeiras.

– Eu lembro daqui – Clarissa disse

– Claro que lembra. – falou Marianne, assegurando-se que pisava exatamente sobre as pegadas de Clarissa e muito atenta ao chão como se armasse um plano contra as cobras imaginárias de Aline – Você mora do lado.

– Quero dizer que lembro daqui como era antes.

Ela parou abaixo do arco.

– Isso aqui era fantástico. Vocês não têm ideia. Imaginem: essa planta aqui dava umas florzinhas... E esse negócio sustentando elas é de ferro, sabe... Como bancos de praça, pintado de branco e fazendo desenhos enfeitados... Aqui ficavam as mesas para receber quando tinha festa... Vocês tinham que ver. Era incrível. Meus pais foram convidados várias vezes.

Teve vontade de falar mais. De falar de tudo o que lembrava de uma dessas noites que foi um pouco todas as noites daquela primeira infância. De quando os pais sentavam à mesa com uma porção impossível de mensurar de outros adultos.

Lembrava dela mesma como se pudesse se ver de fora metida num vestidinho branco de organza, passando por baixo desses arcos, caminhando na direção do quintal”.

“Não entra aí não, menininha, é escuro.” Ela tinha olhado para trás e encontrado aquela figura: um homem forte de cabelos encaracolados, que olha pra ela e diz: “Você vai cair e se machucar.” Ela se lembra que

achou tudo um exagero, ela não era mais tão pequena assim.

E, hoje, toda essa descrição que ela fazia do lugar – grades de arame, mesas, flores – não era coisa que desse muito bem para imaginar, já que, de alguma forma, os maravilhosos jasmins-da-índia pareciam agora trepadeiras comuns e que abraçavam não só o pergolado, mas também as paredes úmidas e cheias de musgo, os espinhos do lado externo do muro, e derramavam-se num bolo quase criando raízes do outro lado. Os pés arrastam a piscina de folhas caídas ao passar.

– Era bem assim, antes – ela dizia.

E antes do quê, exatamente, era uma questão que parecia não ter importância alguma.

Atingem o meio desse corredor de plantas rasteiras, atentos à narração, com as sacolas de plástico farfalhando vazias e seguindo adiante até o jardim da frente, onde ficavam as oliveiras, acácias e castanholas.

Aqui é a frente da casa. Ela faz um gesto redundante. De mãos espalmadas para os portões enferrujados.

Só de frente dava pra ter uma verdadeira noção da tragédia dos Fonseca. As paredes nuas, em ruínas, sem teto, sem móveis. As pilastras cobertas de uma cerâmica suja e o piso meio quebrado de um modo que nem parecia fisicamente possível. Aline ainda se aproximou mais dali encostando a testa na grade cheia de ferrugem e virou um pouco a cabeça e franziu as sobrancelhas.

Como vamos entrar? Ela perguntou, intrigada, e Clarissa fez um gesto com a cabeça fazendo com que a expedição seguisse em frente até a outra lateral da casa, onde havia um portãozinho menor.

– Aqui, vamos.

Como a casa estava abandonada há pelo menos cinco anos, o que Clarissa fez foi afastar uma das tábuas ali dentro e esperar que os outros passassem pra dentro e constatassem, ao entrar, uma certa tristeza que outros já tinham estado lá antes. Havia um bom número de garrafas de cerveja e pinga, pontas de cigarros fumados e as paredes estavam pixadas com nomes diversos, algumas vezes dentro de corações feitos com caneta hidrocor vermelha e borrada ou com tinta de tijolo de construção.

– Você não vem?– disse a voz de Aline lá de dentro enquanto Clarissa demorava-se um pouco mais, para efeitos mais dramáticos, esperando que eles olhassem lá de dentro a falta do teto e o céu limpo longe das árvores.

– Entra logo.

E foi quando ela entrou, espremendo-se ali no pequeno espaço entre as tábuas, tentando, ao mesmo tempo deslizar o corpo e manter a tábua afastada, que Danilo fez a grande pergunta:

– Onde ficam as coisas mal-assombradas, afinal? Perguntou Danilo, e Aline, a mais velha, com 12 anos não conteve o riso.

– Ali, ó.– Disse apontando para uma camisinha esquecida que se esgueirava por baixo das folhas. – Não me diga que ainda acredita nas coisas que Clarissa inventava sobre as vozes de pessoas mortas que vinham daqui.

A própria Clarissa ri um pouco e protesta:

– Ei, as vozes eram reais.

– Sim – Aline concorda –, mas acho que vinham de pessoas bem vivas.

Marianne riu alto, qualquer menção sobre sexo lhe fazia rir exageradamente.

Mas Danilo continua olhando pra cima o tempo todo, o céu azul, e a copa das árvores que continuam os envolvendo pelas laterais.

– Por que boa parte dela não tem teto? – ele questionou

– Dã. Qual o teto que resiste a um incêndio? – implicou Aline, novamente.

– Não sabia que tinha sido um incêndio.

– É. Há quem diga que foi pura depredação. – Clarissa diz. E pensando bem, realmente não lembrava de incêndio nenhum por aquelas bandas, embora morasse ali desde os tempos em que a casa ainda era bonita. Marianne aproxima-se das janelas de madeira abertas que davam para o jardim.

Clarissa prossegue: a história é que foi tudo uma briga de casal. Iam separar. A mulher queria ficar com a

casa. O marido não queria que ela ficasse, mas aí a justiça deu a ela o direito...

– Mulher sempre fica com tudo – ele resmunga e leva um tapa de Aline.

– Só que aí ele disse: se a casa não fica comigo, não fica com ninguém. E botou fogo em tudo.

– Devia ser uma casa tão linda!– falou Marianne, voltando da janela para o centro do cômodo vazio.

Tá brincando? Era um casarão! Clarissa diria. Mas ficou calada porque sem, as coisas ali dentro, parecia ser mesmo tudo muito menor. Eles entraram na sala de estar, a única parte mais escura sem a claridade do céu.

– Não faz sentido porque geralmente acontece diferente – insiste Danilo, que vem por último, e encarando os próprios pés. – O cara vai querer matar a mulher, não a casa.

– Falou o psicopata.

– É sério. Vocês não assistem tevê? Os caras se separam, querem matar a mulher pra que ninguém mais possa ficar com ela.

– E você conhecia o casal, Clarissa? – Marianne quis saber, procurando observar a existência de bichos abaixo de uma prateleira de concreto no corredor.

– E por que aqui tem teto? – continuou Danilo.

– Porque aqui é laje. Tem outro andar aí em cima.

– Cara, por que alguém deixaria um sofá pra trás?

– Aline reparou.

Era um sofá aristocrático, alto, parecendo um trono de rei do século XVIII, completamente rasgado e depredado. Na cozinha, um balcão alto de um material metálico continuava ali todo amassado junto a uma enorme mesa de madeira de lei.

– Não faz sentido – contestou, Danilo. – Se fosse um incêndio, a madeira teria queimado junto, não?

– Podem ter trazido depois – contrapôs Aline.

– Quem traria uma mesa desse tamanho pra uma casa abandonada?

– As mesmas pessoas que trazem a cerveja?

– Claro, porque uma mesa de dois metros e pesando uma tonelada é tão fácil de transportar e de

colocar aqui dentro quanto uma garrafa de pinga. Não lembra do aperto que foi pra a gente passar?

– Dá-se um jeito.

– Mas de todo jeito... ainda seria preciso uma explicação para a falta de um teto – ele diz como se para si mesmo.

– Do que diabos vocês dois estão falando? – quis saber Marianne.

– Foi incêndio ou não? – ele prossegue.

– Pessoal, vem cá..

Eles subiram a escada que dava para o primeiro andar e, a cada passo, começavam a sentir um pouco menos a presença dos intrusos e um pouco mais a deles. Era uma laje batida, com uma cerquinha tal qual uma varanda e um único cômodo, bem pequeno, também sem teto, mas coberto por musgo e tábuas de madeira.

– Não tem nada aqui – falou Danilo.

Os quatro haviam chegado até o topo da casa. Aquele cômodo extra que brotava da casa como um caroço, mas que, abraçado pelas árvores altas, nem era

notável. Aline e Mariane foram para a beirada primeiro. A superfície era de concreto batido e estava gelada ao toque, desgastada e cheia de rachaduras.

– Dá pra ver o terraço da casa do João Pipoca daqui – falou Marianne.

– João Pipoca. Que tipo de nome é esse? – perguntou Danilo.

– É que ele vive pulando quando anda nos *rollers* – explicou Clarissa.

Aline andou para os dois lados, olhou o quintal da casa, olhou a diante, por fim impacientou-se.

– Nós vamos pegar as seriguelas ou não?

Desceram ouvindo ainda o ranger das tábuas.

– Olhem aqui, suas meninas bestas, Clarissa pode falar o que quiser, mas, pra mim, tem mais caroco nesse angu. Quer dizer. Pra que queimar a casa? E por que não aproveitar o terreno? Quem se livrou daqui queria se livrar de verdade. Talvez seja realmente mal-assombrada essa casa. Talvez um espírito perturbado vivesse aqui.

Saíram por uma pequena brecha na vedação da porta da cozinha, que dava para uma escada alta, cheia de degraus de concreto e que serviriam bem como arquibancada na hora de comer as frutas.

– Um espírito sim, pode ser um belo dum motivo prum divórcio. Sabe, sempre é assim.

– De onde ele tira essas histórias? – Marianne perguntou

– Tá assistindo muito filme de terror – explicou Aline –, mas é só ignorar que ele para.

– E pra livrar-se de um espírito não tem outro jeito, é abandonar tudo. Botar fogo é uma solução também. Mas nem sempre. O Mal é uma entidade. E quando gruda num lugar, não há quem tire. Vejam bem o tamanho dessas árvores. A quantidade de fruta. Tem alguma coisa plantada aqui que permite essa anomalia. E a madeira que não queimou?

– Vou subindo na frente – disse Aline. – Ó, Marianne, se tu não quiser subir, os frutos-do-conde tão bem baixinhos.

– Eu vou atrás das azeitonas – disse Clarissa.

– SÉrio? Não é muito alto?

– Então, digam o que quiserem, eu realmente acho que tem algo muito estranho aqui.

– Deixa de besteira e sobe aqui.

Uma exploradora nata também sabe que a coleta de frutas varia de fruteira para fruteira e declara como preferidas as azeitonas só porque são mais difíceis de tirar. O tronco parece o de um coqueiro, sem galhos grossos que facilitem a escalada. O jeito, então, é subir no pé de castanhola, vizinho a ele. Apoiar-se nos galhos firmes. Contrair o abdômen para ganhar equilíbrio e esticar os braços longos, os dedos longos para apanhar as frutinhas pretas da outra árvore. Tenta passar para o galho mais acima. O corpo sentado com uma perna de cada lado do galho, como se montasse à cavalo, vacila um pouco, mas nada que um belo ajuste, abrindo os braços, não resolva. Ela segura então com as mãos o galho de cima enquanto apruma o tronco e firma os pés. Um ligeiro impulso lhe ajuda a subir. Escuta o som de galhos balançando, de frutas sendo arrancadas do outro lado. Da sua parte, demora mais conseguir alguma coisa. E o

primeiro movimento é o de balançar a árvore para ver o que cai lá de cima para só depois, posicionando-se melhor, partir para puxar umas com a mão.

É quando, ajeitando-se melhor no tronco, consegue ver o pátio da própria casa e a janela do quarto dos pais. Uma cortina se move.

– Acho que eles acordaram— ela diz, como se gritasse, e os outros pulam imediatamente das árvores.

– Vamos embora, então.

É quando a desbravadora percebe que cometeu um erro crasso. Escalou sem considerar o tempo que levaria pra descer.

– Pula.

– Não dá. É muito alto, tenho que descer aos poucos.

– E aí?

Ela vai ter que elaborar um plano. É culpa dela. Clarissa, foi você que inventou essa brincadeira estúpida? Quase ouve a mãe perguntar.

– Corram rápido. Digam que estou no banheiro de trás.

– E a escada?

– Vão logo. Eles estão acordando.

Clarissa encolhe-se no galho e fica ali, imóvel esperando os outros pularem o muro e descerem pela escada do outro lado, o que acontece mais rápido do que imaginava. É o tempo, ela calcula, pra que os pais saiam dos seus quartos, passem pelos banheiros, deem pela falta das crianças na sala, procurem por elas na cozinha, no terraço de frente, no jardim e, finalmente no quintal do parquinho.

Elas já estarão lá. Um a um, dá pra ouvir: primeiro Marianne, ajudada por Aline, depois Aline e por último Danilo, saltando para o muro e descendo pela escada. É possível ouvir com nitidez dali de onde está, no galho da castanhola, as crianças se espalhado lá embaixo, arrastando a escada do lugar, do muro junto do peso de alguém subindo no escorregador e o gira-gira começando a girar. Há uns dez segundos, talvez, depois, de completo silêncio, talvez vinte. Clarissa considera: será que as

cortinas realmente se moveram? Não saberia dizer. Sabe que agora o arranjo está feito, e demora um bocado, na sua opinião, até que a mãe de Aline coloque a cabeça para além da porta.

– Vocês já comeram alguma coisa?, ela pergunta sem nem notar que falta um no grupo.

– Não estamos com fome, agora.

E então a vê voltando e fechando a porta atrás de si. Por um segundo pensa em descer rápido e voltar para o parquinho pelo mesmo caminho dos outros, mas não pode. Agora a escada vai ter que ser arrastada. Ouve a voz de Marianne.

– E como Clarissa vai sair?

– Ela vai dar um jeito.

É. Continua disfarçando.

Clarissa desce devagar para o galho mais baixo, mas, na pressa, decide pular de lá direto para o chão. São uns dois metros e meio, calcula. Mas o chão de terra batida, as folhas úmidas devem amortecer a pancada. Erra. E sua aterrisagem precisa ser auxiliada pelas palmas da mão,

que encontram o concreto abaixo das folhas. A dor do impacto é imediato nos joelhos. Seu primeiro pensamento é: putz, vou ficar sem conseguir patinar. E faz uma careta para não gritar e rola no chão de folhas enquanto os cachorros da casa de João Pipoca latem desvairados. Olha as mãos que ardem. A pele das palmas havia se aberto e estava pendurada. A fenda manchada de terra revela a carne branca lá dentro, que logo fica vermelha e começa a pingar de sangue. Arde pra diabo. Ela assopra querendo limpar o ferimento, mas só consegue sentir mais dor. Ela se ajeita, examinando bem o corte. Partes do corpo, há um segundo amortecidas, passam a arder muito e as articulações dos joelhos e tornozelos ainda doem, mas pareciam ter suportado o impacto. A garganta começa a apertar. Ouve uma voz do outro lado do muro:

– Tá tudo bem aí?

Ela não responde. Aquilo, aquela voz do outro lado lhe dava um súbito aperto na garganta. Ela não consegue conter as lágrimas. Não é por causa da dor física, nem também por conta do medo, embora esteja sim, claro, morrendo de medo. Medo de estar com algum dano físico

que não reparou antes, medo de não saber sair dali de dentro, medo de ter que ir para o hospital, medo de encarar os pais depois da desobediência, mas chora, caladinha, sobretudo de frustração. Era como se a casa e ela houvessem rompido um pacto. Como se a casa estivesse se vingando de sua presunção e se aproveitado de seu excesso de confiança, daquele momento mínimo de descuido em que subiu nos galhos mais altos e a aprisionou ali pra sempre.

Ela não é mais a grande exploradora corajosa. É só uma menina de dez anos, machucada. Mas, pelo sol, já deve passar das seis da manhã e está dentro de uma casa abandonada. Não há ninguém ali que possa ajudá-la. Ela resolve levantar e vai mancando para o início do jardim. Olha pra cima. O muro não é muito mais alto que ela. Poderia ignorar a dor e tentar pular pro outro lado, chegando à calçada da rua principal. Mas está tudo coberto de espinhos e há uma cerca extra com arame farpado envolvendo aquele lado. Então percebe que algo não está bem, seu corpo está suando e há uma leve sensação de perda de calor generalizado. Suas pernas estão ficando um tanto moles e é preciso apoiar-se num

tronco para manter o equilíbrio. É quando começa a ouvir os sons de um miado que vem de dentro da casa.

Pensa primeiro que seria tolice entrar ali dentro, por um breve momento, brinca com a ideia de que Danilo poderia estar certo. Podia haver mesmo algo de muito errado com aquele lugar, mas depois reconhece que, na visão panorâmica da laje, pode estar a ideia de como sair dali. Os miados vão se tornando mais altos à medida que se aproxima da tábua móvel que dá acesso ao interior da casa. Ela repara que vem de trás de uma árvore que está ali do lado do corredor. Afasta os galhos com o braço e vê, ali atrás, num corredor estreitíssimo e junto ao mato, uma ninhada de gatinhos pretos e brancos e uma gata pesadamente deitada sobre o próprio corpo.

A cena lhe anima. Olha só que bonitinho. Mas depois dessa boa impressão inicial, um certo mal-estar se apossa dela. Um dos gatinhos está todo encolhido, preso entre os galhos de um espinheiro, e a gata lhe olha de um jeito bem ameaçador, apesar de não se mover. Ela percebe que, quando um dos gatinhos se aproxima, tentando mamar, ela os repele com as unhas enquanto

encara a invasora. Acredita que deve haver algo muito errado ali, pois eles mal conseguem andar direito.

Dá dois passos pra trás, soltando o galho subitamente, e escondendo de novo a ninhada. Mas agora já não consegue deixar de prestar atenção naquela direção. É quando vê, bem na brecha de um caixote de madeira, um dos gatos, um pretinho, com detalhes brancos, a lhe mostrar os pequenos dentinhos com um tipo de sangue escorrendo no pescoço.

– Que houve com você, gatinho?

Aí repara que entre as patas dele há uma enorme lagartixa sem cabeça. Ela se afasta. Ele havia caçado e arrancado a cabeça da lagartixa e agora comia aquilo lhe encarando. A visão lhe dá um mal-estar. Nojo, sim, claro, como não sentir nojo se as vísceras do pequeno réptil estavam expostas e aquele bichinho, tão fofinho apertava tudo ainda mais e mastigava tudo sem qualquer hesitação. Dava nojo, sim, mas dava sobretudo uma espécie de pavor que ela não consegue explicar. Há algo muito muito errado acontecendo mesmo por aqui. Ela se desespera. precisa sair dali imediatamente. A tontura

aumenta. Então, juntando todos as forças, ela força uma envergadura na madeira do portão principal. A força lhe faz puxar muito oxigênio e hiperventilar, mas ela tenta manter a calma, a respiração, e assim consegue rastejar, passar a cabeça e ombros pela abertura. Quando chega do outro lado da rua, no entanto, precisa parar, respirar um bocado, processar tudo, antes de dar a volta na esquina e correr de volta para a própria casa.

Débora Ferraz nasceu em Serra Talhada-PB, é jornalista, doutora em Escrita Criativa pela PUCRS e seu primeiro romance, *Enquanto Deus Não Está Olhando*, foi vencedor da 10ª edição do Prêmio SESC de Literatura e do Prêmio São Paulo de Literatura na categoria autor estreante com menos de 40 anos.

TRILOGIA DO RESGATE

Eltânia André

Pernoito nos dentes da noite.

Suponho que vai amanhecer

um destes dias.

Al Berto

MAIS TRÊS MINUTOS.

Ela acordou com o som histérico do interfone, olhou para o relógio digital: quarta-feira, treze de outubro, 9:12; sem entender o que estava acontecendo, desceu à portaria ainda de camisola para verificar quem a chamava com tanta insistência.

– *Seu Cícero, o que está acontecendo?*

– *Dona Escobar, o moço da Eletropaulo está aqui para cortar a energia do seu apartamento.*

Por qual motivo eu ou o Gaete não pagamos a conta? Questionou-se ao retornar pelo corredor que parecia interminável e asfixiante. Escobar mora há uns dez anos num prédio na Peixoto Gomide, local privilegiado de São Paulo, quase esquina com a Paulista, apartamento de cinquenta e dois metros quadrados, mas prédio de luxo – fique sabendo desde já. Lá tem uma academia bem equipada; piscina em L, pouco frequentada; jardim que circunda o salão de festa com capacidade para cinquenta pessoas. Estranhos vizinhos que iam e viam sem ao menos um sorriso espontâneo no rosto; nos olhos indiferença ou medo – como saber? O muro era bem alto, pois há de se prevenir contra os inimigos, já que a violência urbana tem nome e sobrenome, por isso todo cuidado é pouco. E o síndico, com a sua lógica de condomínio, repetia aos ouvidos do Dunker: mais grades, mais câmeras, mais alarmes, tudo em conformidade com os manuais de segurança e com as regras de convivência que se reciclam; eis a saída utópica.

Condomínio caro, *ah, mas vale o sacrifício*, repetia o marido, *localização é tudo*.

O corredor parecia alongar, enquanto a mulher ruminava de si para si: *não acredito que o Jorge está fazendo isso comigo. Nunca passei por uma humilhação como agora*. O vizinho do 21 parou para ouvir a conversa, ela sentiu-se nua diante dele – *Que vergonha! Por que não troquei de roupa? Essa transparência me horroriza*. Escobar já adiantava o caos e seus pensamentos acelerados iam em direção contrária à disciplina. O superego lançado para a galáxia liliputiana, não se queixava de nada e gozava a pausa merecida.

– *Não posso esperar mais do que cinco minutos, essas são as regras* – afirmou o funcionário da empresa de energia elétrica numa conversa paralela com alguém no telefone. *Desculpe, senhora, não posso fazer mais nada. A energia está cortada. Isso não é nada para aqueles que estão soterrados a 688 metros de profundidade... veremos o maior resgate do mundo, tenha esperança, senhora. Uma mina de exploração de cobre e ouro, vale os riscos, mas para quem? Para*

Galleguillos? Para mim, sei que não. E o Herrera, que história tem para nos contar?

O cretino, seja quem for, terá a lição que merece. Farei as minhas malas e irei para qualquer lugar. Viajarei no primeiro pacote de turismo que encontrar e, quando ele, chegar vai ter uma surpresa, que fique com a escuridão. Adeus! Mas o sono foi maior que o desejo de fuga. Adormeceu! Quando despertou como quem ainda não chegou ao ponto crucial de uma maratona, foi logo procurar a tal conta do mês retrasado para tentar chegar a uma conclusão. As coisas não faziam sentido. Era manhã e havia sol, e para que a claridade entrasse pela janela, Escobar, em gestos automáticos, puxou as cortinas da casa e uma luz deslumbrante e lavada, talvez vindo do Tejo, sobrepôs-se sobre os móveis, em especial sobre a cômoda e o espelho oval – herança de sua vó Margarida; mas ela, insensível àquela claridade vinda doutras terras, abria todas as gavetas do armário em busca da pasta de documentos – não deu atenção ao momento do pique-esconde onírico e não se abriu ao lúdico nem ao jogo com novas cartas. Decidiu procurar no armário do quartinho junto à área de serviços, e a primeira coisa que viu dentro

de um velho baú foi um coadjuvante do passado, o pau-brasil dando formas ao objeto. O irritante pedaço de madeira com os fios de crinas de cavalo capturou de longos séculos todos os chistes que agora lhe apontam os dedos; acusando não só a si, mas a todos de súditos do Rei. Gargalhadas histéricas soaram de sua boca. Que piada há quando a porta de saída do labirinto se fecha? Escobar não tinha escolha diante da impossibilidade de fechar o ouvido, esse buraco que não cicatriza. Destino é tudo o que já aconteceu. *Renda-se*, repetia o coro grego. *A voz do povo é voz divina!*, já dizia o seu tio Wagner. Há muitos e muitos anos, quando morava em Pinhal, fez parte da sinfônica da cidade, sonhava em entrar para escola de música em São Paulo e quem sabe depois de anos fazer parte de uma orquestra popular, mas aquela menina não cabe em sua grandeza neste fragmento que chamamos “agora”. *Now!*

Farta de suas reminiscências, jogou o instrumento contra a parede imóvel, tudo se traduzia em incompreensão. Para não se entregar, pois não conseguia encarar o fundo obscuro e vertical de sua queda, recordou-se da cisterna da Dona Conceição, onde os

moradores iam buscar a água das entranhas da terra, saíam com os baldes cheios e o líquido transbordava, deixando seu rastro pelo caminho. Não pôde mais conter o dique, assustada quis fugir; era a única opção para evitar o combate, assim, retornou quase num voo para o seu quarto, pegou a mala e foi enchendo de roupas de forma aleatória, não sabia se lá fora estava frio ou se mansidão. Iria viajar, era a única certeza daquele instante. *O Gaete (Gaete? Que nome estranho. Melhor chamá-lo de Cláudio) que se vire quando voltar, não posso resolver tudo.* Sentia-se confusa, para onde ir? Telefonou para a agência de turismo, fechou um pacote para Miami, seguiria à noite com escala em Copiapó. Bom, pois teria tempo de rever as focas de Caldeira e de abraçar o Osman, pescador noturno, e lhe perguntar, enfim: *está tudo bem, meu caro?* Terminou de arrumar a mala e lutou com o fecho e o cadeado, enfim venceu uma batalha. Entrou debaixo do chuveiro e, quando a água gelada atingiu o seu corpo, foi que recordou da falta de energia, *desgraça, odeio água fria, odeio minha vida, meu emprego,* as lágrimas misturam-se com o jato da ducha.

Devido a uma urgência, submissa a uma curiosidade, voltou ao pequeno cômodo do jeito que saiu do chuveiro, uma poça de água se formou ao seu redor e foi se transformando num açude, onde muitas vezes se divertiu pescando traíras e tilápias. Enfrentou, com constrangimento, as lembranças e a garota que havia deixado por tantos anos ressurgia das cinzas, mas logo se desfazia diante de seus olhos perplexos. O abismo e o violino a contemplavam em conluio. Revirando as caixas, foi-se recolhendo no álbum de fotografia: Daniel, o seu melhor amigo da infância, o maestro Godoy, a mãe com o cesto de grãos de café; o irmão que se foi num acidente, as primas Dalva e Diva; Luis Urzúa e Patricio Sepúlveda que rosto teriam? O cheiro da dama da noite na saída do colégio invadiu o ar, o desejo de ser violinista e de me aproximar de Frédéric Chopin – *Lacrimosa* sendo executada para a comunidade, a mãe chamando para ver o estrelinha-ametista sugando o doce da flor, o pai de sol a sol na colheita familiar, *filha, você tem que ir para São Paulo, isto aqui é pequeno para você, papai vai trabalhar muito para você vencer na vida, vai estudar em universidade boa na capital*. A pele enrugada, a

distração dos dias e a certeza de que a morte virá, assim como veio para a mãe e ronda o leito do pai há anos, o isso, o aquilo, o incognoscível, a vida que é mais intrigante do que o fim.

Estava na hora de ir, fechou o álbum, como se pudesse eliminar o mal-estar que sempre retorna. O fecho da mala se rompeu justo na hora em que apertou o botão do elevador. Escobar acuada ainda pensou em voltar ao apartamento e acomodar as coisas noutra mala, mas não havia tempo, por mais que se apressasse, estava sempre atrasada como o Coelho Branco de Lewis

Preciso ir, senão perderei o voo.

O velho pai há anos num quarto de hospital da cidade natal, vários AVC's, não falava, ouvia muito pouco, lado esquerdo totalmente paralisado. Sim, ótimo hospital, melhor que pôde conseguir. Fazia algum tempo que Escobar não o visitava, fazer o que lá? *Preciso ir, mas estou tão...* a palavra certa não vinha à tona. E há palavra perfeita?

O interfone toca insistentemente.

Ela se assusta e corre em direção ao som estridente, deixando noutra dimensão da realidade a escuridão convocada.

– *Dona Escobar, o táxi chegou.*

MAIS DOIS MINUTOS.

O timbre do interfone ecoava em sua cabeça. Quem seria àquela hora? Alfredo? Levanta! O Cícero está chamando, pensou ter dito em voz alta. Estava envolvida pelo enredo de uma trama que oferecia mais do que um enigma, mas outro modo de liberdade. Sempre a dar de cara com o inconcluso, o atraso inevitável, o abandono forçado do projeto essencial, a nudez fora de hora, a angústia, o desejo que dá voz as vísceras. *O surrealismo é cotidiano, minha cara!*, repete o coro grego.

Escobar chegou ao aeroporto, precisava saber das horas, ver as coordenadas de seu voo, mas uma multiplicidade de fusos horários a confundiu ainda mais, ninguém respondia a simples pergunta: que horas são?

What times is it? Decidiu tomar o café numa lanchonete na margem esquerda do Sena, mas algo a incomodava, não sabia o quê.

Quando enfim conseguiu ver as horas, teve que se apressar, descia e subia as escadas de Escher. *Isso não tem fim? Onde fica o embarque, senhora?* A atendente distraída com a reportagem na televisão não lhe respondia às perguntas, não a orientava... o som da tevê aumentou de volume: diretamente do deserto do Atacama, no Chile: imagens *on-line* do resgate dos trinta e três mineiros que ficaram soterrados a 700 m de profundidade... que

...Cápsula Fenix II iria salvá-la? Florêncio Ávalos foi o primeiro mineiro a ser resgatado... *eu estou soterrada dentro do baú, junto com o violino, sem som, sem ritmo, sem passado...* é emocionante a luta pela vida, Manuel Gonzáles...? Depois de sessenta e oito dias... Quem vencerá as eleições, Dilma ou Serra? Segundo as pesquisas, 52%... *dia 31 precisarei apertar o botão verde da urna eletrônica e cravar minha decisão, mas posso também justificar a minha ausência.* Segundo turno disputadíssimo, os candidatos vendem-se ao sistema, a

polêmica do aborto, o moralismo, os interesses partidários e eleitorais em sua liturgia, soterrando ideais; *sinto falta de ar, preciso respirar, preciso me levantar*; com a margem de erro de 2 pontos percentuais, para mais ou para menos, a previsão se dá, pura matemática e gráficos babélicos, ninguém se entende.

Uma dor no peito irradiava pelos braços até os pulsos; o ar abafado e a sina de um princípio que se repete aumentava a dormência. E ela vindo novamente de um lugar onde não há explicações; a pressão sanguínea num corpo transparente, resíduos se misturavam com o sangue espesso e navegavam pelos tubos estreitos do corpo que também é carne e angústia.

Escobar deixou as malas rolando numa esteira em Teerã e decidiu caminhar pela Avenida Paulista, andou sem rumo; não entendia por que desistiu de viajar e as coisas não se completavam.

Voltou para casa já anoitecendo, chegou com a escuridão que tomava o apartamento, não estranhou a ausência do marido (*que nome teria, enfim?*). Acendeu umas velas e incensos e, para debelar a fome, uma maçã

seria ótimo. Eva o princípio de uma falácia. Abriu um vinho, arrumou a mesa como se fosse para receber uma visita ilustre. Maçã, o princípio do gozo; o vermelho do vinho, a cicatriz da mão direita, o sangue manchado a faca e a cana caiana. Na primeira mordida, uma paz atingiu o estômago em jejum, uma ânsia de comer todas as maçãs do mundo, logo ela que sempre desenhou macieiras quando pequena e nunca havia visto uma frente a frente. Um vento suave perpassou a mesa posta, dando-lhe uma sensação contraditória de medo, não o medo habitual, mas aliado a um gozo entre a dor e seu avesso. Uma sonolência prometia uma longa espera pelo resgate...

(...) olhou para o relógio: quarta-feira, treze de outubro, 9:17, desligou a tevê, colocou a água do café para ferver e apertou o interruptor para confirmar a realidade, ela ainda não tinha a certeza em qual mundo morava a verdade (o que é a verdade, além da impossibilidade? Tudo nos escapa, ficamos com o vulto das coisas. Mas o que importam as elucubrações, as palavras, as grafias?). Tomou o seu banho e, depois de todo o ritual matinal, teve forças para voltar a rever o baú, uma confusão entre

passado e presente, a menina morta (que como a fênix se refazia das cinzas, absolutamente potente, contudo temporária), ela e a mulher mesclavam-se em uma disputa ingrata pelo primeiro acorde.

UM MINUTO É ABUNDÂNCIA.

mas, eu, insensível à beleza daquele momento, abria freneticamente todas as gavetas do armário em busca da pasta de documentos, não sabia onde poderia encontrá-la. Decidi procurar no armário do quartinho dos fundos e a primeira coisa que vejo dentro de um velho baú foi algo que havia ficado num outro tempo: o violino. Abri o estojo, acariciei as cordas, o arco, mas uma dormência tomou meus braços e impediu-me de prosseguir, algo me resgatava da sonolência de existir, até que percebi que estava deitada em cima da minha mão.

No relógio digital: quarta-feira, treze de outubro, 9:18, a televisão ligada noticiava sobre os trabalhadores que ficaram soterrados no Chile por 33 dias; o repórter

relembrava que alimentos, água, cartas, remédios foram entregues por um pequeno furo (...); pulei da cama e fui atender ao chamado incessante do interfone.

- Dona Escobar, a moça da limpeza chegou.

Nossa, perdi completamente a hora! Preciso correr, estou sempre atrasada. Corri para o chuveiro e fiquei me condenando: logo hoje que tenho uma reunião importante pela manhã. Sentiu-se exausta quando pronta, pegou a chave do carro e pensou: tomara que não enfrente nenhum engarrafamento. Ela quis parar uns instantes ou muito mais que isso, mas uma sensação clandestina de enjoo a fez apagar completamente o sonho de sua memória e a desligar a tevê. O certo é que, assim que chegou à empresa e se pôs a operar alucinadamente a calculadora para traçar metas e planos, já não se recordava de nenhum nome dos trinta e três trabalhadores da mina de San José. No entanto, foi um grande resgate que comoveu a humanidade.

De que novas tragédias nos resgataremos?

Eltânia André, Nasceu em Cataguases-MG. Autora dos livros: *Manhãs adiadas* (contos, Dobra Editorial/2012); *Para fugir dos vivos* (romance, editora Patuá/2015); *Diolindas* (romance, editora Penalux/2016), escrito em parceria com Ronaldo Cagiano; *Duelos* (contos, editora Patuá/2018).

ENTRE AS CHAMAS, AS MÃOS

Gabriela Silva

O corpo estendido de Manoel sobre a cama, do ponto de onde eu o olhava, parecia um cadáver. Talvez, de certa forma, ele tenha morrido no percurso até a minha casa. Exausto, tinha chegado com as roupas rasgadas, sujas, cobertas de fuligem, os olhos secos pela fumaça.

O interfone fazia já um ruído que não me deixava entender nada do que se passava no térreo, mas entendi que era ele. Não consegui chorar ao vê-lo. Não perguntei o que tinha acontecido. Consegui com muita dificuldade abrir seus dedos e tirar o livro. Os olhos de Manoel acompanharam os meus movimentos, pareciam não piscar, doloridos por tudo que tinham enxergado até

aquele momento. Tirei suas roupas e o coloquei sob o chuveiro, havia água ainda. Lavei as costas, marcadas por feridas antigas e novas, os pés repletos de bolhas, as pernas e braços com arranhões e queimaduras. A espuma caía cinza sobre o piso do banheiro. Eu não podia chorar, não conseguia mesmo. Parecia-me um Cristo, no silencioso martírio da cruz, com uma dor maior que eu não entenderia com palavras.

Deitei-o na cama, perto da janela, onde podia ver o rio. Desde a primeira vez que viemos para o meu apartamento, ele havia gostado de ver a paisagem pelo enorme quadrado do quarto. Ainda tinha meu pequeno canteiro de temperos, a pequena distração para que eu não enlouquecesse. Gostava do verde que anunciava algo novo. Ainda que tantas vezes a fumaça e os restos de cinza que cobria a cidade chegasse até às plantas, cobrindo-lhes o viço, tirando seu cheiro e gosto. Precisei de luz para fazer os curativos nas mãos, alguns pedaços da capa do livro haviam grudado nos ferimentos. Todas as vezes que olhasse para as mãos dele, eu lembraria da dor, do meu coração lutando contra o que eu sentia por vê-lo assim machucado, sofrendo, silencioso. Lembro da

primeira vez que vi aquelas mãos, pousadas sobre as minhas, no auditório da universidade. Havíamos participado de uma conferência e Manoel sentou ao meu lado, puxando assunto e colocou a mão sobre a minha, perguntando se eu tomaria um café com ele. Não foi bem um café, mas um tinto, perto do rio, sob o céu rosa da primavera.

Ficamos muito tempo olhando aquele céu, aliás, imagem que deambulava pelos meus sonhos e pensamentos distantes. Era o que eu preferia fazer, nas horas que estava em casa, sem precisar olhar para a rua, nestes momentos em que ele estava na cadeira em frente à minha, perto do abajur, a ler algum livro, dos poucos que temos. É estranho que uma casa de livros não os tivesse mais. Eram poucos, escondidos, enterrados no canteiro de temperos, dentro de sacos plásticos.

Fiz os curativos, podia sentir a dor de Manoel quando tocava suas mãos. Não podia levá-lo ao hospital, saberiam do que se tratava. Saberiam por que ele havia queimado as mãos daquela maneira absurda. Deitei-me ao seu lado, fui percebendo o corpo arrefecer do cansaço, da luta, entregando-se ao sono. Às vezes, parecia-me que

tremia, como um sobressalto por alguma partícula de realidade que se embrenhava no sonho. Abracei-o e senti o cheiro de seus cabelos, meus queridos cabelos, já com seus fios brancos, perto das têmporas, a denunciar que era um pouco mais velho do que eu. Sentia o mundo todo naquele abraço, os anos que nos distanciaram, a guerra que por muito pouco impediu nosso reencontro. Não fosse a insistência em conseguir livros para o partido compartilhar com as pessoas, não teríamos nos encontrado naquela quinta-feira fria.

Já era de manhã quando acordei, uma neblina cobria o rio. A nuvem cinza colocava-se entre a cidade e o céu, onde um pouco mais acima de nós, um sol brilhava ou surgiria mais tarde, talvez no meio da manhã. Manoel estava sentado à beira da cama, quando me aproximei, vi que chorava. “Perdoa-me, Ana, podes me perdoar? Eu não te posso tocar, doem-me as mãos. Dói-me o coração, estou cansado.” Abracei-o, choramos.

Quando anunciaram a quarentena, não tínhamos a ideia do inferno que seria. Foi como se os dias se multiplicassem e por meses, ficamos à mercê do governo e seus seguidores. A história é cíclica, então havia um ar

de nazismo nos rostos daquelas pessoas. Quando as medidas foram tomadas em relação à contenção da epidemia, de uma doença tão estranha e ao mesmo tempo tão esclarecedora sobre a natureza humana, as coisas começaram a mudar. Fomos usurpados de cinemas, cafés, livrarias e bibliotecas. Não havia muito o que fazer, nosso trabalho como professores, o meu trabalho como professora de literatura não era possível sem os livros, e as redes de comunicação foram cortadas para tudo que não fossem comunicados do governo.

Manoel havia conseguido um livro para mim, um exemplar que em outras épocas era barato e sem valor algum, vendido até mesmo no mercadinho da esquina de casa. *Os Sonetos de Camões*, era um livro de capa branca, com um desenho do rosto do poeta em preto e branco estampado. Na página quarenta e três estava o meu poema predileto, sobre um amor que supera o tempo, que espera para o reencontro, onde ele havia escrito “Não te esqueças, para tão longo amor, tão curta a vida, e para tão dura opressão, tão forte esperança”. Manoel conseguira o livro numa das reuniões do partido, quando conseguiram encontrar uma caixa de livros e documentos num antigo

museu da cidade. Trouxe-me o livro. Era um dos poucos que tínhamos em casa.

Carregava-o comigo, na bolsa, como algo que, de certa maneira, me protegeria. De certa forma, protegeu. Numa tarde em que fui à farmácia popular, a polícia me abordou, abriu minha bolsa e pegou o livro. Fiquei horas presa na delegacia, respondendo, defendendo a existência do meu pequeno exemplar de poesia. Já que era professora, trabalharia para o governo, dando aulas de leitura bíblica na escola pública. Foi assim que consegui nos alimentar por muito tempo. Manoel, filósofo, ganhava pouco com traduções e algumas aulas de francês que dava aos filhos de políticos. Naquele fim de tarde, Os *Sonetos de Camões* foram jogados numa grande caixa que ficava no fundo da sala de interrogatórios.

Quando Manoel chegou na noite do início daquela primavera, com as mãos a arder a pele comida pelo fogo, eu não tinha ideia do que tinha acontecido. Entendi que a polícia havia encontrado os rebeldes em reunião. Não. Aquela noite era a data da queima dos livros apreendidos. Uma grande fogueira se erguia na praça central e os manifestantes lutavam contra os policiais tentando salvar

livros, páginas, entre gritos, lágrimas e mãos enfiadas no fogo. Manoel viu meu livro ser jogado às chamas e foi em busca de seu resgate, queimou as mãos sem largá-lo. Enquanto apanhava nas costas, a capa em chamas grudara-se à pele das mãos quase dilaceradas pelo fogo.

Ao tirar o livro das suas mãos, não percebi o que era, meu desespero era sarar aquelas feridas, abraçá-lo com todo o sentimento que nos unia, que eu sentia por ele e pela revolução que habitava seu coração. Era um espírito livre, um homem que lutava por suas ideias. Eu era uma professora que havia sido roubada no seu direito de ensinar o que amava. Éramos Adão e Eva num campo de misérias e dor. A maçã que me cabia era aquele livro, que Manoel não pensou duas vezes para tirar do fogo e do aniquilamento. Tempos mais tarde quando livres, fomos pintar as paredes do apartamento e encontrei o livro. A página quarenta e três guardava a dedicatória que ele havia feito para mim.

Hoje, na esplanada do café, em frente ao rio, Manoel deixou seu livro de lado e pousou a mão sobre a minha. Olhei-a como quem olha para o centro do próprio coração, para a voragem da vida. E num misto de

felicidade e de uma memória que nunca se apaga, beijei suas cicatrizes e aproximei-me do seu ouvido, perto das têmporas, onde os fios brancos, me davam a alegria de saber que ele era mais velho do que eu e estava vivo. Disse como quem revela um segredo, “Para tão longo amor, tão curta a vida, não?”. O céu dispunha-se rosa e a brisa soprava como que soubesse que liberdade era agora o nosso destino.

Gabriela Silva nasceu em São Paulo em 1978. Tem doutorado em Teoria da Literatura pela PUCRS. Ensina e pesquisa Literatura Portuguesa dos séculos XX e XXI. É autora de diversos artigos sobre literatura e também de *Ainda é céu*, (poesia, Editora Patuá). Colabora para o *Rascunho*.

OS BÁRBAROS ENTRE NÓS

Gustavo Melo Czekster

Era o terceiro dia da quarentena, o momento em que o alívio do primeiro dia e a preguiça do segundo começavam a ceder espaço para uma inquietação muda, a sensação incômoda de que algo invisível nos ameaçava e que devíamos nos preparar para um período de introspecção. Os bárbaros estão chegando: ainda que não os vejamos, a aura deles nos assombra, e a maioria das pessoas prefere esperá-los em casa, deixando a doença faminta vasculhar em vão os poros das ruas em busca de sacrifícios humanos.

Acordei com o silêncio, como se fosse o último habitante de uma necrópole. Ao longe, o estrilar de grilos

lembrava que, por entre as sombras de concreto, a natureza também habita as cidades.

Quando abri a janela, percebi as ruas desertas: o pessoal realmente levava a sério os avisos dos médicos, não tinha ninguém caminhando por ali. A quarentena estava em vigor, o povo mostrara o seu comprometimento para enfrentar o vírus, a sociedade iria vencer e sairíamos mais fortes depois desse momento de união e força. Um movimento inesperado chamou a minha atenção: diante do prédio, sentado na calçada, estava um homem. Não tinha reparado nele em um primeiro momento, apesar de ser alto, magro e vestir trapos que, no passado, conheceram dias melhores, ostentando agora cores esmaecidas e que se misturavam à sujeira formando um marrom de diferentes tonalidades. Cabelos brancos espocavam em meio à barba rala, espalhando-se para a cabeça, onde os fios negros não admitiam a velhice. Com um pauzinho na mão, ele fazia riscos no chão e arrastava pedrinhas. Às vezes olhava para os lados, possivelmente estranhando a ausência de movimento, mas parecia mais curioso do que preocupado. Devia ter perdido a noção de tempo, essa

invenção que encarceramos em relógios e calendários, mas por que se preocupar com o tempo quando todos os dias são iguais, todos os dias são o mesmo? O homem devia imaginar que logo as pessoas deixariam o conforto das suas camas e lares e aproveitariam para passear durante aquela bela segunda de sol. Era só ter paciência e esperar.

Afastei-me da janela e dei início às atividades do dia. Mesmo ficando em casa, tinha uma série de tarefas a realizar. Na esperança de que alguma voz tranquilizadora colocasse ordem no caos e anunciasse o surgimento milagroso de uma vacina, deixei a televisão ligada em um canal de notícias. Ao contrário do milagre esperado, as vozes mecânicas dos jornalistas requeentavam sempre as mesmas notícias, apresentando-as de diferentes formas. A apatia era geral: os senadores e deputados não legislavam mais? Ah, sim, os bárbaros chegaram hoje, e cabe agora ao vírus fazer as leis surgirem e desaparecerem, não mais às pessoas.

Somente no meio da manhã fiz uma pausa para tomar café. A ladainha da televisão não ia a lugar algum, então decidi ler os jornais online e buscar mais

informações. Espiei a janela para ver o movimento: com exceção do homem sentado do outro lado da rua, ninguém estava por ali. Um cachorro deitara ao lado do desconhecido, e só então percebi o pequeno pote de metal ao lado dele: era onde esperava receber dinheiro. Talvez também fosse o seu prato de comida.

Nunca tivemos tanto acesso à informação, nunca nos sentimos tão desinformados. Sei o número de mortos pelo vírus na Austrália, mas desconheço o nome dos meus vizinhos. Nos telejornais, pessoas bem vestidas e com semblantes cuidadosamente preocupados falam do vírus com a familiaridade de quem conversa sobre um familiar distante. Acreditam que podem afastá-lo por meio da conversa, da compreensão ou graças aos seus belos ternos, vestidos e joias. Mal sabem eles que os bárbaros não possuem critérios estéticos e nem se deslumbram com honrarias, títulos ou puxa-saquices; quando o vírus chega, ele pega o pobre e o rico, o bonito e o feio, não possui normas de conduta ou *savoir-faire*. Nas manchetes, os jornalistas exibem listas de mortos e contam histórias sobre eles – como se uma pessoa inteira pudesse ser condensada em uma anedota, um emprego,

um acontecimento –, tentando dar substância para informações feitas de tintas ou bytes, todos à procura daquele instante único em que o rumo de uma pessoa cruzou com a jornada inexorável do vírus e foi modificado para sempre.

Enquanto lia as manchetes e assistia vídeos, algumas vezes desviei o olhar para a janela, para o meu companheiro involuntário. O homem mantinha-se sentado embaixo do sol que, da suavidade matinal, agora espalhava a sua fúria por sobre a cidade. Quatro metros à sua direita, estava uma árvore de frondosa sombra, e até o cachorro se refugiara debaixo dela: por que o desconhecido não mudava de posição? Melhor ainda, por que não ia embora? A essa altura da manhã deveria ter percebido que aquele era um dia atípico na história do país, um dia sem espaço para esmolas ou gentilezas, um dia áspero. Teria mais chance de comer se fosse para um albergue ou outro desses lugares nos quais se reúnem as pessoas que não possuem um local seu.

Não existia lógica alguma em passar o dia inteiro esperando uma caridade impossível: do que adiantava tamanho sacrifício, permanecer no sol sem comida e sem

água, imóvel, à espera? Quem ele desejava enganar com tamanha autopunição? No entanto, a imobilidade do homem era hipnotizante. Por mais que tentasse adivinhar os seus pensamentos, não conseguia entendê-lo. Às vezes, alguma pessoa passava pelo homem, mas fazia com passos rápidos, protegendo o rosto, mantendo distância. Para os primeiros, ele estendeu o pote, mas logo desistiu de tentar, preferindo deixar o recipiente no caminho das pessoas, talvez fosse mais fácil conseguir um auxílio assim, pela inação, do que através de um gesto. Duas vezes o homem levantou, caminhou até a árvore e fez xixi. Não cedeu ao apelo tentador da sombra; em ambas as ocasiões, voltou a ocupar a mesma posição na qual se encontrava desde o nascer do sol.

A imobilidade do homem era fascinante. Em um mundo onde todos se movem e almejam chegar a um objetivo, seja ele uma pessoa amada, seja voltar para casa, a única transgressão real é permanecer parado. A todo momento eu ia até a janela para ver se alguém se aproximara do desconhecido. Indiferente ao meu interesse na sua jornada – eu chamaria de drama, mas ele chamaria de vida –, o homem mantinha-se estático, a mão

com a vareta desenhando arabescos invisíveis na calçada. O cachorro orbitava ao redor dele, às vezes acariciado, na maioria do tempo ignorado.

A televisão e o computador insistiam em fornecer informações, falando sobre a importância de preservar vidas e manter o isolamento social naquele momento: especialistas discursavam sobre a letalidade da doença, analistas imaginavam as consequências políticas e econômicas, celebridades faziam vídeos caseiros para animar seus seguidores nas redes sociais, comediantes riam de piadas sobre o vírus. Quando os bárbaros chegam, não se interessam por palavras bonitas ou discursos espirituosos: eles se aborrecem com arengas, com eloquências; o vírus prefere a ação ao diálogo, a doença à piedade. Ao contrário do homem imóvel, a enfermidade se desloca com rapidez, empoleirada sobre o cavalo ossudo do primeiro Cavaleiro do Apocalipse.

A imobilidade do homem, de fascinante, passou a ser assustadora. Ele precisava se mexer e buscar ajuda, era arriscado permanecer estático em um local confiando em pessoas que jamais se aproximariam. Sem nenhum pudor agora, eu não me afastava mais da janela,

esperando que ele erguesse os olhos e me percebesse: talvez eu acenasse, talvez gritasse que o país estava em quarentena. Não sei o que faria. De qualquer forma, nem passava pela cabeça dele erguer a cabeça para olhar as janelas do prédio, preferia continuar perscrutando as ruas em busca de alguma mão amiga, de alguma humanidade. Carros indiferentes passavam, velozes, aproveitando o pouco trânsito, e uma que outra risada ou palavra mais enfática escapava por entre os vidros abertos.

A cantilena insuportável dos meios de comunicação falava de situações vivenciadas pelas pessoas atingidas pelo vírus em todo o mundo, mas ninguém falava nada a respeito do homem sentado do outro lado da rua, ninguém sugeria formas de acalmar a sua fome (ele devia estar faminto depois de uma manhã inteira à espera), ninguém lhe alcançava um reles copo de água. A sua imobilidade era o desejo por um gesto que, de raro em dias normais, hoje com certeza não ocorreria: eu sabia disso, mas ele não. Era a esperança de um homem que estava morrendo na minha frente. Ao contrário das pessoas que experimentavam pela primeira vez a

quarentena e orgulhavam-se das táticas usadas para vencer a letargia e a preguiça, o desconhecido estava em uma eterna quarentena da qual jamais sairia, e não falava nada.

A única solução possível era levar comida e água àquele homem. Não mais esperar os outros, mas tomar a iniciativa. Fazer um movimento na direção do homem parado. Mostrar que ele existia, que não estava sozinho, que o mundo inteiro não tinha se fechado dentro das suas casas e se esquecera dele. Quem sabe perguntar o seu nome, conversar um pouco, trocar alguma ideia.

Caminhei até a cozinha para separar alguns alimentos, mas a realidade me atingiu com um soco: se eu saísse na rua, romperia a quarentena. Estaria exposto ao vírus, ao alcance dos bárbaros que caminham por entre a cidade em busca de vítimas distraídas. Quem sabe o próprio homem não estivesse se mexendo por estar com o vírus; quem sabe se o meu altruísmo não iria me expor a uma contaminação e, pior ainda, me fazer contaminar as pessoas que gosto. É isso que os bárbaros fazem: eles não precisam derrubar as pessoas, só deixá-las com medo.

Cerquei-me de todos os cuidados necessários para entregar a comida ao homem. Revisei todos os procedimentos de segurança. Calculei a trajetória dos meus passos, a distância em que deixaria a sacola com os alimentos e a água, o gesto amigável para que se aproximasse, o retorno para a segurança do prédio assim que ele entrasse em movimento. Parecia um bom plano, mas a incerteza a respeito de todas as possibilidades de contágio trancava os meus passos, pois tudo parecia perigoso, arriscado. Ainda assim, mesmo com receio, eu era a última esperança de um homem, o único que lhe enxergara naquela manhã de segunda-feira.

Assim que abri a porta do prédio, todos os meus planos desmoronaram, pois o homem não estava mais no outro lado da rua; a varinha esquecida na calçada era um atestado que ele realmente existira, não tinha sido imaginação. Olhei para os lados, as sacolas salvadoras na mão: talvez ele não estivesse muito longe, caminhando com o cachorro silencioso ao seu lado. Nada. Nem um sinal. Desistira de todos nós; levava a sua fome e sede para outro lugar. Com extremo cuidado, voltei a fechar a porta do prédio, preparado para mergulhar de volta na

quarentena: os bárbaros estão entre nós, o vírus somos nós.

Gustavo Melo Czekster é formado em Direito pela PUC-RS, mestre em Letras (Literatura Comparada) pela UFRGS e doutor em Escrita Criativa pela PUC-RS. É palestrante de temas ligados à literatura, resenhista de sites e ministrante de oficinas literárias. É escritor, autor de dois livros de contos: *O homem despedaçado* (2013) e *Não há amanhã* (2017). Com o segundo livro, foi vencedor do prêmio Açorianos 2017 (categoria Contos), do prêmio AGES de Literatura (categoria Contos e categoria Livro do Ano) e do prêmio Minuano de Literatura (categoria Contos), tendo sido finalista do Prêmio Jabuti 2018 (categoria Contos)

POR LIVRE E NÃO ESPONTÂNEA VONTADE DE SOFRER

Helena Terra

De manhã, minha bípede abriu os olhos, deu uma leve espiadinha para ver se eu estava por perto e voltou a dormir. Não disse bom dia, minha mimosa, tampouco pediu desculpas por ter me empurrado para fora da cama durante a noite. E que noite esquisita. Quando cheguei aqui nessa casinha cheia de metros quadrados, nas primeiras madrugadas, me perguntei se a minha bípede não morria enquanto dormia, de tão imóvel entre os lençóis. Não roncava, não chorava, não tossia, não virava de lado como nessa última semana. Depois fui me acostumando com seu corpo desmaiado quando em

repouso e agitado quando desperto. Seu corpo e, também, sua boca: dois baderneiros em movimento na maior parte das horas. Venha cá, minha querida, dizia, batendo palmas; não tenha medo, minha pequena, olha só o arrozinho com cenoura que fiz para você, que tal sair para dar uma volta no parque?, falava se balançando. Palavras irresistíveis ditas com o encanto que busco, quase contraditórias com o som de suas passadas e com o pêndulo de seus braços. Longos braços e longas pernas bípedes, tapetes voadores que, só de olhar, a gente se sente andando. Eu gosto de andar, e preciso. Minha vida de quadrúpede pede. E a minha bípede sabe. Ela diz sim para mim o tempo inteiro, ou boa parte dele. Nunca me solta da guia por orientação da tia Sara. Tia Sara não tinha nada de contar a ela que sou fujona. Ou tinha. Tias são assim: as que nos querem bem nos protegem como filhos, inclusive de nós mesmos, não que eu me queira mal e seja uma ameaça a mim mesma, ah, não, basta olhar para o meu apetite. Eu sinto muita fome. Muitas fomes. A tia Sara saciou as que pode, merece minha mais alegre gratidão. Gratidão é uma forma de felicidade. Se não for, então, não é de verdade. Nem tudo é de verdade

ou nem tudo que é de verdade parece ser. Tem o que pareça de mentira que mentira não é. Eu hoje estou filosófica. Quem diria? Estou mesmo ficando sabida. Mérito da minha bípede. Minha bípede é gente que lê. Ela adora falar sobre gente que lê. De acordo com ela, são os bípedes mais tops do planeta. Top é palavra estrangeira. O planeta é redondo, não é plano. Planos a gente traça de fuga de qualquer lugar em que se corra perigo, da savana ao quintal. Já as palavras são outra conversa, não são universais. Implicam traduções. Universal são os meus latidos, eu aprendi na prática, fazendo zoeira, subindo e descendo montes e pulando muros por livre e não espontânea vontade de sofrer. De pulgas e carrapatos foi difícil. Estive que é pura contaminação. Se não fosse pela tia Sara, hoje não estaria aqui. Do resto, bem, humanos, outros quadrúpedes e outras formas de vida consegui me livrar por um triz. Os seres vivos são os males do mundo. É vacilar que eles nos pegam. Como nas músicas que minha bípede cantarola, é tudo uma questão de lugar e de momento e de creio ter visto uma luz do outro lado de um rio. Por isso, enxergo com um olho e com o outro não. Minha bípede percebeu. Na veterinária, acariciando

minha cabeça, disse: então, minha florzinha, não é que você veio mesmo com o seu ensaio sobre a cegueira marcado no rosto? *Ensaio sobre a cegueira* é o nome de um livro. Esse é um título importante, temos de ler, minha bípede falou. Vamos experimentar isso! Isso o que me perguntei. Isso ler! Ler é uma coisa bastante louca no bom sentido. A minha bípede lê para mim. Lê para que eu dê novo sentido a minha existência e esqueça da época inicial. Foram dias, meses, uns dois anos, em que estive sozinha, como o Santiago, de *O Velho e o Mar*, e em estado de combate ou fúria para não morrer, como o escritor húngaro, que minha bípede adora, registrou em seus diários antes dele se matar. Disse ele que qualquer coisa sobre a morte não ser grande coisa, mas ser a maior coisa da vida. Triste e profundo. Fomos e não fomos feitos para o fim. Queremos e não queremos adormecer. Deve ser daí que vem tanto instinto. Deve ser daí que vem esse dom de enxergar, ouvir, cheirar, sentir e pensar. Penso; logo, você existe, minha bípede me garantiu, mas, sei lá, desde manhã cedo, ela está tão quietinha.

Helena Terra é escritora, jornalista e coordenadora literária do grupo de leitura "A literatura tem nome de mulher", que se propõe a ler e a pensar sobre obras escritas por mulheres, em Porto Alegre, na Livraria Cultura.

AUTO DA Balsa

Henrique Balbi

Corria entre as pessoas na balsa, como leves descargas elétricas, como espasmos, o incômodo. Já se esperava alguma demora, mas tanta? Alguns casais tinham voltado a seus carros, cansados dos bancos ruins; outros passageiros procuravam remédios para o enjoo, do balanço mais intenso: sinal de que o mar se avizinhava. Uma criança bufava, enquanto outra não tirava os olhos de um tablet. Vi um homem idoso, que tinha encostado a cabeça numa das barras, sentado com as mãos nas coxas, roncando. O que me incomodava era menos a demora do que uma sensação mole e fria, viva demais, um pressentimento ruim se adensando e enrolando, fugindo para dentro da concha. Ao longe, ao menos, não havia nuvens.

De tanto fazer aquele trajeto, meu corpo estava acostumado. Já dormi no carro durante a travessia. Não costumávamos demorar mais que meia hora – num dia de tempo ruim, a balsa levava uns quinze minutos a mais. Daquela vez, embora estivesse lendo, até que concentrado, não perdi a noção das horas em nenhum momento. Demorava pelo menos o dobro da demora usual.

Você podia perceber, a cada cinco minutos extras, novas ondas de enfado e de irritação percorrendo os passageiros, ondas que se quebravam em conversas mal-humoradas, resmungos, reclamações sem destinatário. Conforme se indignavam, suas ameaças ganhavam em volume, falava-se em processo, cogitavam-se medidas cabíveis. Alguns passageiros tinham se reunido em uma espécie de círculo, formando um bando, e ensaiavam como abordar o homem que pilotava a balsa.

Dele é que me veio o pressentimento ruim. Era um rosto novo, mas familiar: para quem mora na outra margem, todos eles são, todo nome se pode rastrear até um conhecido. No fundo da balsa, antes de sairmos, ele me olhou enquanto o Léo pegava meu bilhete. Cara

fechada. Depois, pelo retrovisor, eu os vi conversando enquanto parava meu carro. O homem se movia devagar, e pouco. Parecia uma estátua enquanto o Léo falava; quando terminaram, foi até seu posto pisando com firmeza, os braços meio caídos para trás. Percorreu com os olhos os passageiros. Franzida a testa, pôs-se a mirar o horizonte, mas com o queixo baixo. Mal mexeu a cabeça ao ver o Léo liberar nossa partida.

Sáímos. O homem manobrava com uma lentidão que, percebi, combinava com a dos movimentos da balsa – ia ao sabor da corrente, apenas tomando certo ímpeto às vezes para desviar de leve o curso, e isso bastava. Só guiava o boiar da balsa.

Sua rigidez contrastava com a impaciência dos passageiros: mesmo antes de toda aquela demora, as pessoas já estavam falando, já estavam indo da frente para a traseira da balsa e de volta à frente, já tiravam fotos, já reclamavam da viagem que faziam ou da necessidade de regressar. A criança do tablet estava hipnotizada desde o início, nem sei como seus pais fizeram com que ela saísse do carro, de casa; o homem idoso sentara-se no banco e logo fechara os olhos;

membros do futuro bando estavam dispersos em seus grupos originais, mas se notava sua exaltação, ainda informe. Tenho a impressão de que a demora da balsa, mais que causar aquele incômodo contagioso, apenas serviu de ímã, de corrente onde essa energia toda pudesse desaguar, ao qual ela pudesse se apegar. Era um canal.

E o homem impassível, como um enigma. O bando ficava ali, açulando-se mutuamente, prestes a reclamar, mas sem tomar iniciativa. Uma senhora comentava, o olhar fixo no homem, com a companheira quão absurdo era aquilo; um casal de jovens adultos concordava e cuspiam a própria reclamação; a companheira mencionava um parente advogado; um homem de braços cruzados não deixaria barato, pressionaria a empresa da balsa, a prefeitura, as autoridades in-competentes (ele destacava o prefixo, erguia a voz para dizê-lo, como se fosse uma indireta ao homem, que permanecia, imóvel, com o rosto familiar e franzido); uma criança, a mão dada ao pai – um dos raros indignados silenciosos – e o queixo erguido, tentava acompanhar os resmungos.

Batia em nós o vento do canal. Um frio marinho, pelo cheiro. Vi braços se cruzando, adultos protegendo

seus companheiros ou filhos com o corpo, e eu mesmo pensei em pegar uma blusa no carro, mas achei que não seria necessário: logo vinha o meio-dia e, eventualmente, afinal, tínhamos de chegar. A travessia não era curta, nem tão longa assim.

O que eu achava mais estranho era a mudez dos rádios. O homem carregava um no bolso, isso era visível, e previsível, pois era regra da empresa. Mas em todo aquele tempo, nada. Nos atrasos por que passei, era comum que os funcionários fossem se atualizando dos trajetos, das dificuldades, da força da correnteza, mas nem esse dever náutico tirou o homem de sua imobilidade. Ele seguia de queixo baixo, seus fios de cabelo se agitavam a cada sopro salgado. Pilotava com uma mão, a outra pendurada, inerte.

Então me ocorreu que ainda não tínhamos cruzado com uma balsa no outro sentido. Mais estranho ainda. Podia significar que não havíamos alcançado nem a metade do percurso. Mas isso era fisicamente impossível: a velocidade regular, o tempo transcorrido... Embora a sensação de não nos movermos fosse forte, não era possível nos enganarmos, via-se que singrávamos a água

do canal, chegávamos perto do mar. Havia nosso rastro de espuma e pequenas ondas que se chocavam com a balsa.

Mas a sensação era forte demais. Assim como a falta da outra balsa. Me pareceu então que a única maneira de recuperar a tranquilidade, ainda que precária, era contrapor à sensação outra mais forte. Não vi pássaros nem peixes por ali, e a paisagem, com as casas, os predinhos, as margens do canal, era monótona demais para que eu estabelecesse uma referência, cenário indistinto de tão familiar. Além disso, meu problema estava na dissociação entre balsa e arredores; uma referência distante seria inútil.

Resolvi quebrar uma das regras da balsa. Eram duas: proibido ligar o carro; proibido jogar lixo na água. Encontrei no meu carro um pedaço de papel que eu poderia arremessar. Ver que ele se distanciava bastaria para dissipar o germe de pesadelo.

Procurei um ponto em que pudesse atirar o papel discretamente – de preferência, o local mais escondido possível da única autoridade constituída: o homem

rígido. Achava improvável que, quase não tendo se mexido desde o início da viagem, essa pequena transgressão fosse suficiente para soprar vigor nele. Mas, de todo modo, era melhor me garantir.

Amassei o papel o menor que pude, ainda de modo que ele flutuasse. Cheguei à borda da balsa e aproveitei o idoso dormindo como cobertura. Debrucei sobre a grade, meio curvado, como quem quer admirar o fluir do rio, a beleza do canal e os cotovelos apoiados na barra, olhando cautelosamente para cada lado, apurando o ouvido para além do ronco letárgico, com um rápido movimento do pulso arremessei o papel. Eu o via ser carregado pela espuma da balsa quando ouvi um grito agudo, manhoso.

A criança do tablet ora apontava para mim, ora tocava na perna da mãe. Parecia uma sirene. Primeiro, a mãe mandou ter calma, respirar; o pai agachou-se e se pôs a ouvir; a criança ignorou os apelos de ambos e, arfando, contou o que vira, disse que eu tinha jogado um papel na água, por que eles não brigavam comigo também? Os pais mal tiveram tempo de questionar qualquer coisa, porque alguns integrantes do bando captaram a tensão no ar e atravessaram a balsa na minha

direção. O indignado silencioso confirmou visualmente a denúncia e o resto o acompanhou: me cercaram. Eu era o canal.

Desnecessário dizer que, com o alvoroço, não consegui confirmar se o papel se distanciava e que nem assim o homem rígido se moveu. Virei o alvo da irritação informe do bando. Brandiram na minha cara seus dedos furiosos; mais de uma pessoa falando ao mesmo tempo que aquilo era uma vergonha; invocaram os filhos ali presentes, mesmo os ainda por nascer (a moça do casal de jovens adultos esfregava o ventre enquanto o marido se indignava); não me ameaçaram com advogados, mas ouvi a companheira da senhora falar do parente; a própria senhora finalizou um discurso do homem de braços cruzados, que vociferava e que gesticulava como um ator ruim, com a condenação absoluta:

– Você não tem educação?

Explodiram de novo quando, em meio à gritaria, lhes dei as costas. Tinha percebido que aquilo seria inútil, e me interessava mais o papel. Segurando firme nas barras, me estiquei para encontrá-lo, mas ele se camuflou

na espuma. Senti um puxão no ombro, o homem de braços cruzados me virou bruscamente e logo enfiou outro dedo na minha cara. Eu o abaixei, pedi calma. Foi como se os tivesse chamado de filhos da puta.

Tive de me abstrair da situação, tentar enxergar além das bocas abertas que se esgoelavam, dentes retos e brancos contrastando com o fundo das gargantas à mostra. Reparei que o homem idoso havia acordado e se retirado dali, entrando no banco de trás do seu carro. A criança do tablet chorava, o pai agachado e a mãe de pé, tentando conversar com ela, tão manhosa e estridente quanto antes. Assim de relance, não vi o homem rígido. Contornei o bando e andei até a pequena cabine de onde ele pilotava a balsa.

O bando me seguiu, mais irado ainda pelo descaramento de não encará-los. Foram vomitando sua fúria ao longo do caminho, esquecidos da demora. Abrandaram o volume quando uma criança começou a chorar, o que iniciou um dueto com a criança do tablet, a meia balsa de distância. Os revoltados preenchem o fundo com uma espécie de coro e, sob essa massa sonora, ouvia-se o barulho da água e do vento.

O homem rígido não estava na cabine, mas do lado de fora. Assim como eu fizera há pouco, encarava o canal. Parecia procurar alguma coisa. E, chegando ao lado dele, notei ali o pedaço de papel que eu tinha jogado. Dera a volta na balsa e agora boiava, estacionado, conosco. A espuma da balsa o empurrava para trás, mas algo o impelia de volta, no sentido contrário, mantendo a posição. Parecia nos seguir, mas parecia também que nenhum de nós saía do lugar.

O homem rígido moveu-se: ergueu um dos pés e o apoiou na barra mais baixa da borda. Debruçou-se com os cotovelos também. Em seu silêncio pedregoso. Só eu e ele nos recusávamos a engrossar a torrente de ruídos dos passageiros, e por um instante ou dois, mesmo tendo sido virado para encarar o homem de braços cruzados e o resto do bando, eu olhei o homem rígido fixamente, à espera de um gesto, de uma decisão, de uma hipótese. Nada. Desfranziu a testa, apenas para franzi-la novamente.

Quem começou a formular teorias fui eu. Em meio à gritaria, fiquei pensando na nossa estranha inércia, movendo-nos de modo nítido, saindo do lugar, mas não

chegando a nenhum. Havia movimento, mas não nos deslocávamos.

Mexeu-se o homem rígido. Ele se virou e pôs uma mão no meu ombro, gesto que, embora nada súbito, surpreendeu o bando, calando-os por um instante. A testa rigorosa, com rugas entalhadas de uma têmpora à outra. Tirou a mão e caminhou de volta à cabine, passando ao lado de alguns carros, entre eles o meu. Por um instante, tive a sensação de que ele quebraria um dos vidros, como um castigo por eu ter transgredido a lei, mas nem tocou no meu carro. Nem o olhou. O resto do bando provavelmente teve impressão parecida, porque, assim que o homem rígido chegou à porta da cabine, eles se reagruparam perto dele, novamente indignados, ainda mais barulhentos. Então eu não seria punido por aquilo? Então o que nos separava de bichos? Regras para quê, se elas não precisavam ser cumpridas?

Vendo o quão inútil era tentar arrebatrar o homem rígido, passaram a discutir entre si novamente. Por um instante, tudo parecia voltar ao estado anterior, ao marco inicial. Realocados os ânimos, ainda não nos deslocávamos.

Fui até o fundo da balsa para pensar, para examinar. Olhei as linhas que se traçavam na água, riscada de espuma e de movimento. Uma hora o papel chegaria ali, como de fato chegou em alguns instantes. Não cogitei que ele estivesse dando a volta na balsa, me parecia muito absurdo – ao que a evidência respondia apenas apontando para toda aquela situação. Olhei o papel boiando. Não me ocorria nada além do desespero do desconhecido. Bufei. Também fiquei imóvel, de olhos fechados, tentando divisar no fluxo de sensações o que era movimento, o que era a balsa, o que era minha inquietude, o que era o ruído da água, o que era resmungo do bando.

Foram eles que me tiraram daquela breve suspensão. Como um enxame, aproximaram-se de modo barulhento. Tentei me preparar para outra rodada de xingamentos, agora impulsionados pela alta voltagem da suposta impunidade. Eu me virava quando recebi, do homem de braços cruzados, um empurrão forte no ombro.

E outro. E gritos. Mais dedos em riste metidos no meu rosto. Mas o que me surpreendeu mesmo foi a força

dos empurrões. O bando formava uma espécie de parede, o que começou a me deixar aflito pela proximidade com a borda da balsa. Tentei sair dali, dando a volta ou atravessando-os, mas eles se fechavam, ombro a ombro, me impediam, e o homem de braços cruzados me empurrava com mais força. Combinadas a aflição de estar na beira e a raiva, empurrei de volta. Queria afastá-lo. Ele me empurrou com as duas mãos, furioso, gritando, e eu me senti desequilibrar, os golpes dele me deslocando, me forçando para fora da balsa, ainda tentei me segurar em algo, alguém, e me faltou apoio; senti a força do empurrão dele se juntar à outra, da gravidade, que me tragava, me exigia. Caí.

Foi um instante longo. Embora a altura não fosse tanta, eu senti que a queda se estendeu por um tempo comprido, mas talvez isso seja apenas efeito de lembrá-la: as impressões brutas vão sendo dilapidadas, desdobradas, detalhadas. A reação do homem de braços cruzados, por exemplo, que durante todo esse instante não reparou no que estava acontecendo: só lhe saltava uma veia da testa, cilindro explosivo. Ou a reação das senhoras, que não foi além da surpresa, olhos arregalados

que exibiam ao seu redor pés de galinha. Não consegui ver a criança do indignado silencioso; apenas posso imaginá-la tentando entender, ainda, o que acontecia.

Também não consegui ver a reação do homem rígido, que certamente foi nenhuma. Se ver o bando se dirigir a mim com raiva não o provocava a fazer nada; se demorar horas para fazer uma travessia de minutos lhe era indiferente; se assistir a uma clara transgressão de uma das duas regras não atiçava qualquer reação; se naquela troca de empurrões à beira da balsa ele não via qualquer motivo para intervir, então um passageiro cair também não seria nada. Ele devia estar igual: uma estátua.

Primeiro vem o impacto da água, depois o frio e só então se sente o abraço dela. De onde estou tampouco se pode ver as pessoas; apenas a borda da balsa, como um muro, um paredão. Sente-se a espuma a nos deslocar, impetuosa. Ela nos atravessa com a constância do motor e a força do vento, nos atinge no peito e se espalha pelo corpo como a dor ou a adrenalina. Do fundo, de trás, em geral por cima, outra correnteza nos ataca, nos cobre, contraposta à da espuma, complementando-a. Sinto que

não saio do lugar, agito os braços em desespero. O papel estará por aqui? É tudo muito rápido, com a exceção do abraço gelado, que não tem pressa nenhuma e que me dá o pouco de calma, o pouco de estabilidade para que eu consiga ao menos repassar cada momento na balsa.

O incômodo se dissipa e, estático, percebo meus espasmos se abrandando. A balsa, a correnteza, o papel e o movimento se diluem. Em breve, serei eu o homem rígido.

Henrique Balbi é escritor e professor de literatura. Formou-se em Jornalismo pela USP, onde também fez mestrado em Estudos Brasileiros e onde faz seu doutorado em Literatura Brasileira. Estagiou no núcleo de revistas da *Folha de S.Paulo* e foi colunista do site Salada de Cinema. Foi duas vezes finalista do Prêmio Off Flip de Literatura. Trabalha como assistente de ensino no Anglo Vestibulares desde 2016.

BETHÂNIA

Jeferson Tenório

Um dia chegamos a pensar que nosso pai fosse Deus. Nosso pai decretava ordens. Minha mãe consentia. Achávamos que meu pai havia criado o mundo. Habitamos o seu pensamento. Mas agora, depois de tudo, entendo que ele não era nada disso. Nosso pai tentou apenas ser um bom homem. Por muito tempo ele nos fez acreditar que o universo da nossa casa bastava. Era um tempo em que ninguém chorava. Dentro da casa a alegria também não entrou. Ninguém falava em saudade. Havia também outra regra: a de nunca reclamarmos da solidão. Jamais pensei que pudesse me habituar a ser sozinha. Mas depois que meu pai resolveu fechar as portas e as janelas, todos nos tivemos de ser sozinhos. Cada um procurou um lugar para ficar e se acostumar a ser só.

Minha mãe foi a primeira a se aproximar do silêncio. Na época muita gente achou que nossa família tinha enlouquecido. E eu não sabia que ter medo era uma doença. As pessoas ainda me perguntam como conseguimos. Antes eu também me perguntava, mas não tenho respostas.

Só fizemos o que tínhamos de fazer, disse meu pai, certa vez.

Mas aqui não somos livres, pai.

Somos, Bethânia.

Mas vivemos presos nessa casa, longe de todos.

Não, Bethânia, é ao contrário, vivemos aqui livres de todos.

Meu pai dizia aquilo sem nenhuma grosseria, sua voz era tranquila, como se estivesse nos ensinando a sobreviver pela solidão. Nosso pai achou que algumas semanas seriam suficientes para que nos esquecessem. Por isso nos primeiros dias nada muito diferente aconteceu. Apenas combinamos de não sairmos na rua durante algum tempo. Mas acontece que fomos ficando. Nunca nos dissemos nada. Fomos apenas ficando.

Criamos nossas fronteiras. Acostumamo-nos. De repente estávamos lá há três meses. Talvez as pessoas pensem que viver assim é difícil. No entanto, viver com medo é pior. A casa nos permitia desistir do mundo porque ele já havia desistido de nós. Éramos negros. E o mundo a nossa volta tornou-se mais perigoso. Nossos corpos sempre estiveram em risco. Mas agora, a vigilância sobre nós aumentara. Uma vez por semana recebíamos os mantimentos de um amigo do meu pai. Ele era branco. E ainda podia caminhar pela rua.

Com o passar do tempo aprendemos a observar os sons da casa. Barulhos domésticos. Os sons das louças do café. Bons dias murmurados e tristes. Pisadas no assoalho. O tilintar dos talheres. Um fungar de nariz. Uma tosse acanhada. A descarga do banheiro. Água na pia. A escova nos dentes. Outros cochichos. Mais silêncios. Outros silêncios, diferentes do anterior. E vinha almoço. Prato nos pratos. Os copos entre si. O barulho da toalha sobre a mesa. Mais pés no assoalhado. Mais silêncio. O som da comida nas bocas. O gole na garganta. O garfo na mesa. A faca no chão. E os olhos do pai pedindo para não fazermos barulho. Nossa lei máxima

era o silêncio. As conversas amenas sobre o tempo. Não se falava em passeios. Não se falava em política. Nosso mundo era aquele e não reclamávamos. Apenas estávamos ali. Eu havia terminado o Ensino Médio. Ia fazer 18 anos. Mas não sentia falta da escola.

O fato é que nos trancamos dentro de uma casa e lá ficamos. Aos poucos todos nós deixamos de prestar atenção no mundo. Tinha impressão que no início nada nos faltava. Não conseguíamos mais pertencer àquela humanidade. Tínhamos outra, dentro de nós, que talvez nunca tenha sido reconhecida pelo mundo que agora nos perseguia.

Todos nós tínhamos medo de morrer.

Deus não entrou lá em casa porque meu pai não deixou. Às vezes ele dizia que Deus era só uma invenção e que só estaríamos salvo estando em família. Essa era a nossa religião: a família. Meu pai também acreditava no fim dos tempos. E eu que não sabia que todo o tempo tem um fim. Nossa casa era muito simples, mas não éramos miseráveis, digo, não passávamos necessidade. Quando meu pai decidiu fechar nossa casa, as coisas mudaram.

Meu irmão parou de trabalhar. Minha mãe deixou de trabalhar, meu pai se aposentou e decretou o nosso desaparecimento. Partimos, mas ficamos sempre aqui. Naquele dia, a casa passou a ser o nosso país. Nossa chegada permanente. Nada era mais importante que os limites das paredes.

Em casa éramos diferentes. Criamos um mundo onde podíamos viver. Nos acostumamos a não fazer barulho porque queríamos que nossos vizinhos acreditassem que tínhamos ido embora. Deixamos de ouvir música alta. Eu escutava rádio com meus fones de ouvido. Eu ouvia muitas músicas tristes, a minha preferida era uma que dizia que o mundo era um moinho.

Minha mãe dormia cedo e acordava cedo. Meu irmão passava o dia no quarto deitado olhando para o teto. Às vezes, ele ligava o rádio, mas era apenas para escutar notícias sobre violência. Nos domingos ouvia notícias sobre esportes. Porém, era o meu pai o mais misterioso para mim. Com o tempo ele deixou de conversar e só resmungava. Acho até que foi por isso que Deus começou a entrar em nossa casa. Várias vezes peguei minha mãe rezando escondida.

Nossa casa não era muito grande. Tinha seis cômodos. Mas acho que ela só tinha quatro quando meu pai a comprou, os outros dois foram construídos com o restante de pátio que tínhamos ao fundo. Era pela tevê que sabíamos do mundo. Mas aos poucos, deixamos a tevê de lado. Meu pai dizia que na televisão todos mentiam e por isso as pessoas tinham medo. Mas acho que meu pai se enganou porque mesmo depois de jogarmos fora o aparelho continuamos a ter medo.

Nossa maior tragédia não foi ter permanecido presos naquela casa. Nossa maior tragédia foi ter saído um dia, pois inventamos uma vida e acreditamos nela. Essa era a nossa salvação. O útero reencontrado. A casa. A casa era a nossa justiça. Um país de nós mesmos. Fazíamos as nossas leis. A casa era o nosso quilombo. Por um tempo a casa nos salvou da loucura ou da apatia das boas pessoas.

Jeferson Tenório nasceu no Rio de Janeiro, radicado em Porto Alegre. É doutorando em teoria literária pela

PUCRS. Professor, romancista e autor dos livros *O Beijo na Parede* (Editora Sulina, 2013) e *Estela sem Deus* (Zouk, 2018).

VERBENA OU BENJOIM

Jessica Cardin

Ao redor do casarão tem muitas árvores e, lá longe, no alto, de noite os olhos das casas apagam, ela tem medo dos passos que o escuro dá / o barulho nas folhas secas denuncia os visitantes / seus pensamentos / andam cada vez mais agitados, a estátua a assusta com seu tamanho de pessoa, ela debruça sobre a pinha em faiança portuguesa / peões num tabuleiro / cabeças redondas. Sente-se denunciada cada vez que pensa em teu nome cada vez que acende o cigarro porque a chama, quando as casas todas fecham os olhos, ela ainda está acesa.

São os gatos, ela pensa, são só os gatos, mas não se convence, há algo que / a / agita / as folhas, faz desse lugar um alvoroço e aumenta.

(um alvoroço que aumenta).

No Batalhão de Operações Policiais Especiais, um homem atira. Em seguida, outro. Outro. Outro. Outro. Outro. Outro. Outro. Não sabem que Heloíse está na varanda, peito atravessado por um chumbo.

*

Entra. Em passos apressados (são gatos) e as estátuas sussurram ele é casado, Heloíse nem sabia que ainda se importavam com isso ela não queria ter se apaixonado. O relógio a adverte que para tudo que fazemos no tempo há um julgamento. No espelho veneziano, acima do aparador, o reflexo de Heloíse é obscurecido. Desce de volta à varanda da sala principal. Azulejos, cadeiras de ferro pintadas de branco, mesa lateral e a estátua ao centro. Ela endireita a coluna sobre as muretas e até seu olhar torna-se reto, ela cabe inteira quando se deita.

Sempre ouviu falar em meditação, não sabe bem como faz, vai peneirando o céu com os olhos e contando / estrela / catando, é curioso que acima dela tenha, mas só acima dela, em volta está mais nublado. Cata cada uma

até perder a conta, meditar é limpar a mente, limpar o céu. Tentar um impossível.

Vai ouvir tua mensagem agora.

Ela acha que tua voz está mais bonita do que nunca, ficando rouco, teu humor está bom porque hoje você está falando bastante, Porto Alegre está agitada, muita coisa acontecendo. Você sente culpa de estar feliz quando tudo está prestes a ser demolido – as notícias têm sido como golpes desde 2015. Ela também sente.

*

A escada que passa por todos os andares, sua única parede é de vidro, tudo aqui é dourado (porque cores explicitam que não há nobreza em seu sentimento), tudo é transparente (onde não se pode mentir) – tudo é visto. Dourado ou transparente. Desde que chegou aqui já não pode esconder. Algum dia verá o teu rosto?

Você deve ter barba, ela aposta que sim. Seus cabelos devem ser castanhos e muito claros sob a luz do sol, será verão igual a este, diferente deste, pois cabelos soltos pelo travesseiro uns fios fazendo-se cachos debaixo

de seu rosto perto de sua boca teu hálito... ela sabe que não.

Heloise algum dia verá o teu rosto?

Ao lado do casarão, o BOPE. Ela presta atenção aos hinos, aos gritos, os hinos aos gritos, presta atenção a tudo. Tudo isso porque sobra tempo. Sobra tempo porque falta gente; deixou o planalto gaúcho e foi morar isolada, sobra tempo e ela inventa manias de contar. Os degraus que dão para o quarto são vinte. Essa coisa que as pessoas têm de números exatos!, vinte e um seria um incômodo. O número de cômodos, quantos degraus em cada trajeto, espelhos, estátuas, tudo é em quantidade. Manias de contar estrelas, objetos e mentiras, como essa de não saber o seu rosto, seria mais fácil se ela não te conhecesse. Se você fosse vinte e um degraus / número fortuito / inexatidão.

*

Aqui, tudo diz algo: o cobre envelhecido da moldura antiga diz sobre as coisas que duram – e sobre as que não duram. As escadas ensinam distâncias relativas, depois de chegar do mercado, várias sacolas em cada braço, o

cansaço lhe dá a impressão de atravessar um istmo ligando dois países. Ao acordar, de manhã, a primeira e mais importante fome do dia, os pés vão ligeiros, nem se percebe como chegou à cozinha. De você não percebeu que se aproximava ligeira – era fome.

*

Três vezes por semana, Isabel e Canaã vêm do Cantagalo fazer os trabalhos da casa, trazem a filha, se tornam sua única companhia. Heloise tomando suco de laranja, pés balançando dentro da piscina, os homens do BOPE correndo pela rua, cantando

homens de preto, qual é sua missão?

entrar pela favela e deixar corpos no chão!

os homens correndo, treinando, que será que tentam esquecer enquanto se castigam?, mesmo esforço treino diário, Heloise se esforça em distrair-se com cada coisa dessa vez as folhas acumuladas pela superfície, Sofia bem que podia passar uma noite na casa, vai falar com Isabel.

Antes do banho, acende o incenso que comprou noutro dia, sal grosso, cujo rótulo não deixa dúvida:

realiza todo tipo de milagre. É bom acender agora, seu cheiro ainda não está no quarto, a casa também tem de se acostumar com ela, óleo de amêndoa no banho, enxágua displicentemente e fecha o registro, passa a toalha e borrifa a mistura (peônia, frésia, lichia, rosa, lírio-do-vale, magnólia, âmbar e cedro da virgínia) perto de cada orelha.

A porta fechada, o incenso queimando, as gotículas da essência suspensas, fumigar pra fazer sumir aquela maldita sensação

(ninguém mais capaz de tocar desta forma)

Heloise se tornou essa intocável, casarão no alto do morro, ruído seletivo, ela só se permite escutar o som dos pássaros, sapos, cigarras enlouquecidas, sua voz e os tiros.

Ao fim da tarde, você liga por vídeo pra dizer nada, só por vontade, é dizendo nada que ela aprendeu a ser tua amiga, tua alguma coisa. Uma palavra que ela nunca usaria se escrevesse a própria história: tua.

*

Sofia passou a dormir no casarão às quintas-feiras, Heloise descobriu que a menina é mais inteligente do que noventa e nove por cento de toda gente que se vê por aí, aprendeu a falar inglês vendo Netflix, tem respostas para perguntas que Heloise nem ousa fazer para si e, ao contrário dos pais, pensa que o presidente é um canalha, ela não diz nessas palavras. Com Heloise, ela pode ficar acordada até às tantas, o que atesta que já é moça. Com amiga moça. É o céu.

Para Heloise também é; encomenda sonhos de doce de leite, suco de uva de garrafa de vidro, pipocas caramelizadas, bombas de chocolate, croissants de queijo. Resgata os livros dos quais gostou na infância, os livros-filmes, *Matilda*, *O Jardim Secreto*, *A princesinha*, protagonistas sempre de alguma maneira estrangeiros. Sofia abarca todos, fica especialista, ama enredos reviravoltas qualquer combustível que mova a máquina de emoções.

Se tivesse uma filha, gostaria que ela fosse exatamente assim.

✱

Até mesmo em noites de visita, treina prolongar seus períodos / castigos / sem respirar / pensar, que é também um tipo de meditação. Solta todo o ar e mergulha. Debaixo d'água, controla a vontade de abrir os olhos, nada se move sobre a face das águas, que não haja luz!

(sozinha em seu aquário)

então, Sofia pula dentro, meteoro infantil, para imitar Heloise

– o que tu tá fazendo?! – Heloise confere a estabilidade do cosmo, foi só um susto

– também quero ver as estrelas através da água – a menina imagina que esta seja a razão – e prender a respiração

– tu tens só onze anos, não sei se podes fazer isso... que tamanho tem teu pulmão? – pergunta inútil, por criança se decide, se tivesse uma filha, teria de ser exatamente assim

mas a menina insiste, ficam as duas no fundo, esticadas, barrigas para cima, olhos abertos, ouvidos atentos, corpos inteiramente conscientes

– ouvi duas batidas! do meu e do teu! – Sofia emerge encantada, falando e babando um pouco da água

Heloise lamenta que não fosse você

a ouvir, a dizer.

*

Os homens atiram. Tão alto os disparos. Dá pra ouvir até do quarto, os pássaros ficam assustados, voam para outro galho. Decide almoçar na Barra, já três meses e não conhecia nada exceto a Zona Sul. Hoje, num restaurante árabe. Após a refeição, o garçom retirou a louça e os talheres e Heloise ficou se perguntando porque toda a comida no mundo não era boa como aquela, (ah, se não fosse tão exigente...) quem sabe ela comesse mais, ficasse bem gorda e contente, uma felicidade na língua, sua expressão talvez sugerisse estar pronta para o doce porque, um homem que não usava uniforme, se aproximou com uma sobremesa branca, uma calda amarela e um damasco em cima

– Malabie – apresentou a taça à altura dos olhos / o apetite / de Heloise – cortesia, pra você voltar

Heloise achou tão bom, ao paladar, ao olfato; transformaria aquela receita do doce em uma receita de essência para um creme hidratante, aromas de leite de coco, água de flor de laranjeira, almíscar e damasco.

Cabus. Parece nome / tipo / de nuvem, o proprietário do restaurante, ele acabou pedindo a sobremesa também para si, mas com calda de ameixa. Duas doses de Arak mais tarde, convenceu Heloise a encontrá-lo em uma cafeteria ainda essa semana, descrevendo o café árabe com cardamomo, não coado, enfim, outra experiência gustativa. Quando o dia chegou, Heloise já estava arrependida, era quarta-feira, mais tarde choveria tanto que morreriam dez pessoas, vítimas do que a prefeitura chama de deslizamentos, como acontece todo ano no Rio de Janeiro

– se você quiser, podíamos ir no Jesus

(o sotaque duplo, árabe-carioca, Heloise achou engraçado)

– podemos ir ao *Cristo*, sim

(não podiam)

– dá para ver daqui, se tu te levantas, lá, lá atrás
das árvores

– acho que são palmeiros

– *palmeiras*

lamentou não ter sido você a convidá-la para ver Jesus. Cabus se despediu até logo, ia fazer um seilaoquê em Omã, até logo que nada, sem data para voltar, um alívio, mais um motivo para ser gentil

– manda-me verbena ou benjoim no próximo crescente e um retalho roxo de seda alucinante e margaridas talvez, caso quiseses

e ficou assim.

*

Deu folga para o casal na sexta-feira, quem namora precisa namorar, acanhados concordaram. Sofia dormiu lá na quinta. Na sexta, Heloise a levou pra escola, buscou a depois foram no MAC de Niterói. No caminho, Heloise notou: até as criaturas tenebrosas são radiantes nessa cidade. Ponte Rio-Niterói, sol batendo forte no azul intenso, os brilhos dançando reflexos no mar e o Urubu

ali, esplendoroso, sabendo-se pai de tudo que é preto, abrindo as asas tintas de petróleo do pré-sal que já nem é nosso. Voltando pra casa, os soldados passando correndo / correm cantando, cantam a morte, urubus.

*

Heloise te envia presentes embrulhados em mapas pra ver se acha um caminho. Você recebe e destrói. Tem coisa que é feita pra ser destruída

(o mapa não é destino, é veículo)

tem coisa que é feita pra ser destruída, tem coisa que é para ser guardada. Ela oscila entre estes dois termos, que será que faz contigo.

*

Sofia sentada, esperando o almoço cujos ingredientes Heloise escolheu para a tua língua, será que você gostaria? a massagista apertando as palmas / os pontos sensíveis / com as tuas mãos

e, em todas as companhias, imagina como seria a tua, a única que não pode ter.

*

Na cozinha não tem mais copo de suco esquecido sobre a mesa piscina sem bóia a água esverdeando cheia de alga. Sofia e os pais passando férias em Nova Iguaçu com os parentes. 40 graus, sobrenome do meio. Rio 40° de Janeiro. Dava de beber aos cachorros da vizinha, que ficam na rua, soltos, durante o dia. O grupo foi chegando perto, cabeças à máquina zero, olhos que não sorriam / vidro / quase sem vida, tiram vidas, o que vinha na frente e gritava mais alto fez gesto que parassem, falou com ela

– tem um copo de água?

– um copo? – olhava para a tropa

– um

Heloise abre a porta e o soldado vai notando a casa, os lustres sucessivos, o cristal dos cinzeiros, o tanto de transparente e dourado. Mas os olhos investigam se está sozinha

– tu me desculpas não te oferecer uma coca... meu marido saiu agora mesmo pra fazer as compras

um copo foi deixado em cima da pia, as marcas dos dedos quentes no vapor gelado do vidro e essa foi a única vez que convidou um homem para entrar.

*

À tarde, depois da tentativa diária de hidroginástica, quente e ainda molhada, deitou, tirou o biquini

(será que você conhece o tesão triste que ela sente?)

quando terminou, levantou sem se preocupar em se enrolar no lençol, sem se esconder: é tudo de vidro.

É tudo dourado.

Pela janela, pressentiu um movimento brusco. Virou para procurar, era o vizinho (vizinha?) da frente, a casa que fica ainda mais no alto, dando as costas, correndo para a toca. Ele a viu, claro que ele viu.

*

Toda insônia tem dono, não é? Ela sente a noite como se fosse parte dela. A noite é o que ela mais conhece, a noite e suas instruções. Ao redor do casarão tem muitas árvores e, lá longe, no alto, as cigarras gritam cada vez mais forte um desejo que não pode ser calado. Um desejo que se transforma em grito. Se transforma em ódio.

As cigarras, só os machos, cantam para encontrar uma parceira. Nesse momento, as fêmeas, que vivem debaixo da terra até a época de reprodução, sobem nas árvores. Algumas cigarras podem ficar até 17 anos enterradas, esperando o macho gritar.

De você, nem a voz. Heloise fica exilada da parte secreta de seu corpo, um quarto que nem mesmo espera, fica exilada desse lugar que só existe porque você existe. Há terra nela e

cava.

De quando em quando você some, ela cava-se para chegar a você. São problemas com o teu trabalho, você disse.

O vento agita as copas das árvores outra vez, Heloise atenta, mas não entende o que querem dizer. Estica o corpo sobre a mureta. Estende o ouvido para fazê-lo mais longe. Alonga os braços, se faz comprida. Os movimentos de vento fazem-se mais intensos e cessam, novamente intensos e extensos; vem chuva, pois é sempre necessário contar uma história, só o silêncio não ensina, não. Nada. Heloise entende a vida assim, através dos sons. Na

infância, aprendia mais debruçada sobre a janela do que sobre o livro, porque os sons externos são mais perto e esses homens brancos que tanto nos calaram são tão distantes e mortos.

Ela te pede: não deixe que o desejo se transforme em ódio, não deixe que o silêncio escureça o róseo.

*

No dia mais quente do verão, Rua Vinicius de Moraes, viu, numa lojinha pequena sem ar-condicionado, uma sombra a combinar com os retalhos de seda recebidos. Entrou para perguntar o preço e desistiu quando testou. Bem na esquina, um casal vem dobrando em sua direção. A esposa ao teu lado usando chapéu, você com teus cachos contidos atrás das orelhas como soslaio, tão claros sob o sol, vocês param diante da banca, uma sacola segura cada um, as mãos que sobram são distantes

parados, juntos, parecendo tão longe

vistos de perto

parecem tão distantes

(por que mãos tão distantes?)

não pôde fingir não conhecer o seu rosto. A esposa
de chapéu e Heloise sem nem ao menos óculos de sol,
nada para escondê-la

(dourado e transparente)

a quem não faz nada também acontece coisas

(de repente)

quem dera não conhecesse teu rosto. Sai andando
na outra direção o mais rápido possível sem que corra.
Você mandou mensagens mais cedo e não avisou que
estava aqui, você não diria, férias em Ipanema? Esfrega
os pés no capacho, entra, tira as sandálias e as deixa à
direita, mais à frente da soleira, como faz quase todo dia.
Calça os chinelos. Como quase todo dia, os homens
correndo pela rua, cantando

homens de preto, qual é sua missão?

Heloise já sabe letra

entrar pela favela e deixar corpos no chão!

mas ela sabe que tem coisa que é melhor esquecer,
vai pensando assim, qualquer outra coisa, por que não
pegou a escada que começa no andar da piscina, passa

pelo andar da cozinha e a leva até seu quarto? não, usou a outra, que liga a cozinha à lavanderia, quem disse que isso é cantar? os soldados só gritam, as cigarras macho só gritam, por que damos nomes errados a coisas tão obviamente distintas? o que você faz nessa cidade que nem é tua? as perguntas / escorrendo o chinelo, liso, o corpo perdendo equilíbrio, cotovelo batendo

agudo, os já incontáveis degraus como um escorregador de adulto, as costas topando nas arestas... Caiu sozinha.

(ninguém responsável por seu descontrole)

você nem faz ideia, nem imagina...

(tem coisa que é para ser guardada)

cheia de culpa, magoando-se sozinha

(tem coisa que é feita pra ser destruída)

Verbena e benjoim chegando do oriente, a tudo dá-se um chega. Chega a você também.

Cotovelo sangrando, um gato pedindo carinho, miando baixinho, Heloise faz o que pode, só o que pode

ser feito nessas horas: lavar o rosto, pôr um band-aid, puxar um cigarro, esperar.

Esperar / Sofia voltar / a semana passar. Algo acontecer.

Na vida de quem não faz nada também acontecem coisas.

*

Toda insônia tem dono. Noite passada decidiu / ir para a Tijuca / entregar sua insônia a outro. Ontem à noite não doeu tanto, o guitarrista era bonito a olhava, ajoelhada

diante dele, fotografar

a palheta agitava nas cordas, agitava cordas / as batidas / de seu coração.

Através da lente: os cabelos castanhos claros cacheavam de um jeito selvagem que remetiam a um não saberia dizer, duas doses de Arak amplificadas pelas caixas tão perto, algo de distorção, não eram como os teus (os soslaio encaracolados), soltos se faziam espirais / redemoinhos / vento agitando as árvores / os passos do

escuro / rápidos / breves / os tiros / a palheta nas
cordas / os cachos / as folhas – o alvoroço.

Não doeu tanto.

A excitação inevitável de tê-lo tão próximo, se ele a
fizesse guitarra, tocaria até de manhã?

Não é o ouvido que gosta da música, é o todo desse
corpo, a vibração vem pelo pé e sobe sobe sobe o fio de
cabelo a nuca eriça ela só acredita na música escrita na
pele e desce desce desce o suor pela curva.

O guitarrista puxa Heloise ao palco, pegou pelo
cotovelo, puxando removeu a casquinha, não doeu tanto,
o entusiasmo do público injustificados e falsos, guardou a
câmera. Ninguém mais de tocá-la daquela maneira

– esse cover nem é bom.

Tomou um táxi e contou para o motorista, ela gosta
que sejam amarelos, gosta das volutas da tua cabeça,
gosta que você more longe e nunca mais apareça. Desejou
– com a parte do espírito que não sonha (desespera) –
que você ligasse nem que fosse pra ler uma bula de chá.

Ontem à noite teria sido quase fácil, teria sido quase possível, se ela não tivesse percebido
que não doía tanto.

Na sede do BOPE, um homem atira com fuzil. Os sons costumeiros; pássaros, disparos (você deixou outro recado), ela não quer ouvir. E se alguém erra a distância, será que alcança, Heloise na varanda. Peito atravessado por chumbo.

Jessica Cardin é escritora. Foi aluna do CLIPE prosa 2018 e escreveu *Para onde atrai o azul* (inédito). É formada em Marketing, Design Gráfico e é pós-graduanda em História da Arte.

O ANJO DE VIDRO E O VENTO

Marcelo Ariel

Tive um sonho com Kurt Cobain, ele aparecia na janela do quarto com dois buracos enormes nas costas de onde escorria mel no lugar de sangue, acendia um cigarro e me dizia que lá embaixo todo mundo estava contaminado. O curioso é que fui dormir pensando naquela canção que eu e o Cazuzza tínhamos começado a fazer inspirada no soneto 47 de Shakespeare, a canção era mais ou menos assim

(pega o violão)

O que vejo e sinto, estão unidos

como o bem que cada coisa faz a outra, por vontade:

*Quando desejei o seu olhar , pensava assim
meu coração ansiava pelo seu
e meus olhos fechados celebraram
a imagem do meu amor que cultivaram*

*E, diante do banquete, se rendeu minha emoção;
em outro tempo, o sentimento não buscava em vão,
se uniam aos seus pensamentos, o amor :
para celebrar a solidão*

*Onde mesmo distante, estás sempre comigo;
Pois não és mais veloz do que meus pensamentos,
que te guardam na distância feroz
a tua imagem à minha frente
sempre que começo a sonhar*

Abra os olhos, meu amor

Desperta

para a alegria do coração

Esse sonho com Kurt me perturbou muito.

Desde que decidi ficar isolado aqui no quarto, acordo com essa sensação de que qualquer um pode estar contaminado.

um pode estar contaminado.

(pega o termômetro)

A febre baixou um pouco.

Por que será que os mortos nos visitam em sonho?

Minha mãe está vendo uma novela na TV chamada O FIM DO MUNDO.

(Vai até o piano)

Tem uma canção do R.E.M. que eu deveria ter gravado, vou cantar um pedaço para você

Eye of a hurricane, listen to yourself churn

World serves its own needs

Don't mis-serve your own needs

*Speed it up a notch, speed, grunt, no, strength
The ladder starts to clatter
With a fear of height, down, height
Wire in a fire, represent the seven games
And a government for hire and a combat site
Left her, wasn't coming in a hurry
With the Furies breathing down your neck
Team by team, reporters baffled, trumped, tethered,
cropped
Look at that low plane, fine, then
Uh oh, overflow, population, common group
But it'll do, save yourself, serve yourself
World serves its own needs, listen to your heart bleed
Tell me with the Rapture and the reverent in the right,
right
You vitriolic, patriotic, slam fight, bright light
Feeling pretty psyched
It's the end of the world as we know it
It's the end of the world as we know it
It's the end of the world as we know it and I feel fine*

É o fim do mundo, eu sei mas não estou nem aí.

Millôr, vou desligar porque minha mãe está gritando que
está na hora dos remédios, escuta

*Renato, a enfermeira vai subir com os remédios e sua
sopa.*

Um beijo, te ligo amanhã.

(Acende um cigarro e fica parado, olhando o vento
movendo as cortinas)

Olha aí, onde foram parar as suas asas, Kurt.

Marcelo Ariel, 1968 - Santos/SP é poeta, crítico e
ensaísta. Autor de *Me Enterrem com a Minha AR15*
(Dulcineia Catadora/2003) , *Tratado dos Anjos Afogados*

(Letra Selvagem, 2007) entre outros. Seu livro mais recente *Ou o Silêncio Contínuo o Poesia Reunida 2007-2019*, lançado pela Kotter em 2019, contém trinta anos de sua produção poética. Atuou como ator-roteirista no filme *Pássaro Transparente*, de Dellani Lima e gravou o disco de spoken word *Scherzo Rajada Contra o Nazismo Psíquico*, em 2012. Atualmente coordena cursos de criação literária em São Paulo.

CARREIRA

Marcelo Conde

Demitia, pelo celular, seu trigésimo funcionário quando o caminho para casa virou infinito. Tinha passado o dia mandando embora as outras vinte e nove pessoas escolhidas naquele mesmo dia. Logo pela manhã chegou a ordem. E os cortes precisavam começar imediatamente. Ficaram sem emprego pais de família, filhos que sustentavam casas inteiras, preguiçosos, trabalhadores. Não houve um critério claro. Apenas um discurso mentirosamente sincero:

– Não é sua culpa.

Tudo o que André Albuquerque queria era chegar em casa depois das vinte e nove vacas abatidas naquela quinta-feira. A trigésima, que saiu do escritório antes de chegar sua vez, precisou ser comunicada pelo telefone.

André desligou o aparelho. E o celular caiu mais pesado no fundo do bolso, como se fosse rasgar a costura.

Levantou o rosto e percebeu, vindo na direção oposta, um morador de rua. Se não desviasse rápido, bateriam barriga com barriga. E um dia como esse não podia terminar com um encontro numa mancha cinza, metade gente, metade poeira. André foi para a direita. Ao mesmo tempo, o mendigo foi para a esquerda. Atravancados um pelo outro, os dois pararam. André mudou a trajetória e tentou a esquerda. O mendigo teve ideia parecida e foi para a direita.

O morador de rua usava apenas um sapato. A calça de alfaiataria não era muito diferente da calça preta de André, não fosse o rasgo sobre o pé descalço e a sujeira. O mendigo usava também um paletó sem nenhuma camisa por baixo, com apenas uma das mangas arregaçadas – o que desequilibrava sua postura.

André respirou fundo e mudou seu caminho. Mas o mendigo mostrou ter também rapidez de raciocínio. Fez a mesma coisa para o lado oposto. À medida que André

ficava nervoso, mais rapidamente tentava sair pelo outro lado. E era acompanhado pelo morador de rua.

A noite chegou sem ser notada e cada vez menos pessoas andavam pela direita e pela esquerda dos dois. André ouviu a porta de ferro de uma banca de jornal descer e esmurrar o chão. Uma ambulância passou berrando *uon* em falsete quando ele tentou mais uma vez correr para a direita. Foi acompanhado pelo mendigo, que foi para a esquerda:

– Meu amigo, fica parado. Eu vou pra esquerda. Um, dois, três.

Os dois, de novo, para o mesmo lado.

– Você fala português? É surdo?

Ouviu um *sshhhhh*, disparado por uma senhora que apagava a luz branca de sua casa, no primeiro andar do prédio ao lado. Um cachorro cheirou a perna do mendigo, depois cheirou a de André e urinou. André mirou o focinho, chutou o ar, e o cão abocanhou sua calça, rasgando tudo do joelho para baixo da perna direita. O barulho dos latidos e os gritos de André inflamaram a senhora, que, impaciente e sem dar a mínima para o dia

difícil e cheio de demissões, arremessou uma sequência de ovos. Agora, sim, não podia ficar mais um segundo naquele lugar. Decidido a ir embora imediatamente, André procurou passagem pela esquerda livre. E encontrou de novo o corpo do mendigo na sua frente.

Os trinta demitidos já deviam ter jantado, visto a novela, ido dormir com suas famílias. Ele estava com fome, sede. Seu joelho direito doía. Tirou a gravata e embrulhou o próprio tendão, segurando a dor. Quando viu o primeiro pingo no chão, achou que estivesse chorando. Mas os pingos tornaram-se tantos que percebeu que começava a chover. E choveu muito. Por alguns segundos, só conseguia enxergar o mendigo a sua frente. Foi para a direita. O mendigo pisou na mesma poça.

André tirou o sapato e usou como copo para juntar a água que caía. Bebeu um pouco. Engolia como se fosse vinho. Quando a chuva acabou, não havia mais nenhuma janela acesa. Molhados, os cabelos e a barba do mendigo ficaram lisos como os de André.

O caminhão do lixo passou. Dois garis recolhiam sacos plásticos pesados de água com restos, deixando um rastro preto de lembrança. O mendigo também desviou os olhos e André quis aproveitar o momento. Os dois, de novo, foram para o mesmo lado. André deixou sua mala de couro cair, aberta, desmaiada no chão.

A rua virou um deserto molhado. André pensou em se apoiar no mendigo para descansar. Mas chefes não se apoiam em mendigos. Mudou o peso para a outra perna e, quando percebeu, estava urinando nas próprias calças.

Começava a amanhecer. Uma senhora passou com um saco de pão e olhou os dois. Tirou do bolso cinco moedas e arremessou na mala de André, ainda aberta no chão. Ele levantou o braço para pedir ajuda. A senhora, assustada, saiu andando enquanto dizia:

– É pra comprar comida, hein? Nada de bebida.

André olhou para si. Ensopado, sujo de ovo, sem metade da calça, com a gravata amarrada no joelho, mijado e descalço. Seu joelho inchava, parecia ter um pulmão próprio. Decidiu ser o despertador do bairro e gritou:

– Sai da porra da minha frente, seu mendigo de merda.

Quando foi para a esquerda, o mendigo tampou sua passagem. André chorou sem querer. Nada, àquela altura, era por querer. O mendigo limpou a lágrima com o dedão da mão esquerda. E André percebeu que nunca mais sairia dali.

Marcelo Conde nasceu no Rio de Janeiro. Morou em São Paulo por 13 anos e hoje vive em Barcelona. Participou das antologias *Granja* e *GLBTUVXZ*. É autor do romance *Apnéia*.

7 DE MARÇO, 21 DIAS DEPOIS

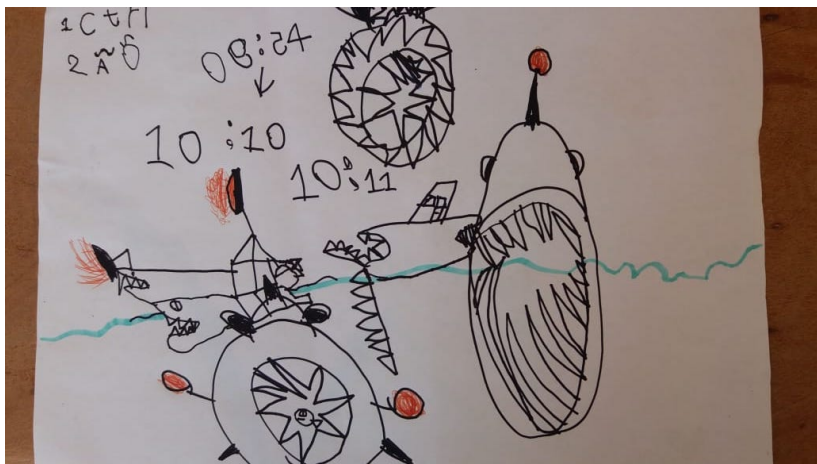
Marcos Vinícius Almeida

Estou com dor em todos os ossinhos da cabeça. É uma coisa que minha namorada me diz, num áudio de WhatsApp, às 21h45 do dia 23 de março de 2020. Isso foi hoje mais cedo, antes de começar a escrever este texto. Havia uma certa tristeza e cansaço na voz dela. A tristeza, o cansaço – e dores na mandíbula (ossinhos da cabeça) – são parte de uma reação maior a “todo esse contexto”. “Todo esse contexto” (nalgumas vezes, dizemos simplesmente “esse caralha de Corona”), é a inesperada pandemia que empurrou uma parte das pessoas para dentro de suas casas. Eu moro em São Paulo. E ela no Rio. Estamos namorando há vinte e um dias e há vinte e

um dias sem se encontrar, pessoalmente. Isso é só o começo.

*

Há oito dias meu filho passou o fim de semana comigo. O mundo ainda não tinha começado a acabar (embora, filosoficamente, esteja desde sempre acabando). Construímos três casas no fundo de um lago. E um celeiro, à beira de uma ilha. Ele ficou uma hora tentando empurrar porcos e ovelhas quadriculadas para dentro do celeiro, mas foi inútil. Então me passou o controle do Xbox e pediu que eu cavasse. Bem fundo. Até encontrar lava. E eu cavei, mas não encontrei nada. Só um buraco sem fim. Um pouco antes, na mesa de jantar, ele me disse que ele tinha cinco anos quando eu me separei. Agora ele também está isolado – junto com a mãe, na casa nova, do outro lado da cidade. Tem tido pesadelos, chorado à noite, ouvido Wilson Simonal na vitrola e desenhado monstros. É o relatório que recebo via WhatsApp. Com certa frequência, tem perguntado: quando vou ver às pessoas? Não vai demorar, eu digo. Na verdade, não sei quando vou abraçá-lo de novo.



*

Vinte e um dias antes, esgueirando-se na multidão da feirinha da Liberdade – ela tomando suco de cajá e eu uma latinha de Brahma –, não fazíamos a mínima ideia de que a Covid-19 iria se espalhar tão rapidamente pelo país. Era nosso primeiro encontro, mas já estávamos apaixonados. É meio louco isso, não?, eu disse. Total, ela respondeu. Tão de repente. Estávamos com fome, vagando a esmo, depois tentando encontrar um restaurante ou barraca. Gigantescas filas de espera, muita gente. Um cheiro de tempestade no ar. Detesto fila, eu disse. Você não gosta de esperar nem um pouquinho, não

é? Ela me disse. Arrancada daquele contexto, e escrita ao final desse fragmento, a frase ganha um involuntário tom profético.

*

Meu filho conhece a maioria das letras, dos números, marcas de carros, Júlio Verne e Moby Dick, mas ainda não sabe escrever. Escreve mesmo assim. Do jeito dele. Pelo WhatsApp da mãe, me manda emojis, palavras aleatórias sugeridas pelo teclado inteligente. Não gosta muito de ligar. Quando eu ligo, e minha cara aparece na tela, ele costuma fugir. E se esconder. Faz birra. O que ele gosta mesmo é de me mandar fotos. Fotos que estão no arquivo do celular, com desenhos que ele mesmo faz, ali mesmo de improviso, na hora. Ainda vai demorar um pouco mais para dominar a lógica das frases. A escola nova, que ele começou a frequentar em fevereiro deste ano, fechou por conta do vírus. Na última foto que me enviou, ele está na saída da antiga escola, no dia da despedida.



✧

Quando eu recebi o convite de escrever esse texto, não sabia por onde começar. Faz sentido escrever agora? Não conseguiria escrever sobre outra coisa que não fosse “todo esse contexto”. É como se a própria ideia de

escrever ficção, inventar personagens, um enredo coerente e postar uma voz artificial que fingisse narrar uma história fosse algo que não fizesse qualquer sentido. Não apenas isso. Fosse uma afronta a “todo esse contexto”. Um mecanismo gasto e ineficiente, de um tempo já morto. Me lembrei de um texto que li esses dias. A melhor coisa que li até agora sobre a situação atual. O último parágrafo de um artigo de José Miguel Wisnik, publicado na *Folha de S. Paulo*, no dia 20 de março:

“Eis que parece ter chegado um antagonista à altura desse estado de alucinação continuada, talvez o único capaz de puxar o tapete discursivo em que o presidente se move, e deslocar em alguma medida a hipnose de massas sobre a qual ele se construiu: chama-se real. Antes de dar nome à moeda, o real é o poder da realidade quando envolve a todos de maneira incontornável. Real é aquilo que não dá para não ver, mesmo que seja invisível, como um vírus.”

*

Nosso segundo encontro seria dia 21 de março. As passagens estavam compradas. Lembro de nosso beijo de

despedida, à beira da porta do ônibus, funcionando em marcha lenta num estacionamento ao lado do Terminal Tietê. Os cabelos dela descendo longos e emoldurando o rosto. Sua risada explodindo depois do beijo. Não vai demorar, ela me diz. Logo a gente tá junto de novo. Eu sei. Acendo um cigarro, parado olhando o ônibus dar ré, antes de partir. E ali parado me lembrei dela deitada, cochilando na cama, enquanto eu cozinhava. Deitada na cama com o livro de Valeria Luiselli caindo sobre o peito. Respirando baixo, a cabeça de lado e o cabelo preso. Dou um beijo na sua testa, os lábios quase não a tocam, e volto a cozinhar.

*

Meu pai tem enfisema, 65 anos, aposentou-se por invalidez pelo INSS e está trancado em casa há duas semanas, com minha mãe, que tem setenta. Não os vejo desde dezembro.

*

Antes de começar a escrever esse texto – e sempre que vou começar a escrever alguma coisa –, gosto de ler algo que possa me inspirar. Folheio um pouco de *Guerra*

Aérea e Literatura, uma conferência de W. G. Sebald sobre como escritores alemães, ao utilizarem uma linguagem floreada e cheia de elementos simbólicos e metafóricos, não deram conta de descrever o horror dos bombardeios da Segunda Guerra Mundial. Concordo com quase tudo que Sebald pensa sobre literatura, sobre a linguagem da literatura, e sua relação com o real. Outro texto que consultei, foi *Rua de mão única* (talvez a melhor tradução fosse *Rua sem saída*), de Walter Benjamin. No primeiro fragmento, ele escreve o seguinte:

“Nessas circunstâncias, a verdadeira atividade literária não pode ter a pretensão de desenrolar-se dentro de molduras literárias – isso, pelo contrário, é a expressão usual de sua infertilidade. A eficácia literária significativa só pode instituir-se em rigorosa alternância de agir e escrever (...) Só essa linguagem de prontidão mostra-se efetiva à altura do momento.”

✱

Podemos comprar um vinho e beber juntos hoje, o que você acha?

Acho ótimo.

A gente pode tentar ver um filme também. Só dar play na mesma hora.

Adoraria. Qual o teu filme favorito?

De volta para o futuro.

O meu é *Paris, Texas*.

*

Um evento como esse desestabiliza tudo e qualquer coisa. Mas de maneira desigual. Não estamos todos no mesmo barco. Estou numa situação de privilégio – morando sozinho em um apartamento de classe média baixa, num bairro residencial bem estruturado –, mas apavorado diante da perspectiva de um colapso econômico. Acabei de me mudar pra cá. Estou a pouco tempo no emprego, como PJ, recomeçando minha vida depois de uma fase de turbulências após a separação. E não tenho nenhum dinheiro guardado. Sem estantes, nem máquina de lavar. Os livros ainda estão no chão. Escrevi um textão no Facebook sobre isso. Um primo de segundo grau escreveu, pedindo pra publicar no portal do Luis Nassif.

*

Você vai me esperar?

Como assim?

Não vai ficar enjoado disso?

Claro que não. Foi muita sorte ter te conhecido. Seria terrível passar por isso sozinho. Como se a rapidez que a gente se apaixonou fosse uma espécie de previsão, de preparo para atravessar isso.

É o que eu sinto. Então você me espera?

Já estamos juntos.

*

No Natal, comprei uma máquina fotográfica para o Joaquim. Uma dessas máquinas que imprime a foto na hora. Tipo uma polaroid, mas bem mais barata. Os cartuchos de filmes são bem caros, tem dez poses cada. Expliquei pra ele que ele deveria escolher muito bem o que iria fotografar. Quando você sentir alguma coisa bem forte no seu coração, eu disse, sentir que é uma coisa muito importante e especial, uma coisa que você não quer esquecer, você vai lá e fotografa. É pra isso que servem as

fotografias. Ajudar a gente a lembrar das coisas. Semana passada, depois de uma semana trancado em casa, ele tirou essa foto.



Marcos Vinícius Almeida é escritor, jornalista e redator. Antes do apocalipse, fez mestrado em Literatura e Crítica na PUCSP, publicou trabalhos no caderno Ilustríssima, da *Folha de S.Paulo*, na revista *Cult* e em

antologias. É autor do volume de contos *Paisagem Interior* (Penalux, 2017).

ER = EPR

Maria Fernanda Elias Maglio

Para Luiz Fernando Elias

Buracos de minhoca são pontes que conectam tempos e universos distintos. Tratam-se de estruturas formadas por duas bocas ligadas por um tubo, uma espécie de garganta esferoidal. O nome decorre de uma analogia usada para explicar o fenômeno: uma minhoca que perambula pela casca de uma maçã, poderia pegar um atalho para o lado oposto da fruta, abrindo caminho através do miolo. Não se trata de mera elucubração científica. Os buracos de minhoca foram matematicamente provados pela teoria geral da relatividade.

No princípio eu era o universo e os planetas que ainda nem existiam. Era os mares e as rochas que viriam tantos bilhões de anos depois, nebulosas, buracos negros, estrelas, cometas que não estavam lá. Eu era o nada e

dormia para sempre. Quando aconteceu a grande expansão, partículas subatômicas (quarks, elétrons e neutrinos) sendo lançadas a anos-luz de distância do ponto embrionário, o tecido cósmico se estendendo no vazio, as partículas pesadas associando-se para formar hidrogênio, hélio e lítio, o universo se resfriando, passando da cor violeta à amarela, depois laranja e vermelha, eu era uma marca invisível. Quando a matéria se separou da radiação luminosa e o universo tornou-se transparente, os elementos químicos dando origem às galáxias, depois planetas, eu continuava a ser um corpo insignificante, ainda assim estava lá. Era um farelo de consciência, na maior parte do tempo estava imerso no sono, nem me dava conta de que tinha duas bocas, que também eram olhos e uma garganta circular.

Graças a ele, vocês conhecem a minha existência. Ele provou com alguma coisa chamada física quântica, mas o que chamou de física quântica já existia antes de vocês, do planeta em que vivem, até mesmo antes de mim, da grande expansão do átomo primordial que estirou o pano do universo. A física quântica sou eu e as estrelas mortas, todas as galáxias, os asteroides, nebulosas planetárias,

todos esses nomes que vocês deram significam uma única coisa: física quântica, este também é só um nome, e é tão imenso que não deveria ser nomeado. Eu não posso dizer que sinto compaixão pela ignorância de vocês, porque não consigo sentir nada em nenhuma das minhas duas bocas, que também são olhos. Eu vejo tudo, meus olhos-bocas não se fecham nunca. Vejo também o que veem os outros iguais a mim, bilhões de outras pontes, outros tantos olhos e bocas e gargantas conectados pela tessitura infinita do universo. Vejo o que vocês chamam de presente, futuro, passado e nada disso existe. Vocês inventaram o tempo para lidar com a morte, inventaram a morte para lidar com a vida e inventaram a vida para lidar com o caos. Tudo existe e não existe ao mesmo tempo, o que vocês chamam de dias, anos, é instante. O ontem e o hoje e o depois de amanhã acontecem no agora. Uma mulher chamada Madalena perde o emprego de caixa de supermercado, o filho da mulher chamada Madalena morre de pneumonia aos oitenta e sete anos, o avô da mulher chamada Madalena desiste de pular do oitavo andar de um prédio público, a bisneta da mulher chamada Madalena esquentava a água para o chá. Uma ratazana dá à

luz uma ninhada de nove filhotes, uma criança desembrulha uma bala de mel, um mamute é abatido por um tigre dente-de-sabre. Ele prova a minha existência por meio de uma teoria chamada relatividade, o planeta em que vocês vivem transforma-se em uma imensa rocha radioativa, após a explosão de uma supernova, a vida surge no que vocês chamam de mar, um ser humano mata outro ser humano, um ser humano mata a si próprio, o último ser humano vivo morre.

Se o centro da minha garganta esferoidal abrigasse um músculo feito o que vocês chamam de coração, eu estaria em sofrimento, porque vocês insistem em dar nome a todas as coisas que não foram inventadas. Vocês poderiam nomear cadeira, cimento, tapete, estetoscópio, mas não zigoto, planície, magma, antígeno, gravidez, coqueluche, frio. Vocês estão desesperados em busca de um sentido, inventaram deus, destino, o amor e, como inventaram o amor, tiveram que inventar também a fúria. Acreditam no milagre da humanidade, mas não, vocês são um tipo de vida intermitente, sobrevivem em um período interglacial. Cada um de vocês tenciona profundamente

ser único, divorciado de todos os outros e a verdade é que, com uma única ressalva, são iguais em dor e desejo.

Foi ele quem chegou mais perto de mim. Ainda que nunca tenha vindo até aqui, esteve tão próximo que pude sentir a gordura da pele e o pulsar das artérias do pescoço. Ele soube que eu vivo e que estarei para sempre. Em um tempo que já foi, mas continua acontecendo, eu o vejo calçando os sapatos sem meias, esquecendo um número de telefone, torcendo os fios do bigode na pinça dos dedos da mão esquerda, sorvendo alguma coisa quente de uma xícara de porcelana, dando nome às teorias extirpadas dos números e equações gigantescas: campo unificado, opalescência crítica, flutuações termodinâmicas, pseudo tensor de momento de energia, princípio da equivalência, constante cosmológica. Ele morreu da morte que vocês inventaram e eu teria chorado todas as vezes (se fosse capaz de forjar lágrimas), como se fosse humano e estúpido e triste. A única pessoa que o assistia nos momentos finais (uma enfermeira que desconhecia a língua nativa dele) nunca pôde compreender o que foi dito antes da morte. Vocês amputaram o cérebro dele, fatiaram como se fatia um pão, mediram, estudaram a

composição, desejavam descobrir por que ele era diferente de vocês. E ele *era* diferente de vocês. O que vocês desconhecem é que a palavra derradeira foi meu nome. Ele acreditava que a confiança do universo estava guardada em mim. Gostaria que ele estivesse certo, ser o ponto nevrálgico de todo o entendimento, mas não. Eu na minha insignificância de ter duas bocas que não dizem nada e dois olhos que veem sem chorar. Não fosse ele, eu estaria para sempre no ostracismo cósmico das coisas que existem sem que ninguém saiba. Eu o observo em todas as dimensões e (ao contrário de vocês, que em cada uma das alternativas tem uma vida diversa) ele é sempre ele: me decifra por equações matemáticas e diz meu nome antes de morrer. O que ele não teve tempo de descobrir, é que o universo não se expande para sempre. Depois de muito crescer, passa a se contrair até um minúsculo ponto de matéria e tempo condensados. Gostaria que ele soubesse que a morte do universo é uma nova gênese. O fim regressando ao começo, até que seja de novo o fim. O universo se retrai e se expande em um ciclo infinito, esta é uma das vezes, um dos tempos, uma das possibilidades. Em todas elas, eu estou aqui. Em todas elas, ele está aqui.

Gostaria de abrigá-lo no meu ventre-garganta, queria que pudesse me atravessar a boca até a outra boca, que visse todos os tempos e o antes, o depois e o para sempre. Nêutrons, prótons, elétrons, pósitrons, fótons e neutrinos vagando em temperatura de trilhões de graus Celsius. A batalha entre as cargas opostas da matéria e da antimatéria, a era Planck, o tempo fracionado em pedaços infinitesimais de segundos. A aceleração da energia explodindo para além da velocidade da luz. O período anterior à expansão, a singularidade que nega o que vocês chamam de leis da física (o tempo e o espaço compartilhando um mesmo corpo que não estava em lugar nenhum). A névoa de elétrons, o plasma cada vez mais frio, a energia pura. O universo observável sendo parido pelo átomo primordial, não sei se pela bilionésima ou trilionésima vez. O início que avança para o fim, até que o fim dê origem ao novo início, um caminho sem meio nenhum, não existe meio, o meio é o profundo. O que vocês não conseguem compreender (o que nem mesmo ele esteve perto de decifrar) é o abismo perpétuo, um útero colossal em que energia e matéria coexistem.

Eu me sinto exausto, porque não inventei morte para descansar, o infinito oprimindo o desfiladeiro que une minhas cavidades. Estou aqui há 13,7 bilhões de anos e quando tudo acabar eu adormeço e desperto na lentidão de outro princípio. O alento em haver um final, o que chamam de morte é o que redime vocês do suplício permanente. Se eu pudesse morrer, morreria agora, fecharia para sempre minhas bocas que veem e engolem, nunca mais olharia a beleza agonizante do princípio caminhando em direção ao fim. Se eu pudesse morrer agora, não nasceria nunca mais. E antes de fechar meus dois olhos pela primeira vez, diria o nome dele.

Maria Fernanda Elias Maglio nasceu em Cajuru-SP. É escritora e defensora pública, trabalha fazendo a defesa de pessoas pobres que estão cumprindo pena. Seu primeiro livro, *Enfim, imperatriz* (Patuá, 2017), venceu o Prêmio Jabuti 2018 na categoria contos. Em dezembro de 2019, lançou *179. Resistência* (poesias) também pela editora Patuá.

ALGUMA COISA

Mariana Salomão Carrara

E então não, nós não tivemos um filho e estamos aos quarenta e oito num avião mais uma vez em férias, algum país que já conhecemos porque são muitos anos e muitas férias, a liberdade. Não tivemos um filho e estamos aos setenta e oito no novo apartamento, viemos morar na praia, há um telefone supersônico estrambólico impressionante, ele faz milagres, é como se nossos amigos estivessem todos ali ao mesmo tempo na tela, não precisa dos nossos dedos duros, mas nós não sabemos mexer muito bem, nem eles. Estamos fazendo juntos um bolo de fubá com goiabada, pensando que talvez não tenha sido uma boa ideia mudarmos para cá, ninguém vem visitar, nossos amigos estão ocupados com os netos, e com os amigos que também têm netos, botam as crianças todas juntas cada tarde na sala de alguém,

ouvem música, abrem alguma bebida. Eu estou com um vestido de praia muito leve e o meu cabelo duro desse sal que fica o tempo todo no ar, faço um sorriso carinhoso pra você, cuido desse sorriso, sem esgar excessivamente as pontas, boto um brilho no olho, falta alguma coisa dentro desse sorriso e a culpa é sua, eu não digo.

Ou você foi embora e eu tive um filho, aquele que você não queria, você foi embora para eu ter um filho, o pai é mais ou menos legal, estamos aos trinta e nove ele e eu, e a criança que diz coisas impressionantes, faz milagres, nessa idade acho que eu não era capaz de nada disso, ainda não saiu das fraldas mas abre o meu computador e digita um poema. Eu e o homem que é o pai dela nos damos muito bem, ele é mais ou menos legal, mais ou menos bonito, mais ou menos interessante, um tanto divertido, muito bom pai, ele gosta quando você vem para o almoço de domingo trazer esse nosso cachorro que ainda é meu e seu, ele gosta porque você fala da última viagem que você fez sozinho, com a sua mãe ou com mais uma namorada nova, e ele gosta do cachorro e também das suas viagens porque, enquanto você fala, ele vai ficando cansado, você diz paraíso e ele

pensa areia molhada cortando o pé no chinelo e você diz avião, ele pensa na dor nas costas e você diz hotel e ele pensa em ar-condicionado quebrado, *check-in*, e vai ficando muito confortável ser ele, a nossa filha no colo dele olhando você falar, querendo puxar os seus cabelos ou os seus óculos, cabelo e óculos os dois cada vez maiores. Hoje é um desses domingos e você revê os nossos amigos, quase todos têm uma criança na mão, muitas idades diferentes, uma sinfonia, música um pouco alta por cima das vozes, alguns vão lá e aumentam o som, outros vão lá e abaixam, você tenta falar com os adultos, falta alguma coisa, você se agacha para falar com as crianças, falta tudo.

E então você foi embora e depois voltou, estamos aos trinta e sete sentados neste bar que amamos cada vez menos, você foi embora para que eu fosse atrás desse filho que ainda não existe e que eu amo cada vez menos, você correu com as suas malas, todo o drama, correu convicto, bateu com a cabeça na parede opaca do seu futuro e quicou depressa de volta para esta mesa, as malas ao lado, o garçom reage à nossa cara aparvalhada, Precisam de alguma coisa?, você aceita finalmente o filho,

eu ergo a taça num brinde estúpido, peço a conta, temos cinquenta e seis anos, não sei se nos amamos cada vez menos, nosso filho na faculdade, ele aprende coisas impressionantes, um milagre, é noite e o filho num balcão qualquer ergue o copo num brinde estúpido, falta alguma coisa.

Mariana Salomão Carrara é paulistana, defensora pública, nascida em 1986. Tem publicados um livro de contos (*Delicada uma de nós* – Off-Flip, 2015), e os romances *Idílico* (EI, 2007), *Fadas e copos no canto da casa* (Quintal Edições, 2017), e *Se deus me chamar não vou* (Editora Nós, 2019).

RÁDIO NACIONAL

Mauro Paz

Querido ouvinte, a Rádio Nacional do Rio de Janeiro informa que, devido ao desaparecimento do roteirista Hernandez Lopes, a partir da semana que vem, será reprisada a novela A Simples Arte de Amar. Fique ligado. Serão três capítulos semanais, segunda, quarta e sexta-feira. Como você bem sabe, não é costume desta emissora retransmitir novelas em horário nobre. Pedimos desculpas pelo fato extraordinário e esperamos que você reviva ao máximo as emoções dessa história de paixão, poder e traição.

Antes de eu terminar a nota ao microfone, o diretor da rádio apareceu na janela da cabine, sacudindo um envelope pardo tamanho ofício. Em doze anos de casa, só vi Juarez com o rosto tão vermelho no dia que a esposa descobriu como era feita a seleção de elenco feminino.

Engraçado ver o baixinho com as mãos na careca enquanto a patroa quebrava todo o escritório. Esperei a agulha da vitrola deslizar sobre o disco de Ary Barroso. Juarez me entregou dez páginas datilografadas. Na primeira, o título *A Sombra de um Desejo*. O capítulo inaugurava a história de Altair Dias, um sujeito magro, de bigode ralo, que descia o morro da Providência para descarregar caixas dos caminhões no Mercado da Praça XV. Além de tomates e repolhos pelo chão, os braços finos rendiam ao carregador o apelido de Pouca Merda. Em casa, repartia o sofá com a mãe para escutar, por aqueles dias, os instantes finais da novela *A Paixão Espera o Sol Nascer*. Vanda Tereza ignorava os trinta e cinco anos de Altair, caprichava no cafuné e preparava uma caneca de leite morno antes de o filho se recolher para a cama. A caixa que Altair escondia no forro do quarto era o suspense que encerrava o episódio e deixava claro o estilo de escrita do autor.

– Hernandez Lopes apareceu? – devolvi o roteiro a Juarez.

– O envelope chegou sem identificação com as cartas da manhã – Juarez enxugou a testa com as costas da mão.

Contratar argentino custava caro, eu brinquei. Juarez não riu. Puxou do envelope um bilhete rabiscado pela caligrafia ligeira de Lopes:

“Coloque esse capítulo no ar. Os seguintes aparecerão e tudo acabará bem.”

Diferente dos outros roteiristas, Lopes não frequentava os botecos da Lapa, rodas de carteados ou os camarins das atrizes. Comentavam que nem era chegado em mulher. Vivia no Rio de Janeiro há sete anos. Morava sozinho num prédio do Leme. Escrevia em português melhor do que falava. Talvez por isso caminhasse cedo até Copacabana para comer empanadas na padaria do compatriota Javier, o único com quem conversava sobre o Boca, Perón e a preguiça dos brasileiros. Nunca atrasou um capítulo ou discutiu salário. O bilhete, o capítulo e o desaparecimento não combinavam com a barba grisalha e os ternos escuros do portenho.

Mesmo sem saber se o restante da novela apareceria de fato, Juarez convocou atores, diretor, e segunda-feira o primeiro capítulo de *A Sombra de um Desejo* foi ao ar. Na manhã seguinte, após eu transmitir as notícias, o assistente de produção avisou que eu fora chamado à sala do diretor. Entrei sem bater. Algumas dezenas de cartas cobriam a mesa.

– Tivesse entregue o envelope à polícia, como você sugeriu, não comemorávamos três boas notícias – os dentes à mostra de Juarez brilhavam tanto quanto a careca enrugada.

Sentei com as canelas esticadas e as mãos cruzadas sobre a barriga. Como imaginava, nenhuma das três notícias estavam relacionadas ao desaparecimento de Lopes. Em conversas de bar, Juarez mostrava um coração grande. Inclusive me aconselhou a manejar na bebida certa vez que quebrei os pratos com a Márcia. Pelos corredores da Rádio Nacional, o homem só pensava em números. Cento e trinta e sete cartas de ouvintes aprovavam *A Sombra de um Desejo*. A primeira boa notícia rendeu quinze minutos de palestra sobre visão de negócio e riscos. Cansado de autoelogios, Juarez abriu a

gaveta da escrivaninha. Segunda boa notícia, o cheque de renovação do patrocínio para o horário nobre. A terceira notícia foi fácil de adivinhar, Juarez jamais fecharia o patrocínio sem o segundo capítulo em mãos. Num envelope pardo idêntico ao primeiro, dez páginas davam sequência à novela.

O roteiro contava que após escutar o ronco da mãe, Altair arredou a tábua solta no forro do quarto. Do vão, retirou uma caixa de madeira recheada de manuscritos. Organizou as folhas sobre a cama. A ideia era revisar os vinte um capítulos de *A Luva Branca da Dor* e enviar a novela para a Rádio Nacional no intervalo do almoço. Altair dormiu sobre as folhas. Acordou com as batidas na porta do quarto. Quatro e meia, filho, vai atrasar, disse Vanda Tereza. Altair meteu as folhas na caixa sem respeitar ordem alguma e recolocou a tábua do forro. Entre caminhões e bancas, imaginava o espanto do diretor da rádio ao ler o roteiro, a disputa das atrizes pelo papel da mocinha e os comentários nas ruas sobre o assassinato no sétimo capítulo. No fim da tarde, Altair parou na papelaria para comprar envelope. Em casa, o rádio ligado. A mãe bateu no assento do sofá, era o último

capítulo de *A Paixão Espera o Sol Nascer*. No intervalo do segundo bloco, o locutor anunciou a próxima novela: *A Luva Branca da Dor*. Altair correu até o quarto. A tábua, a caixa, o manuscrito, nada fora tocado. Restava aguardar o primeiro capítulo para descobrir se a coincidência se limitava ao título.

– Onde quer que esteja, Lopes está rindo da nossa cara – disse Juarez. – Logo menos chega uma carta cobrando os honorários.

Dei o braço a torcer. Escritores têm mania de fazer da vida uma obra de ficção. Quarta-feira o segundo capítulo foi ao ar. O suspense de *A Sombra de um Desejo* já me interessava mais que o suspense real. Estaria certo de que o desaparecimento era uma brincadeira de Lopes não fosse a chegada do terceiro envelope na quinta-feira.

Ao término do primeiro capítulo de *A Luva Branca da Dor*, Altair confirmou que a coincidência entre a novela da rádio e a escrita por ele não se limitava apenas ao título. As duas histórias contavam o drama de Ana Cláudia, uma órfã milionária, que se vê indecisa entre dois pretendentes. O que Ana Cláudia não sabe é que

ambos são capazes de qualquer coisa pela herança. Altair gastou as noites de um ano para planejar a trama, desenhar os personagens e escrever os vinte e um capítulos da novela. Inúmeras vezes cochilou entre os caixotes do mercado. Por pouco não perdeu o emprego. Num acesso de fúria, Altair rasgou os manuscritos e decidiu se vingar do roteirista da Rádio Nacional que misteriosamente roubou sua história.

– Vai entender o senso de humor dos argentinos – Juarez forçou um sorriso e puxou o roteiro da minha mão. A audiência de *A Sombra de um Desejo* superava a média das três últimas novelas. Além do mais, o que diria ao patrocinador caso tirasse a novela do ar?

– Não sei do patrocinador – eu disse. – Mas gostaria de escutar a opinião de um policial.

Para Juarez, chamar a Polícia serviria apenas para encher os corredores de agentes e intrigas. Lopes continuaria desaparecido. *A Sombra de um Desejo* sairia do ar. Prefiri não tapar o sol com a peneira. Sexta-feira fui ao Departamento de Polícia. No balcão, um plantonista de testa enrugada me atendeu. Expliquei que

trabalhava na rádio e pedi que chamasse o encarregado do caso de Lopes. Depois de quinze minutos, o plantonista indicou a segunda porta à esquerda. Era uma sala com pouco mais de cinco passos de profundidade. Fedia a cigarro. Entre a mesa e o arquivo de ferro, cabia apenas o corpo redondo do investigador. Moreira se apresentou e indicou a cadeira vazia. Queria saber o motivo da visita. Eu disse que estranhava passarem dez dias do desaparecimento de Lopes e nesse tempo nenhum policial ir à rádio.

– Essa hora, Lopes está tomando um mate em Buenos Aires – disse Moreira.

Não entendi de onde vinha tanta convicção. Moreira revelou que foi ao prédio no Leme. A síndica contou que Lopes mal saía do apartamento. Quando saía, era para reclamar das crianças do prédio. Dizia sempre que não via a hora de voltar para Buenos Aires.

– Escutou algum capítulo de *A Sombra de um Desejo*? – perguntei.

As bochechas flácidas de Moreira emolduraram um sorriso.

– Sinceramente, nesse horário só escuto o barulho da mesa de bilhar – Moreira dobrou as mangas da camisa.

Contei sobre os envelopes que chegavam sem identificação. Precisei explicar três vezes que, depois de sete anos de trabalho com Lopes, era fácil distinguir os textos. Logo, impossível o autor estar longe. Moreira estalou os dedos. Manteria o caso aberto. Pediu os capítulos antigos, escutaria os próximos. Combinei de enviar cópias do roteiro pelo assistente de produção. Apertamos as mãos e pedi que não comentasse sobre a minha visita com Juarez.

Após o terceiro capítulo, o volume de cartas aumentou. Porém, em meio aos fãs de Altair, uma dúzia de ouvintes criticava a rádio por simular o desaparecimento do roteirista para aumentar a audiência da novela. Juarez afrouxou o nó da gravata. Cogitou substituir a novela por uma reprise.

– Boa – eu disse. – Cancele *A Sombra de um Desejo* e com o telefonema seguinte avise ao patrocinador pra buscar o cheque.

– Seria temporário – disse Juarez. – Beto Freitas ligou duas vezes durante a semana. Quer mostrar uma história de época que escreveu.

Há tempos que romances de época não agradavam a audiência, eu disse. A última novela escrita por Beto Freitas só chegou ao final porque Lopes modificou dez capítulos. No casarão, onde aristocratas trocavam cartas de amor, Lopes incluiu o roubo de um colar de pérolas. A revelação do ladrão no último capítulo rendeu até capa de jornal no dia seguinte.

Para acalmar Juarez, comuniquei uma nota esclarecedora resgatando o passado de credibilidade da rádio. O desaparecimento de Hernandez Lopes era legítimo. Em seguida, foi ao ar o quarto capítulo de *A Sombra de um Desejo*. A trama evoluía para um sequestro. Com ajuda do guia telefônico, Altair descobrira o endereço do roteirista, Júlio Oliveira. Na manhã seguinte, Altair não foi ao mercado. Desceu ao Leme. Perto das sete e meia, Oliveira saiu de casa em direção à Copacabana. Altair acelerou o passo. Apresentou-se como fã ao roteirista. Andaram lado a lado durante o tempo necessário para Altair tecer sobre a admiração pelas

novelas de Oliveira e revelar que também escrevia. Perguntou se poderia apresentar alguns textos. Oliveira gostou dos braços finos do rapaz. Anotou o endereço numa folha do bloco que levava no bolso e disse para Altair aparecer no início da noite. Oliveira pôs uma garrafa de Cabernet Sauvignon e duas taças sobre a mesa. Vestiu o chambre vermelho de cetim. Altair nem teve tempo de se espantar com as intenções do roteirista. Sacou três metros de corda que trazia na sacola e amarrou Oliveira sobre o tapete. O cinto do chambre serviu de mordaca. Durante a madrugada, Altair levou Oliveira para o cativeiro.

No dia seguinte, liguei para o Departamento de Polícia.

– Você ouviu? O sequestrador de Hernandez contou como fez – eu disse.

– O argentino é *maricón*? – imaginei as bochechas de Moreira trepidando com a gargalhada que veio a seguir.

– O quinto capítulo chegou – eu disse.

– Rolam beijinhos?

Para alguns, Lopes era assexuado. Nunca fez questão de conferir ou perguntar. As formas com que os colegas da rádio sentiam prazer não me diziam respeito. Era outro o motivo da ligação. O quinto capítulo contava que Altair deixou Oliveira atado no chão da sala. Quando o relógio marcou onze horas e o último ônibus saiu do Leme, Altair foi até a Praça XV. Acomodou-se num banco. A carroça de Joaquim, da banca de hortaliças, foi a primeira a encostar. Altair se ofereceu para descarregar as caixas. O português propôs a metade do valor corrente. Melhor que ficar parado, disse Altair. Em quinze minutos, nove caixas estavam na banca. Boa marca para um Pouca Merda, Joaquim brincou. Faltava uma caixa de alfaces para Altair receber o pagamento. Entretido em organizar a banca, Joaquim nem reparou quando a carroça partiu em direção ao Leme. Antes de entrar no prédio, Altair averiguou os dois lados da rua. Na caçamba da carroça, amontoou Oliveira e a máquina de escrever juntos à caixa de alfaces. Circulava pouco ar embaixo da lona. Oliveira deu graças quando a carroça parou no morro da Mangueira. Desceram numa maloca verde da Travessa Saião Lobato. Quatro paredes de madeira formavam a

peça única. Porta e janela eram opostas. Cobertores empilhados improvisavam o colchão. No centro da peça, uma mesa. Altair atou as canelas de Oliveira aos pés da cadeira. Pôs papel na máquina. Escrever uma novela inédita era o preço pela vida de Oliveira.

Terminei de contar o capítulo, Moreira permaneceu mudo no outro lado da linha

– Pode ser emboscada – eu disse.

– Ou mentira – escutei os dedos de Moreira estalarem no outro lado da linha. – Só tem um jeito de saber.

Juarez jamais aceitaria um funcionário da rádio metido em diligência policial. Desci pelas escadas de incêndio. Fomos com o meu carro. Em toda a Saião Lobato, apenas uma maloca verde. Moreira desceu primeiro. Colou o ouvido na parede de madeira e sinalizou para eu dar a volta na casa. Junto à janela dos fundos, dormia um vira-lata de pele sarnenta. Dei um passo para trás. O estrondo na porta pôs a pique qualquer tentativa de não acordar o cachorro. Moreira gritou pra eu entrar. Polícia! A maloca era de chão batido. Embaixo

da janela, o colchão improvisado. Duas cadeiras desarrumadas. A mesa redonda. Na máquina de escrever, um papel com o escrito:

“O importante é chegar até aqui. De resto, todos morrem no final”.

Nenhum outro capítulo de *A Sombra de um Desejo* chegou. Juarez chamou Beto Freitas para terminar a história. Beto se negou. Não se rebaixaria a remendar a novela do argentino. Queria a novela dele no ar. Juarez fez um grande malabarismo para convencer os patrocinadores a apostarem em uma novela de época. A novela era tão ruim que durou apenas duas semanas. Para sorte de Juarez, bateu à porta da rádio um jovem e talentoso roteirista. José Carlos escrevia boas histórias de mistério. Fã de Chandler e Simenon. Por ironia, cresceu no Morro da Providência. Nunca se soube o paradeiro de Hernandez Lopes.

Mauro Paz nasceu em Porto Alegre. Desde 2009, vive em São Paulo. É autor dos livros *Por Razões*

Desconhecidas (IELRS), finalista do Prêmio SESC de 2012; *São Paulo – CiudadExpressa* (Editora Patuá); e *Entre Lembrar e Esquecer* (Editora Patuá), finalista do Prêmio São Paulo de Literatura 2018.

VÍNCULO

Mayara Floss

*“A vida é mais tempo alegre
do que triste. Melhor é ser.”*

Momento - Adélia Prado

1.

No meio da sala de observação, onde as crianças choravam, as enfermeiras corriam e ela pequena conversava comigo. Tínhamos a tarefa de construir um mapa familiar. Ela, do alto dos seus 11 anos, contava do pai no presídio e da mãe que a abandonou. Enquanto ela falava, eu desenhava. Entusiasmada com os círculos e os quadrados, ela arregalava os olhos. Olhava o mapa da família e explicava, com naturalidade, o que quase se

assemelhava a uma teia de aranha. Quando terminamos, ela sorriu com o genograma familiar nas mãos.

– Alguém entendeu a minha família.

No final do dia, antes de subir para a internação, ela me chamou.

– Tem alguma coisa para ler? Estou entediada – ela disse.

Eu olhei para os lados. Revirei as estantes. Só tinha uns desenhos semi-coloridos da *Frozen* e uns livros infantis comidos pelo excesso de manuseio. Nada empolgante para uma pré-adolescente. Pedia para ela esperar. Estava chovendo. Corri na banca em frente ao hospital. Comprei “alguma coisa para ler”. Voltei triunfante com gibis da *Mônica Jovem*. Ela abriu um sorriso.

Sobre o ir e vir e as urgências. Poderia ter ido embora, ter ganho tempo para o próximo compromisso, para a próxima hora.

2.

Primeiro dia no hospital de Minas Gerais. Num dos leitos, um paciente raquítico e suas privações. Privado do direito a crescer. Privado do direito a se alimentar. Órfão aos quatro anos de idade. Cresceu de casa em casa até ganhar a rua. Depois a prisão. Depois um teste de HIV positivo. Foi infectado por caguetar um dos presos. Punido infinitas vezes, pelo sistema, pelo déficit mental, pela vida. No hospital, internado, ele era mais uma vez privado de liberdade e rotulado como agressivo. Eu, estudante, acompanhava o médico no trabalho voluntário.

– Doutor, queria um pipocão – ele disse.

O médico prometeu o pacote de pipocão para a próxima visita.

O dia seguinte foi duro no Serviço de Atenção Domiciliar. Estradas de terra. Curvas. Dezenas de visitas domiciliares. À noite, já no turno extra para o trabalho voluntário, chegamos ao hospital ver o paciente. Entramos eu e o médico no saguão hospital e nos olhamos:

– A pipoca – eu disse.

Havíamos esquecido. No mesmo instante, o médico deu meia-volta. Saímos do hospital. Entramos no carro. Descemos até o centro da cidade. Eu cruzei a rua movimentada com o dinheiro na mão. Comprei dois sacos da pipoca mais tradicional da cidade. A viagem não era curta, tampouco o dia foi. Suspirei. Olhei o trânsito. Próximo às vinte e uma horas, cruzei a rua com as pipocas na mão.

Chegamos com as pipocas e o médico recostou-se na maca. O paciente, em um super esforço, sentou com os pés para baixo. Ele abriu os pacotes. Repartimos os três o “pipocão”. Tem certas urgências da vida que não podem ser adiadas, sejam gibis, pipocas ou abraços que pousam.

Mayara Floss é médica residente de Medicina de Família e Comunidade, está trabalhando no front na Atenção Primária à Saúde na pandemia de coronavírus e também escreve. Em 2009, publicou seu primeiro livro

Falta um poema.... Escreve principalmente para os blogs
"Causos clínicos" e "Rua Balsa das 10".

UMA E JÚLIO

Natalia Timerman

Embora ali não houvesse vinho, foi o vinho quem os escolheu, diante do palco vazio e dos ecos de um tango já terminado. Ele a empurrava para trás, tentando estabelecer os passos; ela se desequilibrava tentando acompanhar, sem suspeitar que aquele erro era já um começo.

Lembro das nuvens de fumaça de cigarro e frio na noite alegre.

Bebiam mais: o tango acabou, mas a noite não. Pegaram táxis na rua, eram em muitos, tantos que não caberiam em uma noite. Num banco de trás de um táxi qualquer de Buenos Aires encontravam-se de repente duas amigas e ela.

Quem seriam?, minha memória incessante pergunta.

Ele (já era ele), no banco da frente. Ela enfiou o braço no vão entre a porta e o banco. Ele tocou seu braço, agarrou-o entre os seus, uma aceitação sem surpresa, convite desde sempre aceito.

*Em que momento, meu deus, se rompe o convite?
Em que momento cessa o encontro?*

E beijou seu braço ali no banco da frente, ela crê, sem tanta fé no que a memória inventa. E enquanto ela, divertida, bêbada, com toda a alegria dos bêbados, conversava com as amigas no banco de trás, os três braços esboçavam o que estava por vir.

Ela não lembra em que momento se beijaram.

Ele prometeu a si mesmo que aprenderia tango. Eu cheguei a acreditar.

Um beijo doce e demorado do grosso daqueles lábios quentes, sem a língua, e ela se surpreendeu com aquela ternura.

Ele sumiu depois por algum tempo. Ela não encontrou as amigas, chegou a dar uma volta no salão procurando quem quer que fosse, ele, elas, e com vergonha de se ver sozinha, procurando, encostou no bar e pediu uma cerveja. Antes que pensasse, antes que olhasse para trás, ele encostou no seu encostar, por detrás.

Beijavam-se, e falavam, e começaram a se encantar com o que parecia estar acontecendo, com o que estava acontecendo. Era como se, dos destroços de uma explosão que ninguém ouviu, fossem encontrando preciosidades: um olho que olhava e buscava, sardinhas, a esquina da boca, o jeito da mão, as palavras que saíam excitantes e excitadas da boca. E se acercavam, e se cheiravam, e se descobriam num encantamento cada vez maior, como se tivessem recebido um presente que nunca haviam pedido. E que crescia e iluminava cada detalhe do outro, *era só o álcool? era só o álcool?*, e os beijos que se devoravam, e as mãos que se pediam, e os corpos que queimavam por se conhecer, como graça, como milagre, e queriam entrar na vida um do outro, e perguntar de onde vinham, e como viviam, e de repente pertenciam

mutuamente a um tempo comum, tão bonito quanto inexistente, e que era só deles, *e que não era nem deles, depois eu viria a saber.*

Esse foi o erro, talvez: crer que possuía como garantido o que nunca se pode ter.

No táxi de volta (não houve nenhuma pergunta, era certo que estariam juntos), os corpos reunidos, *stairway to heaven, quedate a viver aqui*, e ela riu, mas aquilo era, sem dúvida, algum tipo de amor.

Por um segundo te amei, escrevi em letras pequenas, só, só, embaixo da letra de cajuína que ele me pedira, quase por compaixão, que escrevesse em seu caderno. Mas não havia, já, nada que nos pudesse fazer voltar ao que tínhamos vivido, nada que eu fizesse que o pudesse impressionar, e pelo contrário, cada gesto ou palavra parecia – desde quando? –, um erro.

Chegaram na casa onde ele vivia há um mês, latejantes, pedintes, com sede deles próprios, gratos a cada toque de pele e sabor. Com cuidado se tocavam e delicadeza era gesto, e passando de leve a mão por seu rosto eu me apaixonei, e *me has embrujado*, e se

olhavam, e tentavam dormir, mas o quente da pele tocando, nua, a pele, era pedido de mais toque, de mais pele, língua, sexo, gozo, de mais carícia, de mais amor, de mais amor, e o peito enchia de um arder e ela lhe quis mostrar e colocou sua mão sobre o peito, e assim ficaram até que se buscassem novamente de outras formas.

Em que momento?, eu me pergunto enquanto vejo destroçados os caminhos antes fáceis e inevitáveis.

Do avião, vejo na janela a beleza pouco comedida do sol caindo.

Ela, que havia simplesmente permanecido sozinha num lugar onde só cabem dois.

Suspiro, olhando da janela o céu. Nunca houve uma lágrima. Não houve despedida. E eu me ressinto do momento não ter sido apenas aquele. E não sei o que fazer com a lembrança. E não sei como tocar-me depois de sua passagem pelo meu corpo.

Entrega.

Uma retirada.

Ela viu de longe a retirada. Também sentiu o pedido do vazio, mas insistiu, mesmo sabendo que aquilo não se pedia. Que o presente só podia ser dado uma vez. Que era algo que se recebe (ela disse a ele, olhando-o nos olhos), não que se faz. Que deveria ter sido apenas grata, e que ao menor indício de que o gesto já não era espontâneo, deveria ter se recolhido.

Porque a beleza da entrega, a única coisa que a poderia completar, era justamente a reverência ao seu fim.

Mas, da janela do avião, ela pensa que ainda não descobriu como se manter no ar sem mergulhar. Não descobriu como se conter num gesto (*mesmo adivinhando, agora, que o amor é feito das pausas*). Que, no tango, o que seduz é o que se contém. O aguardo infinito que guarda.

Sente raiva.

E se lembra de quando andou sozinha pelo salão, procurando, procurando, procurando.

Natalia Timerman é médica psiquiatra pela Unifesp, mestra em psicologia e doutoranda em literatura pela USP. É autora de *Desterros: histórias de um hospital-prisão* (Elefante, 2017), acerca de seu trabalho no Centro Hospitalar do Sistema Penitenciário, e da coletânea de contos *Rachaduras* (Quelônio, 2019). Fez a pós-graduação em Formação de Escritores do Instituto Vera Cruz.

COVID-19

Rodrigo Novaes de Almeida

17 de março de 2020.

São Paulo, Brasil. Primeiro óbito. Homem de 62 anos, diabético e hipertenso.

8h30. Christiane me acorda para tomar o remédio e o suplemento vitamínico. Há dois dias dobrei a medicação para a dor. Ontem ela me levou ao pronto-atendimento do SUS para pegar uma nova receita, porque os comprimidos não seriam suficientes até a próxima consulta agendada. Um homem sentado ao meu lado espirrava sem colocar o antebraço na frente. Recebi uma máscara na triagem e, por fazer parte do grupo mais sensível ao vírus, a enfermeira foi imediatamente informar à médica. Saí de lá com a receita. Agora aguardo

a Christiane voltar para casa. Ela foi ao laboratório buscar a lâmina da biópsia que fiz há um mês e meio e que constatou o câncer. Precisamos entregá-la ao hospital, onde farei a cirurgia para a retirada do tumor. Em seguida, ela passaria na rodoviária para comprar nossas passagens para amanhã. Farei todo o tratamento no Rio de Janeiro. Ficaremos na casa da minha mãe.

12h15. Christiane me liga da rodoviária. Não há mais ônibus interestaduais. As cidades entraram em quarentena. Na televisão, vejo que os aeroportos ainda não fecharam. Digo para ela vir o mais rápido que puder para casa. A sua mãe está a caminho. Ela ficará com a nossa filha de quatorze anos. Já havíamos comprado comida para elas para os próximos dias. Tentaremos pegar um voo.

13h. Christiane chega. Eu estou terminando de arrumar a minha mala. Ela entra direto no banho. Depois liga para a mãe, que está longe. Resolvemos não esperar. Os aeroportos podem ser fechados a qualquer momento.

Meus exames pré-operatórios no hospital do Rio são em dois dias. Esperávamos somente o laboratório liberar a lâmina da biópsia para partirmos. Pegaríamos um ônibus leito durante a noite, esta noite. Chamo um carro da Uber para nos levar ao aeroporto.

15h20. Christiane me avisa que sua mãe chegou na nossa casa. Nós estamos na fila da companhia aérea para comprar as passagens. Ainda há passagens. Estão seis vezes mais caras. Somente ida. Divido em cinco vezes no cartão. Despachamos as malas (levamos as maiores, com praticamente todas as nossas roupas, sabemos que passaremos muito tempo fora) e vamos para a área de embarque. Estou suando e, mesmo com a dosagem dobrada, sinto dores. Vejo o painel com os voos. Um atrás do outro, cancelados. O rapaz da loja de pão de queijo olha para mim, percebe o meu nervosismo e me diz que aqueles voos são os que têm conexão internacional. Foram cancelados porque não podem mais pousar em São Paulo. Mas os voos internos ainda estão saindo. Sento-me para beber uma garrafa de água com gás.

16h00. O nosso voo é o de 17h10, com hora de embarque para 16h30. Mas no painel está o aviso de que ele está atrasado. Atrasado, não cancelado. Às 16h40 somos chamados para o portão de embarque. Foram os minutos de expectativa mais tensos. Vejo dezenas de pessoas no aeroporto usando máscaras. Não temos as nossas. Nas farmácias acabaram e compramos um pacote de cinquenta unidades pela internet que não chegou. Vejo as pessoas mexendo em suas máscaras, tirando-as para beber ou comer e depois colocando-as novamente. Usam-nas de forma errada, se houver vírus, já se contaminaram. Sinto-me pior, porque eu deveria estar usando máscara.

17h40. O avião decola. Estou um pouco mais aliviado, mas Christiane está preocupada se para entrar no Rio estão fazendo exames e triagem. Não estão. Nada. Pegamos as malas, entramos no táxi e vamos para a casa da minha mãe. A minha mãe tem 73 anos, é diabética e hipertensa.

20h. Recebo a notícia de que um dos meus exames pré-operatórios foi cancelado. Os demais, não. A cirurgia provavelmente será adiada. Há riscos novos a serem considerados. A minha prima liga para a minha mulher e avisa que conseguiu comprar máscara para eu usar quando for fazer os exames no hospital depois de amanhã. É uma boa notícia para terminar este dia. Sabemos que ficaremos de quarentena na casa da minha mãe, saindo apenas para irmos ao hospital. Nossa filha está com a avó na nossa casa e ficará bem. Amanhã de manhã acordaremos com a informação de que os aeroportos também seriam fechados.

Rodrigo Novaes de Almeida (Rio de Janeiro, 1976) é escritor e editor. Autor dos livros de contos *Carnebruta* (Editora Apicuri e Editora Oito e Meio, 2012), *Das pequenas corrupções cotidianas que nos levam à barbárie e outros contos* (Editora Patuá, 2018), finalista do 61º Prêmio Jabuti, em 2019, e do livro de poesia *A clareira e a cidade* (Editora Urutau, no prelo), entre

outros. É fundador e editor-chefe da *Revista Gueto* e do selo Gueto Editorial, projetos de divulgação de literatura em língua portuguesa e celeiro de novos autores.

MARIA CHORONA

R. Tavares

É claro que uma dessas só podia acontecer comigo. Minha profissão? Detetive particular. Podia estar desvendando assassinatos, desaparecimentos, procurando cativos de algum filho rico, ou até mesmo fotografando esposas infiéis, mas não. Passei a manhã inteira no trânsito de Porto Alegre, quarenta graus à sombra, andando de um lado para outro, em viagens curtas, até que surgiu uma corrida mais longa – faço Uber nos momentos de ócio (e são muitos) – e é claro que não seria uma viagem normal. Não comigo.

Uma loiraça gostosa entrou no banco de trás – apesar de estar acostumado com a eterna desconfiança das mulheres, ainda fico puto quando elas sequer pensam em entrar no banco da frente (não sou nenhum tarado, porra) – e ficou mexendo no celular. Apesar de não ser

nenhum tarado, não pude deixar de reparar (era impossível, sério) nas longas pernas tatuadas, mal e mal cobertas por uma microssaia de látex, eu acho, e no incrível decote que terminava com o desenho de um beijo estilo Xuxa nos gomos dos seios.

Acho que ela reparou que eu a espiava pelo espelho e, com o queixo quase encostado ao pescoço, baixou os enormes óculos de aros vermelhos e me encarou com cara de poucos amigos. Vi uma lágrima tatuada no seu olho direito e soube que estava fodido. Só podia ser ela: Madame Chorona. A chefe do tráfico de drogas no Morro do Fêmur, Zona Sul, quase rural, da cidade. Na mesma hora olhei fixo para as vias movimentadas e fingi que nem era comigo.

Ela telefonou para alguém, falava baixo, e eu tentava escutar. O assunto era meio sombrio, falava em dar cabo em alguém, mas tudo na boa, sossegado. Não consegui entender o que seria dar cabo na boa e sossegadamente. Pensei na minha arma que eu tinha deixado em casa, mas não faz mal, com essa gente é melhor ter cuidado.

Então, querido. Vamos ter que alterar o itinerário, tudo bem pra você?

Não tem problema. Pra onde vamos?

Precisamos parar no acostamento ali passando o Beira-Rio, ela disse, e aguardar uns minutos. Depois eu digo pra onde vamos.

Na hora tive certeza: de fato me fodi. Essa certeza podia desesperar outros colegas motoristas, mas eu trabalho com isso. Melhor era ver até aonde essa aventura iria. Parei o carro ali, com o pisca-alerta ligado e aguardamos. Três minutos depois, um maloqueirinho saltou dos arbustos densos da margem do Guaíba, com um revólver na mão e um saquinho de drogas na outra. Ela abriu o vidro de trás, ele jogou um dinheiro amassado pra dentro e disse que tudo estava feito, que ela podia seguir pra casa. Risco zero, falou antes de sair correndo pro matagal.

Menino, pode chegar até a entrada do morro, onde estava marcado no GPS e de lá eu te aponto o caminho. Fica tranquilo que quem manda naquela bagaça sou eu, não vai acontecer nada contigo.

Sinalizei afirmativo e segui o caminho. Ao chegar nos becos do morro, uns sujeitos mal-encarados olhavam para dentro do carro e avisavam pelo áudio que a patroa estava chegando.

Fica tranquilo, moço. Antes de ir embora, tu vai ganhar um presentinho.

Chegamos em frente a uma casa simples, mas arrumadinha, onde dois trogloditas esperavam na frente. Espera um minuto, disse ela e desceu do carro. Conversou com os dois e voltou até a janela.

Obrigada por ter vindo até aqui. Sei que parece perigoso, não é. Vamos te convidar pra descer e tomar um refri ali dentro e fazer um lanchinho. Tem bolo. Deixa o aplicativo ligado até sair do morro, pois aí sabemos onde tu está e tu recebe mais, também. Pode descer e deixar o carro ligado e aberto, se alguém tocar no carro, vai se ver comigo.

Sem muitas opções, descí. A casa era luxuosa por dentro: papel de parede, espelhos, lustres com cristais, sofás gigantes atravancando a sala, televisão enorme ocupando uma parede inteira, que me fez pensar em

como alguém leria as legendas de um bom filme. Se bem que eles deviam assistir filmes dublados e eu sempre digo que quem assiste filme dublado merece morrer.

Antes de ir embora, ainda joguei uma sinuca, comi um bolo de cenoura com cobertura de chocolate e tomei um copo de Coca.

No fim das contas, não foi tão ruim assim.

Quando estava descendo o morro, era observado por cada um dos guardas da Maria Chorona. Todos sorriam e me abanavam, como velhos amigos. Achei estranho, mas pensei que tinha sido aprovado nalgum teste de coragem. Avancei em direção ao centro, contente que ganhara mais de cem reais na corrida, além de uma boa gorjeta.

Logo que peguei as vias principais, desliguei o aplicativo e acelerei o carro. Por hoje já estava bom. Distraído em Porto Alegre só podia dar nisso, enfiei o carro num buraco e estourei o pneu. Dei pisca-alerta, desci e vi que não tinha salvação. Só quando fui pegar a estepe entendi qual era o presentinho prometido pela Madame Chorona. Entre o macaco, caixa de ferramentas e minhas bugigangas estava um corpo branco cravado de

buraco de balas e manchas de sangue seco pelo corpo. Os filhas da puta não tiveram nem o cuidado de forrar o presunto com um plástico. Troquei o pneu com o portamalas fechado. Fumei um cigarro enquanto decidia para onde levaria. Na minha profissão, a gente sempre tem um cara para resolver esses contratempos. E, por sorte, Porto Alegre anda meio abandonada e a última coisa que corro é o risco de cruzar por um carro da polícia.

R. Tavares nasceu em Bagé, em 1986. Tavares reside atualmente em Porto Alegre e é autor de *Ainda que a terra se abra*, *Andarilhos*, *Noite Escura*, *Contos Sangrentos* e *A tropeada*. É também o idealizador e curador do FestFronteira Literária, festival de literatura que ocorre anualmente em sua cidade natal.

ENTRE DOIS SÉCULOS: RUÍNAS

Ronaldo Cagiano

*Dias em que o nada é o único amigo que temos.
Dias em que, contrariamente ao valor ético da alegria,
nos resta somente o valor estético da tristeza.*

Paulo José Miranda

“Natureza morta”

Os anos verde-oliva tinham se desbotado como uma fotografia ordinária. Embora outros os tempos, outra a

cidade e outro o milênio, o refluxo desse fantasma ainda me perturbava. Antes, era o diabo da ditadura deserdando, desertando, cassando e matando. Depois, veio a Nova República com sua coleção de fracassos fazendo água e a canoa da economia adernando no coração daquele mar de revolta e insatisfação que convulsionava a capital do País. Agora em outro redemoinho, no olho de outro furacão, troquei as marchas em direção à Esplanada dos Ministérios pela onda de protestos que avançam na Pauliceia, numa desvairada concorrência de forças antagônicas, um campo magnético que atraía o joio e o trigo, desde o Largo da Batata até a Avenida Paulista, em que não se vislumbrava mais o corolário de utopias e ilusões, mas o próprio fracasso de um projeto nacional e a frustração generalizada de uma geração que não sabe quem foi Che Guevara nem veio *caminhando e cantando e seguindo a lição* com Geraldo Vandré.

Foi durante a pororoca de insatisfações que irrompia País afora no junho incandescente de 2013, que todos os tempos de uma vida se imiscuíram num

caleidoscópio de bile e inquietação e tudo parecia ir e vir como num mar de procelas.

Os black blockers de agora me revolvem a memória, povoada ainda das imagens daqueles motins afrontando a quartelada e, estuantes de vida, enfrentávamos os cães e o exército que invadiram o campus da UnB e conspurcaram a vida universitária para sempre. Mais de quatro décadas depois, reencontro Letícia no meio de outro cipoal. Mas aquele ocorrido no distante 68, quando protestávamos contra a morte do estudante secundarista Edson Luis de Lima Souto, assassinado por policiais militares no Rio de Janeiro, em nada lembra o que estou vendo agora, quase septuagenário, quando não é o exército que nos avilta nem as coronhadas que nos amedrontam, mas a confusão ideológica que rege essa manifestação que o século 21 transmite ao vivo, mas que nos deixa perplexos diante da impossibilidade de vislumbrarmos uma chama de coesão como naquele período.

Observando tudo de longe, em meio à cordilheira da fumaça das bombas de efeito moral, dos pressurosos celulares que tudo registram e captam para lançar na rede *on-line* e *on time*, no coração da massa humana que se

desloca de Pinheiros ao Centro, é que vejo um corpo esguio capturando o caos numa máquina fotográfica, cuja objetiva sobressaía em meio aos seus cabelos encanecidos e ao torvelinho de outra nuvem, a da fumaça do cigarro que ela tragava nervosamente, interrompendo suas baforadas apenas quando disparava seus cliques em direção ao movimento, como uma metralhadora alvejando as cenas de horror numa praça de guerra. Leticia me viu de uma distância considerável, mas não que a impedisse de reconhecer um vulto ao longe, como o meu. Pendurou a Canon no pescoço e correu ao meu encontro. Eu ainda não tinha conseguido divisá-la claramente no meio daquele distúrbio todo (aquela silhueta me lembrava de alguém distante, mas familiar): o gás lacrimogêneo, os estopins de pimenta lançados a esmo, sirenes, quebra-quebras em lojas e bancos –, essa coisa toda que só acontece uma vez na vida nessa cidade quatrocentona, burguesa e dividida e que depois cai no esquecimento, como todos os movimentos de massa que surgem como erupção momentânea e não se repetem com a mesma intensidade.

(Eu queria muito rever Letícia, há anos pedia por isso. Ela desapareceu depois que os homens do DOPS invadiram a república da SQS 402 Sul, que dividia com uma turma de estudantes. Eles entraram esbulhando o pequeno apartamento, quebrando o que encontravam pela frente, arrombaram armários, destruíram fotos, queimaram livros, lançando tudo ao chão, numa cena de terra arrasada, como quem procura indícios de um crime horrendo. Letícia, Antônio Jaime, Emerson Toquinho, Joílson e Pequeno estavam no último ano de seus cursos na Universidade, a universidade que conspurcava os sonhos, a UnB era um caldeirão sob o tacão de um reitor preposto da ditadura militar. Era preciso muito cuidado, ninguém estava a salvo das investidas dos milicos, aparelhos eram desmantelados e companheiros caíam indefesos em todos os lugares. Nunca mais soube de Letícia até esse junho adernando no tumulto. Para mim, as coisas eram simples: se não tinha se escondido, estaria numa cova clandestina, ou enterrada como indigente num cemitério de periferia qualquer, como teria acontecido a Honestino Guimarães e a outros que caíram em nome da liberdade e da democracia. Mas como, nos

anais da ditadura, recém-abertos depois da longa noite de obscurantismo, ela não estava incluída em nenhuma lista da vil indenização, eu tinha a esperança de reencontrá-la, mesmo que isso fosse confirmar sua cooptação do anonimato que lhe tivessem custado a vida).

A investida policial pululava na esquina da Augusta com a Paulista, tentando conter o mar de gente que vinha desde o centro, por todos os lados como enxurrada procurando onde escoar. Corria em minha direção Letícia, como quem já sabia de antemão que o ser ao longe, antes desconhecido, quase invisível na poeira da tarde moribunda tumultuada, era eu, o antigo companheiro de lutas e reuniões clandestinas. Ela vinha numa corrida que parecia não ter fim. De um lado a outro da calçada. Parecia um longo caminho, ela vindo ao meu encontro, superando anos de ausência, de silêncio mútuo, de uma procura que sabíamos haver em nós. As ideias turbilhonavam em minha cabeça nesse breve espaço de tempo, quando seus passos se repetiam velozes rumo a mim. Letícia, rosto sulcado pelas voçorocas do tempo, avançava e, sem que eu soubesse, estávamos dando asas à louca procura de anos. De um lado, a surpresa do

reconhecimento; de outro, a lembrança de velhas batalhas que tínhamos travado – em vão? – naqueles anos invadidos pelos coturnos, mas turbinados pela utopia e que em tudo se parecia com o que estávamos presenciando naquele episódio, mais dantesco que consciente, de uma população amotinada ainda na adolescência de uma (já viciada) e corrupta democracia.

(Numa daquelas noites terríveis e incíveis em que desejávamos a revolução a qualquer preço, saíamos pela Avenida W-3 Sul pichando paredes, colando cartazes apócrifos. A avenida deserta, mal iluminada, favorecia nossa aventura ideológica. E nós cravamos na porta do Cine Cultura uma frase enigmática, que muitos anos depois eu soube que alguns estudantes haviam reproduzido num dos viadutos que ligam os eixos Monumental e Rodoviário: “Celacanto provoca maremoto”. Ah, víamos no golpe da “revolução redentora” um titã ameaçador, com seus tentáculos, como a hidra de Lerna a nos alcançar no trabalho, nas escolas, nos botecos, nas leituras, nos aparelhos. Nossa senha nunca foi entendida, não cabia na cabeça dos milicos que tínhamos um projeto de explosão sucessiva de vários

prédios públicos, tanto é que nunca souberam, também não tivemos estofo para levar adiante esse delírio, porque a dissidência já havia contaminado nossas bases.).

– Letícia!

– Tavinho!

A única coisa que conseguimos foi nos abraçar e pronunciar nossos nomes, enquanto nossos olhos se fixavam numa vibração silenciosa, de tirar o fôlego. Éramos como duas crianças surpresas, indiferentes ao bulício em redor.

(Não supunha que ela fosse capaz de correr tão decidida ao meu encontro. Já que nunca fora de demonstrar sentimentos nem revelar paixões. E mais que quatro décadas nos separavam. E em quantos lugares estivemos depois de Brasília? Lembro-me de quando chegou lá em casa a notícia da tortura e morte do Natanael, que havia sumido e depois descoberto preso numa cela do DOI-CODI. Sua reação foi fria, sem esboçar a mínima tristeza. Era como se uma morte no meio daquela guerra fosse apenas um dado óbvio, mais ou menos como a lógica stalinista: “a morte de um homem é

uma tragédia, a de um milhão, uma estatística”. Naquela época, éramos jovens sim, mas nosso idealismo nunca poderia suplantar as razões do coração. E foi aí que eu já começava a desistir de tudo, porque não concebia revolução sem coração).

O nosso abraço durou alguns longos segundos enquanto a cidade se contorcia em desatinos. Não conseguíamos dizer nada além daquelas palavras de admiração, de espanto: – Letícia! – Tavinho! Assim chegamos um ao outro: desarmados. Ainda naquela incontrolável afeição pública – com nossos (a)braços afagando as costas, os olhos que não cansavam de se mirar, os rostos que se tocavam em pungente toque –, eu rebobinava o filme dos nossos anos, dos que passamos juntos na luta e dos que se seguiram ao nosso distanciamento. Ah, como eram confusas as ideias! Quantos atalhos tomaram meus pensamentos! Uma profusão alucinada, uma nascente de alternativas que se embaralhavam. E se evaporavam e se perdiam. Uma sensação brusca de euforia e depressão se misturando naquela outra face do nosso tempo. Eu agora revisitando o passado, num movimento pendular de minha memória

que se desenrola feito uma bobina, eu percorrendo a doutrina que nos movia e depois viajando nas tardes nevoentas de Petrópolis, ou nas noites de tangos e milongas de Buenos Aires e La Plata, onde fui viver alternadamente um bom tempo depois da dispersão do grupo. Que coisa estranha se passava ali, eu atado aos seus braços, debruçado no seu ombro era como se estivesse num parapeito metafísico, palpitavam estranhos sentimentos, uma atmosfera de sensações e percepções desconexas, algo muito diferente da imaginação consciente de dois seres que haviam superado a incrível barreira do desarmamento das lutas reais e interiores e que, abstraídos de todos os condicionamentos ideológicos e políticos, deveriam conduzir-se por outras veredas, não pelos atalhos do inconsciente, não pelas vias sinuosas das lembranças nem sempre muito afetivas e triunfantes.

(Quando Jânio Quadros subiu ao poder no bojo de uma campanha folclórica e inebriante, ninguém imaginava que catapultaria o país para o abismo. Eu estava na Argentina, quando ele foi encontrar-se com Frondizi na divisa com o Brasil. Pela televisão e pelos jornais, vi a sua fisionomia e seu caminhar trôpego, que

mais lembravam um homem tumultuado e sem horizontes do que um presidente. Sete meses, um ensaio de independência do controle externo, uma provocação com a condecoração de Che Guevara, uns uísques a mais e muitos bilhetinhos depois, provaram que eu não estava errado em minha desconfiança: a insanidade do chefe de Estado. Com sua renúncia ética, subiu João Goulart e trouxe a esperança dos progressistas e a desconfiança da caserna. Pelo menos, nós os estudantes secundaristas e universitários, defendíamos com ele as reformas de base e algumas das bandeiras indigestas para os ianques. Havia um clima de otimismo, que logo seria viciado pela fraqueza do novo governo em implantar as reformas de base voltadas para a soberania nacional, a taxaçoão do capital espoliativo e a reforma agrária, ao lado dos sindicatos, do operariado e dos camponeses. Embora tivesse acenado com um programa socializante, e apesar do candente discurso no comício de treze de março na Central, não obteve apoio das forças majoritárias da nação. Sua falta de apego ao poder e sua covardia determinaram sua defecção, que fê-lo cair em desgraça; e perdendo o poder para os militares, paus-mandados do

capital, que (motivados pela Igreja Católica, pela alta burguesia, pelos latifundiários, pela pusilanimidade dos grandes grupos internacionais e o aparato da CIA), em pouco tempo instauraram uma república de medo, terror e controle social jamais vista em nossa história. Os anos de chumbo marcariam profundamente as nossas vidas e os nossos corações. Ninguém seria o mesmo após a última noite daquele março de 64. Nem nós, que éramos tão jovens e sonhadores; nem o país, que entrara, naquela noite escura, em mais um beco sem saídas). (Jango foi um desertor, poderia ter resistido, custasse o que custasse, mas eximiou-se do enfrentamento, entregando os pontos ao primeiro grito dos generais de plantão, mancomunados com o Senador Auro de Moura Andrade que, num gesto histérico e subserviente, decretou, à revelia, numa sessão tensa do Congresso, a vacância da presidência).

Andamos calados por um bom tempo, enquanto entre a Consolação e o Paraíso um oceano de vozes e corpos, um navegar na verossimilhança. Nesse clima, eu e Letícia parecíamos não entender muito bem o que ocorria (as elites de hoje, insatisfeitas e contra o governo (PT-

Dilma-Lula) que tirou 40 milhões da linha de pobreza teriam o mesmo poder de veto e fogo da marcha com Deus, pela Pátria e pela Liberdade que escureceu o país?), mas, registrando com nossos olhos fatigados, parecíamos voltar os olhos ao passado e nos vemos combatendo o bom combate contra as forças reacionárias. Ah, Letícia, lembra-se do Toquinho Cardoso, do Antônio Jaime, do Vanderley, o Pequeno, naquele treze de dezembro quando os milicos, irados, usaram como álibi o discurso do deputado Márcio Moreira Alves, e decretaram o AI-5? Lembro-me, Tavinho, lembro-me, como se fosse hoje. Nós saímos feito um cometa incandescente pela L-2 Sul, a pé, correndo riscos, e fomos xingando toda essa gente de cinco estrelas de canalhas, filhos da puta, entreguistas, vendilhões. E o tempo não demorou a mostrar que era pior do que imaginávamos. Não tínhamos medo, Letícia. Caminhávamos de bolsos vazios, mas cheios de ilusão. Aquela noite bebemos até o sol raiar, saímos embriagados do Bar do Afonso, inconsoláveis, sem saber onde enfiar a cara, e ainda demos o cano no táxi e a sala da república era um chiqueiro só, com o produto da nossa ira biliar infestando a casa toda e Dona Cacilda chegando de

manhã pra limpar a casa, dizendo que os tanques estavam na rua, que Brasília estava verde que nem cocô de neném. Lembra-se?

(Parece que foi ontem. No dia em que o General Costa e Silva garroteou a liberdade e acabava de colocar a pá de cal na democracia moribunda, com seu golpe de misericórdia desferido da cama de um hospital, eu havia me desentendido com o Pequeno porque senti nos seus olhos que ele arrastava umas asinhas pra Letícia. Eu não queria admitir que estava com ciúmes, pela primeira vez um revolucionário com ciúmes, que coisa horrível. Mas eu não me contive, misturei a ira contra o poder ultrajado à minha pouca capacidade de lidar com as coisas do coração. Aí, o caldo entornou, saímos no sopapo, Letícia ria de tudo, mas ainda tivemos estofo para esquecer tudo e partir à noite rumo ao Congresso Nacional para protestar. A resistência ao golpe era maior que nossas desavenças pessoais. Mas, depois daquele dia, eu vi que não havia mais nada a fazer, senão lutar, lutar mesmo que fosse a luta mais vã cada manhã, no entanto lutaríamos, contra os canhões e suas operetas).

Vem, Letícia, vamos sair daqui, deste chove-não-molha. Você vai ver, amanhã vão limpar tudo, não vai haver rastro de nada, uns poucos papagaios-de-pirata vão ser os bodes expiatórios desse desatino todo e o povo, essa massa ignara e sem norte, conduzida sem rumo pelos Bolsonaros, MBL e Lobões, vai continuar do jeito que está, porque não sabe por que aqui está. E nós? Nós estamos aqui, *hélas!*, na quase-noite escura e fria de nossas vidas, depois de tantos anos, é hora do apaziguamento. Eu não esperei tanto tempo para falarmos de luta armada, de reforma agrária, de FMI, de imperialismo, o que vimos hoje não tem nada a ver com aquilo que sonhamos um dia, temos voto e continuamos na mesma: sem voz, sem vez. Sem tirar nem por. Não, não quero falar disso e daquilo, *companheira. À luta!*, *endurecer siempre, perder la ternura jamás*, lembra-se? Ora, sejamos sensatos, Tavinho, eu não disse que perdi o interesse por essas coisas... bem, vem cá, vamos andar, deixa seu carro por aí, depois a gente pega, vamos tomar alguma coisa. Uma cuba libre? Prefiro limonada suíça, caldo de mocotó, kibeirute, uma tapioca na carrocinha do Paraibano . Naquele tempo a gente só posava de pastel

com caldo de cana na Pastelaria Viçosa, ora essa. Aburguesou, é? Sem onda, vai, Letícia...

(Quando Salvador Allende foi encurralado no Palácio de La Moneda, a ditadura já comia solta por aqui. O Chile engatinhava, mas a ferocidade do regime com a cumplicidade de Nixon no golpe do General Pinochet indicava duros rumos para a América de baixo. O ciclo se fechava contra o que supunha a turma do Pentágono e da CIA ser um crescente processo de cubanização latina. Queriam ver o diabo, mas não queriam nem saber de Fidel Castro. A revolução cubana desancou Fulgêncio Batista e sua trupe de exploradores da ilha e Havana havia sido libertada. (Aqui a gente alienada e convencida apoiava o discurso rebarbativo dos Generais; os pronunciamentos tolos e redundantes dos parlamentares seduzidos pela Quartelada; na tevê dava nojo ver Don e Ravel cantarem loas aos usurpadores do poder, Flávio Cavalcanti quebrando discos no palco, *Amaral Netto*, o repórter fazendo a propaganda do regime, Coronel Erasmo Dias e outros monstros cuspidos fogo contra os “subversivos”, o “Projeto Minerva” enchendo o saco nas manhãs dos nossos radinhos a pilha, a noivinha da

Pavuna e Micheline tentando os milhões no J. Silvestre, Zé Fernandes & Araci de Almeida sentando o cacete nos calouros, Telecatch Montilla patrocinando Ted Boy Marino e a nossa luta era outra, educação moral e cívica como mensagem subliminar da paranóica segurança nacional, *O direito de nascer*: mamãe Dolores arrancando lágrimas entorpecidas, Chacrinha balançando a pança, buzinando a moça e agitando a massa, *caderneta de poupança é o cofrinho da Delfim*, e os caracóis dos cabelos de Caetano sob o fog londrino, a *Aliança para o Progresso* iludindo o povo, Gontijo Teodoro e seu vozeirão vomitando os feitos de Andreazza e Médici no Repórter Esso, *testemunha ocular da História*, Simonal, uma incógnita...), ah, começava um longo processo de pulverização em todo o continente sul-americano dos ideais de Che Guevara que irrompiam nas mentes e corações de todos nós. Em 74 perdemos a Copa, Nixon caía em desgraça e renunciava a reboque do Watergate, os Estados Unidos não engoliam o fracasso no Vietnã e o rescaldo dessa imoralidade deixou o mundo tão estupefato quanto os holocaustos de Hitler e Mussolini. Aqui, os generais tomavam o primeiro susto: o MDB

venceu para o Senado em 16 estados brasileiros, a ditadura levava um duro recado das urnas e a oposição foi à televisão denunciar as prisões ilegais, as torturas, os desaparecimentos e as mortes e nas vozes de Chico Pinto, Lisâneas Maciel, Alencar Furtado e Marcos Tito, o libelo nas tribunas do Congresso foi ouvido pelo País, ainda que pagassem com a cassação de seus mandatos. O caldo estava começando a entornar por aqui, mas antes disso companheiros tombavam, torturados, mortos ou desaparecidos nos porões da quartelada. Rubens Paiva, Honestino Guimarães, Lamarca, Herzog, Manuel Fiel Filho perderam a batalha, mas semearam a terra. O povo não sabia de nada.). Logo ali, na Argentina, no rastro da opressão chilena, outra ditadura se inaugurava na Argentina, que deixaria um saldo de horror de mais de trinta mil mortos e desaparecidos e culminaria na rendição dos militares depois da fracassada tentativa de retomar as Ilhas Malvinas, esbulhadas há séculos pela Inglaterra e que os militares vizinhos tentavam recuperar, na esperança de obter apoio do povo.

A lua já estava alta, quando chegamos ao Ibotirama, esquina da Augusta com a Fernando de Albuquerque,

depois de circular acompanhando a marcha de protestos. Na calçada, o clima também tenso, de fogueira na alma. No olho daquele furacão, a tentativa de entendermos o sentido dos protestos – a Paulista, lá em cima, um estuário da resistência social, com seus pelotões de insatisfação, ia ficando pra trás, porque dentro de nós havia uma guerra maior, acuada há anos, desafiada pela ausência e pelo silêncio mútuo de tanto tempo –, ela me falou de sua vida, de suas andanças, o desaparecimento, a vida difícil no Rio, ali se escondendo por muito tempo até que retornou à universidade, em São Paulo, depois de viver também por uns tempos em Santiago e na periferia de Buenos Aires, em algumas cidades-satélites da capital portenha (sempre em pensionatos baratos em Lomas de Zamora, Adrogué, Rafael Calzada e Haedo) e sobrevivendo a duras penas, até concluir o curso, empregando-se, na volta, num jornal sensacionalista de São Paulo para descolar uma grana, até chegar à editoria geral da revista *Agora*, trabalhando na cobertura política e econômica, correndo de uma cidade pra outra. Tinha retornado a Brasília, não fazia muito tempo, e com ela trouxe o mesmo desejo que alimentei em relação a ela,

procurou-me por todo canto, nunca mais teve notícias de mim, nunca tínhamos mais ouvido falar um do outro.

(Ontem andei com ideias meio sombrias, imaginando o país pichado de extremo a extremo: “Fora Collor”. “Fora, traidor!” E coisas que tais. O povo nas ruas, saques, incêndios criminosos, procissões de famintos etc. e tal. Oxalá eu esteja errado. Acho que sonhei, e não gostei do sonho). – De uma carta de meu amigo Leocádio).

Naquele tempo éramos jovens, idealistas, a força estava no sangue e nas palavras, eu disse pra ela. A grande obra está por fazer, Otávio, ela concluiu. A luta não está perdida, completei, mas sem muito entusiasmo bélico, como era comum naquelas longas reuniões que entravam noite adentro naquela pequena república da Asa Sul, nos fins dos anos sessenta. Mas o que há hoje, Otávio (ela já não me chamava de Tavinho, seu semblante mudara, o brilho dos olhos já estava no fim e um cigarro após o outro era a denúncia de um tom mais formal na

nossa conversa), o que há hoje, senão passividade, alienação, certo conformismo, as pessoas estão aí como rebanhos, tudo parece difuso, patético, não há o sentido mais da luta, a hora acabou, ninguém tem medo mais de comunista, as coisas se inverteram, os olhos estão tapados, a gente perdeu o discurso e a dominação é muito pior, é mais hegemônica, mais tarde Gorbachev tiraria o tapete e daria a primeira marretada no muro de Berlim, antes da pá de cal definitiva sobre o socialismo e depois o que sobraria senão os melancólicos *souvenires* do velho regime, lembranças patéticas de um mundo que ruiu e que está levando de roldão os nossos sonhos.

Não, não vamos falar de política, essas coisas estão todas travadas em mim, Letícia (o mundo desabou de vez em 89, Berlim seria uma festa, os bolsões de resistência em Cuba e na China não comoveriam mais, o mundo está de-quatro, cooptado pela globalização, seduzido pela tecnologia e pelos fetiches do deus mercado, ninguém querendo saber de mais nada, o fim palavras de ordem, do grito de guerra, sem o velho apetite civil e a inquietação de 68, que ajudou a enfrentar a canalhice

internacional. A morte das utopias. O sonho dos Beatles acabaria, o nosso também).

(Foi quando ela pegou na minha mão e mudou o discurso, parecia uma ruptura repentina, como quem não quisesse mais falar naquilo. Mas, eu insistia, querendo saber dos nossos companheiros, da separação, de tudo o mais que fizemos juntos em tão pouco tempo naqueles impacientes anos de revolta popular e interior).

Aquela noite não era uma noite qualquer, depois de tudo e de todas as outras noites. Eu via em seus olhos a mesma angústia da antiga guerreira, a estudante que não economizava palavras, não esmorecia na resistência. Mas eu via também uma angústia nova, um brilho triste e um leve tremor nos seus lábios, mas prontos para revelar o incontido. Eu via que Letícia entabulava o seu discurso para esconder outras decepções: amorosas, afetivas, pessoais; havia em seu corte não apenas a decepção política, a perda do entusiasmo, a queixa do fim das ideologias. Ela falava de uma frustração interior, de uma coisa estranha que parecia afetar-lhe o ânimo, os sentidos, a decretar-lhe uma prostração, uma tristeza irredutível em seus gestos. Não eram os gestos que eu vi

na calada daquela noitada de sessenta e oito quando saíamos na Vemaguete de seu pai, eu, o Toquinho Cardoso, Antônio Jaime, Pequeno, e fomos inscrever nos tapumes da cidade as palavras de ordem, até sermos perseguidos por uma patrulha e enganarmos os policiais, e sumirmos num atalho que cortava uma lixeira na L-2 Sul, e desembocarmos aviltados pelo medo no setor de embaixadas, sem iluminação, sem nada, beirando o Lago.

A gente se perdeu, né? ela disse. E os companheiros, a luta, os ideais, de que serviram? Eu via nessa confissão um desiludido mea-culpa. Ela continuou me olhando, só me olhando. E quanto mais me fitava, seu olhar denunciava dispersão, parecia atravessar meus olhos, como que tentando retomar o fio perdido naquele época, quando éramos jovens, e fomos interrompidos pelo insucesso da luta, pelas perseguições, nossos corações estavam no meio de tudo isso e fomos lesados em nossas paixões. Tudo nem bem havia começado e fomos arrancados um do outro.

De qualquer jeito, esse reencontro – eu atravessara a dimensão furtiva da fumaça dos acontecimentos e do

próprio tempo, num momento crucial de nossas vidas, numa hora de encruzilhadas internas, terríveis, parecia um contraponto a tudo que não pudemos realizar, a toda a descontinuidade de nossas relações. Suas mãos tocando levemente as minhas, revivia um tempo que já havia perdido em meus registros, mas que parecia passar como um cometa em nossos sentidos, eu não conseguia entender o que era, porque nunca fizemos amor naquele tempo, se éramos tão aguerridos e despojados, tão sem regras e valores, tão abstraídos da moral burguesa, e porque tudo entre nós aconteceu naqueles anos de forma tão platônica, ambos sabíamos que a luta nos separava, primeiro a revolução, depois o coração, até que ela foi arrancada, eu saí da cidade, fui estudar fora e sempre estive à sua procura nesses anos todos.

(Fiquei sabendo então que ela nunca mais tivera contato com o grupo. A última vez em que ouviu falar neles, as notícias eram desencontradas. Antônio Jaime, desiludido com a luta armada, partira em busca de um ideal mais palpável e foi ser publicitário no Rio, ingressando na carreira cinematográfica. Toquinho, que detestava os americanos, mas sabia um inglês de dar

inveja a qualquer aluno de Harvard, acabou contratado como tradutor de uma editora paulista, mais tarde voltando para Cataguases, onde teria se instalado definitivamente e montado um curso de idiomas. Zé Antonio, o Baiano, que já demonstrava inclinações literárias, enveredou de vez pelas letras. Nas discussões, já esboçava algum descontentamento com a luta, achava que estava tudo errado, que o poder primeiro vinha pela educação do povo. Achava que poderia revolucionar pela palavra e não pelas armas, entrou de cabeça e se decepcionou. Sei que publicou *Doutor Megalus, o iconoclasta*, um romance de costumes, sob o pseudônimo feminino de Laura Black (numa alusão à Suzana Flag, de Nelson Rodrigues, de cujo teatro gostava), para fugir ao cerco da ditadura, nome que incorporou de vez à sua carreira. E Pequeno, depois da Física e do Direito, que não conseguiu concluir em razão das inúmeras perseguições, mudou de ramo e, como arquiteto, fez projetos para a classe média alta de Belo Horizonte até dar um chute em tudo e prestar concurso para o Banco do Brasil (queria estabilidade, salário certo todo mês e garantia assistencial diferenciada, o sonho de consumo da

normalidade funcional que prevaleceria naqueles tempos). Não sei se casaram ou tiveram filhos, só sei que eles devem ter sido vítimas da mesma desilusão que eu vejo nos olhos de Letícia, que nunca teve uma relação estável, não deixou herdeiros e ainda por cima perdeu pai e mãe e teve que batalhar sozinha pra vencer neste *mondo cane*).

Eu tinha medo de saber o que ela fez depois, nesse exílio involuntário de nossos corpos e de nossas almas. Tive receio de perguntar. E de dizer que minha vida estava em frangalhos, um casamento falido, uma relação interrompida, filhos quês se dispersaram e uma solidão que eu só conseguia debelar nas noites, nos copos de uísque de segunda que eu compartilhava com os amigos de agora, naquele lugar aonde a levei e que frequento há tanto tempo desde que vim viver em Sampa. Tinha medo de saber com quantos se deitou, mas a bobina interior ia, naturalmente, desfilando o 3x4 de nossas vidas.

Num certo momento senti que ela queria dizer algo, algo que eu não conseguia permitir que ela dissesse, pois estava confuso, ela também, ambos estávamos atordoados, porque nenhum de nós esperava encontrar o

outro assim tão de repente e numa situação que lembrava aqueles anos, só que agora sem AI-5, sem DOI-CODI, sem os meganhas vigiando os nossos passos.

Não sabia o que fazer, comecei a chorar um choro compulsivo, mas abafado, apertei-a contra meu peito, pedi perdão pelo cheiro de cigarro, pelo bafo de bebida barata, pelo sem-jeito da situação. Ela me entendeu, ficou ali colada ao meu ombro, o bar estava quase vazio já na alta madrugada paulistana. O garçom recolhendo talheres e pratos, recolocando as cadeiras, alinhando as mesas, foi quando saímos de mãos dadas, sem nada falar, caminhamos por dentro, atravessando a Hadock Lobo e a Bela Cintra, demos na Consolação em frente ao Sujinho, onde umas cadeiras e mesas quebradas jaziam na calçada. Sentamos entre aquelas ruínas, ela só me olhava, só me olhava, só me olhava, sem nada falar, sem nada pensar.

Que angústia era a nossa, indaguei a Letícia. Ela me fitava com um ar desalentado, na noite fria de junho. Estávamos ali, como nos velhos tempos, escondidos não das patrulhas militares nem dos reacionários, estávamos ali, sob uma lua quase encoberta pelas nuvens e pela selva monolítica e fuliginosa, de um mês seco como nossas

esperanças, recapitulando nossa fugaz existência, fugindo não dos alçózes de nossos sonhos nem da morte prematura dos nossos pensamentos políticos, mas escapando do tédio, da desilusão, querendo encontrar um ponto em comum pra nossas vidas no contraponto de nossa desesperança. Letícia me veio com Sartre, na ponta da língua, da mesma forma que, naquela época, queria fazer a cabeça da rapaziada mesmo sabendo que a cana comia solta nos porões da repressão, que o lombo de alguém queimava, citando Engels, Marx, Rosa de Luxemburgo, Gramsci: “A angústia é monopólio de quem age, decide, pensa, se constrói e constrói.”

Eu a via inteira naquele momento. Estávamos sós sob a luz fosca da lua, na véspera de um ano de Copa e eleições e nos perguntávamos para onde iríamos depois de tudo aquilo. Que balizas conformavam aquele movimento? Tudo parecia um imbróglio nada ideológico. Os coveiros dos nossos sonhos morreram primeiro que esses que agora empunham nenhuma bandeira. A ditadura tinha acabado há um quarto de século, mas outra mancha sobre nós se estendia: a desilusão generalizada. E novamente o trote de cavalos e a pisada

forte dos coturnos parecia apontar na outra ponta da avenida e trazia velhos ressentimentos. Mas não queríamos que, como naquela época, perdêssemos as razões do coração em nome de um projeto coletivo. Letícia me confidenciava coisas. Que, após desistir da luta armada, enfrentou também o desastre de um desquite litigioso, no fim a solidão e desse deserto não saiu mais. Filhos não teve, tinha medo de uma vida incerta, não se ligava a ninguém por muito tempo, por isso correu de braço em braço, até decidir ficar só, morando com seus livros e suas dúvidas. Eu nunca entendi por que nunca ficamos juntos, por que nossos corpos nem nossas almas se entenderam, já que nossa cabeça ia na mesma direção.

Ela passou levemente suas mãos sobre meu rosto e, num arroubo de presunção, pensei que ia me beijar. Ah, os beijos tantos que ficaram no caminho, que não foram dados, teriam agora lugar em nossos lábios! E meus pensamentos impregnavam-se do desejo de um ósculo sem fim, que varasse a noite sob o manto novo da antemanhã. E eu apenas sentia suas mãos repetirem o gesto da carícia na face que alternava tremor e crispação.

Mas aquela persistência indicava que o afeto num rosto castigado se traduzia apenas no gesto da devoção, da afetividade, que os anos e as nossas pequenas guerras cuidaram de transformar em admiração mútua, levando pra longe a possibilidade do amor. Eu não esperava mais nada, nem dela nem da política, senão que aquela atitude que mesclava abstração e realidade selasse um derradeiro silêncio entre nós, embora ela contornasse meu rosto como quem quisesse me redescobrir e ficar. E não foi de outra maneira que nos despedimos. Na confusão de nossas fronteiras ideológicas e psicológicas, no terrível campo de concentração que eram o coração desfigurado, a mente destronada, o corpo sacudido pela inexorável realidade – nós, em nosso parco e envergonhado diletantismo armado de outrora, estávamos, sem nenhum prurido, expostos às nossas idiossincrasias. Foi nesse momento, enterrando a cabeça entre minhas pernas com os olhos congelados fitando o chão, que deixei que ela se fosse, as coisas voltando a ser como antes, seu rosto caindo num vazio profundo que eu já não conseguia delinear na minha tentativa de capturar-lhe a silhueta, uma solidão maior interpondo-se entre nós, a nossa

história se perdendo na derrisão da própria História a conspirar e na indiferença de um mundo que já não comporta inteiro nossas paixões e nossos sonhos são molestados impunemente. Eu nem tinha tido tempo de tocar seu corpo e olhar fundo nos seus olhos, o em-volta havia se evaporado como uma bolha que desaparece intransigente no infinito intangível e solitário.

Quando dei conta de mim, os primeiros raios da manhã misturavam-se ao som dos automóveis que começavam a circular, a cidade preparava-se para mais um dia de vida, os coletivos vomitando trabalhadores, estudantes, funcionários, gente que seguiria, bovina e intocável, sem nenhuma infração à normalidade, subjugados pela rotina. A roupa amarrotada, o cabelo endurecido, a boca amargava e eu acordava para a vida num ponto de ônibus em frente ao Cine Belas Artes (olho para os cartazes desbotados na vidraça quebrada e leio o que restou da última programação das Salas Portinari e Mario de Andrade antes de seu fechamento: *Noites de Cabíria* – 19 h; *O ovo da serpente*, 21 h. E mais não vi. E saindo sem rumo, o corpo fatigado, a alma perdida, meus pensamentos vagando na imensidão de uma manhã

infantil, tive certeza de que nunca mais a encontraria, viva ou morta. Restava um rosto diluído na cerração que cobria a cidade em meio à mulher gorda que dava milho aos pombos na esquina onde um dia pontificou o Riviera e entre garis que limpavam o asfalto e pessoas que circulavam maquinalmente como se acompanhassem um funeral.

Ronaldo Cagiano Nascido em Cataguases/ MG, licenciou-se em Direito, tendo vivido em Brasília e São Paulo e está radicado em Portugal. Estreou com *Palavra engajada* (poesia, 1989) e, dentre as obras publicadas, destacam-se: *Dezembro indigesto* (contos - Prêmio Brasília de Literatura 2001), *O sol nas feridas* (Poesia, Ed. Dobra, 2012 - finalista do Prêmio Portugal Telecom 2013), *Eles não moram mais aqui* (Contos, Ed. Patuá/SP – Ed. Gato Bravo/Lisboa, Prêmio Jabuti 2016) e *O mundo sem explicação* (Poesia, Ed. Coisas de Ler, Lisboa, 2019).

CHEEK TO CHEEK

Tiago Germano

Eu não sabia quem eram Fred Astaire e Ginger Rogers até vê-los dançando *cheek to cheek* num dos momentos mais inesquecíveis do cinema. Não era exatamente a cena de *O Picolino* (1935), mas a sequência de *À Espera de um Milagre* (1999) em que os dois são vistos pelos olhos de John Coffey, um homem injustamente condenado à cadeira elétrica, realizando seu último desejo antes de morrer: assistir a um filme pela primeira vez. Eu me lembro do grandalhão interpretado por Michael Clarke Duncan inocente como uma criança, acompanhando hipnotizado os movimentos da dupla na tela enquanto o projecionista bocejava e o carcereiro, vivido por Tom Hanks, lhe sorria complacente. “Eles são anjos... Anjos como no céu!”, dizia John, emocionado.

Eu estava lendo *Swing Time* (2016), livro da Zadie Smith cujo título faz referência a outro filme com Fred Astaire e Ginger Rogers, quando a pandemia do Coronavírus chegou à Inglaterra. Com o rádio sintonizado na estação de música clássica que, desde o Brexit, optamos por deixar dia e noite ligado, ouvíamos de hora em hora os boletins sobre a progressão do vírus. Era uma escalada vertiginosa. A cada dezena de páginas, mais uma dezena de casos. Em semanas, o número de infectados passava da ordem de centenas para milhares. Quando enfim terminei o livro, a recomendação oficial era que permanecêssemos em casa. Débora e eu optamos por nos isolar e – eu animado pela leitura; ela pela dança – decidimos ver juntos todos os filmes dos dois disponíveis no YouTube.

O mesmo Tom Hanks de *À Espera de um Milagre* foi uma das primeiras celebridades infectadas pelo Coronavírus. Ele também ficou confinado com o seu par, a atriz e cantora Rita Wilson, depois de um cruzeiro na Austrália. A imagem de uma luva cirúrgica na lixeira de um laboratório, seguida do texto do ator anunciando o teste positivo para o Covid-19, pulou numa janela do

computador onde eu trabalhava, não mais da biblioteca da cidade, mas dentro de casa. Pensei na ironia de um mundo preso a janelas, metafórica e literalmente. Lembrei das janelas de Huwan. Pensei nas janelas da Itália.

Em Roma, alguém apontaria o celular para o céu e filmaria a Força Aérea desenhando as cores da bandeira italiana enquanto o fantasma de Pavarotti cantava *Nessun Dorma* a plenos pulmões. Em Chicago, o aquário fecharia suas portas permitindo enfim que pinguins, como turistas confusos, pudessem caminhar do outro lado de seus cubículos de vidro e vagar pelas galerias que a espécie humana construiu, para livrá-los de nossa própria ameaça.

Acho que foi quando um deles abriu suas asas de pinguim, meneou a cabeça e continuou sua caminhada daquele jeito parvo e gracioso pelo aquário, que me lembrei de John Coffey. E pela primeira vez refleti sobre sua condição, preso e inocente, comovido, vendo Fred Astaire e Ginger Rogers dançando como dois anjos... no céu. Ao pinguim de nada lhe servem as asas. Ainda que em liberdade, ele não poderá voar. Fred Astaire e Ginger

Rogers mostraram a John Coffey que, mesmo sem asas, mesmo confinado, o homem é o único animal que, culpado ou inocente, pode desafiar a natureza.

Naquela noite, nossa última noite na Inglaterra, Débora e eu colocamos nossas melhores roupas, arrumamos a mesa, convidamos Fred Astaire e Ginger Rogers para o jantar e juntos, nós quatro... flutuamos.

Tiago Germano é escritor e jornalista, autor do romance *A Mulher Faminta* (Moinhos, 2018) e da coletânea de crônicas *Demônios Domésticos* (Le Chien, 2017), indicado ao Jabuti. Mestre e doutorando em Escrita Criativa pela Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul (PUCRS), foi bolsista pelo Programa de Internacionalização da CAPES e realizou estágio doutoral na School of Literature, Drama and Creative Writing da University of East Anglia (UEA), por onde passaram nomes como o Nobel de Literatura Kazuo Ishiguro e o Man Booker Prize Ian McEwan. Mora atualmente em João Pessoa/PB.

TRÊS MESES DE CROSSFIT A PRINCÍPIO

Tobias Carvalho

Dia 0 - segunda

Ontem o carnaval foi tão intenso que tive que desmarcar a aula experimental. (Tudo bem. Com a iminência do coronavírus é possível que haja cada vez menos bloquinhos.) Roubaram meu celular e fiquei sem despertador. Não havia como acordar às sete — eu pelo menos não sei como. O professor e dono da academia havia me explicado como funcionava o plano trimestral. Ele é um homem grande o suficiente para me gerar alguma ansiedade. Tem pelos por todo o corpo, até nas orelhas. Fiquei imaginando ele brabo.

Dia 1 - terça

Saí com meia hora de antecedência e descobri que o estúdio de CrossFit fica a vinte minutos a pé da minha casa. O professor que deu a aula era outro. Era careca, dez anos mais jovem que o da orelha com pelos.

Comigo havia mais quatro colegas. Um menino e quatro meninas. Todos tinham menos que vinte anos e já se conheciam dos treinos.

Primeiro fizemos um aquecimento com abdominais, agachamentos e um movimento em que você tem que pôr as mãos no chão e ir escalando parede com os pés. Depois aprendemos a técnica para subir por uma corda. Além de se agarrar com os braços, você tem que engatar os pés para poder trepar até o topo da corda.

Enquanto ensaiávamos o movimento, o professor disse que os meninos tinham mais facilidade por terem mais força nos braços. “Isso é natural.” Não sei que respaldo científico ele tem para dizer isso e, mesmo assim, não entendo por que falar uma coisa dessas. O pior é que a tese se confirmou. Eu e o outro menino subimos até o topo da corda, e as meninas não conseguiram.

Durante o treino, tínhamos quinze minutos para fazer quinze agachamentos segurando uma barra olímpica, subir na corda dez vezes, fazer mais agachamentos, mais corda, mais agachamentos. Consegui completar o circuito antes dos outros, em nove minutos e meio.

Voltei para casa respirando pesado. No banho, minha mão doeu quando passei shampoo, isso por causa da corda. Agora, depois do banho, continuo suando, como se meu corpo não houvesse entendido que os exercícios acabaram. Amanhã tem mais.

Dia 2 - quarta

Fui correndo para não perder o horário do meio-dia e descobri que só havia mais um colega para fazer aula comigo: nos conhecemos há vários anos na faculdade, e naquela época não gostávamos muito um do outro por algum motivo. OK, o motivo é que nos beijamos em uma festa, mas não houve interesse de nenhum dos lados para seguir, e por isso nossa relação foi tensa desde então,

ainda que eu não visse ele fazia anos. Nos cumprimentamos, mas não falamos mais nada.

O professor careca nos mandou fazer um aquecimento em que precisávamos usar uma bola para fazer abdominais e depois levantar ela com os braços. Eram cinco minutos para fazer trinta repetições. A peculiaridade do CrossFit é que, dependendo da modalidade, você não para depois que fizer as trinta repetições, e sim quando acabam os cinco minutos. Se você termina antes, volta para o começo e faz tudo de novo. Todos param ao mesmo tempo.

Meu modo competição foi ativado logo que o tempo começou a correr, mas tive uma derrota acachapante para meu ex-colega de faculdade, pelo menos no aquecimento. Não sei há quanto tempo ele treina. Tive vontade de dizer que era recém meu segundo dia, mas achei que dizer isso seria me humilhar.

O exercício intermediário era quarenta movimentos nas argolas em dez minutos. O professor disse que, caso tivéssemos algum desconforto nas mãos ou dores nas costas, melhor que ficássemos quietos. “Deixa para

reclamar para a namorada. Aqui é lugar de homem.” Tivemos desempenhos parecidos.

Na parte final da aula, tínhamos vinte minutos para um circuito que alternava levantamento de peso com exercícios na barra. Vinte minutos parece pouco, mas não é. Uma barra de vinte quilos também parece pouco (para mim, que tenho 75), mas não é. Pegar a barra. Puxar ela para o peito. Se agachar quebrando a paralela (ou seja, passar a bunda abaixo da altura dos joelhos). Encaixar a escápula. Levantar a barra. Se agachar. Levantar a barra. Vinte vezes. Depois, com a ajuda de um elástico, fazer vinte *pull-ups*.

Comecei quase cuspiendo meu coração fora. Nunca havia feito aqueles movimentos de levantamento de peso. Na hora de puxar a barra para o peito, eu deixava o peso todo a cargo dos meus braços, o que deixou tudo mais difícil. Até entender que os cotovelos deveriam ficar para frente e o peito sustentar a barra, meu colega-nêmesis já estava indo em direção aos *pull-ups*. Parei para tomar água e a duras penas consegui trocar de exercício.

No *pull-up* tive maior facilidade. Talvez eu tenha força no peito. (Na verdade, não sei qual parte do corpo é estimulada no *pull-up*.) Ganhei tempo e voltei para o levantamento de peso antes do meu colega. O professor careca chegou a me elogiar. Então havia de novo os movimentos em repetição, isso talvez com nove minutos desde o começo do circuito. Eu já entendia melhor o movimento a ponto de não me cansar tanto. Ainda assim, é uma tortura autoinfligida. No caso de hoje, ao lado de alguém que multiplicou minha competitividade por cem. Voltei aos *pull-ups* quando ele ainda estava na metade do levantamento.

Minha última série foi malfeita. Me senti um invertebrado tentando se equilibrar. Ainda estava assustado pelo prazer que o circuito me proporcionava. Fui atrapado por um conceito internacionalmente propagado para tirar dinheiro das pessoas. Mas consegui terminar três circuitos em vinte minutos, enquanto, para o meu oponente, faltaram dezessete *pull-ups*. Na parte principal do treino, vitória minha.

Dia 1 (de novo) - quinta

Houve um problema. O estúdio (ou box, no jargão crossfiteiro) tinha poucas aulas de manhã: 7h, 8h e depois 12h. Não é prático para mim ter que acordar tão cedo ou treinar à tarde. Busquei outro lugar.

Fica mais ou menos à mesma distância da minha casa, mas tem algumas vantagens, pelo que me disse a recepcionista: 1: é um pouco mais barato; 2: o estúdio é mais amplo; 3: enquanto no outro box os sócios exageravam na masculinidade, ali era um lugar diverso (sic), tanto que o treinador que me daria a aula experimental era gay. E escandalosamente gostoso. Não pude tirar meus olhos dele por um minuto sequer. Eram muitas vantagens.

O treino dessa vez era aeróbico. De modo geral, foi o mais tranquilo dos três. Pulamos corda, fizemos abdominais com o tronco estendido, e depois fizemos um circuito com corda, *burpees* (envolve deitar e levantar o mais rápido possível), bicicleta e agachamentos. Minhas colegas eram mulheres, todas entre trinta e cinquenta e cinco anos. Elas eram amigas do treinador. Falavam e

riam o treino todo. (Uma moça falou que a crise do coronavírus era um estardalhaço desnecessário usado para derrubar o governo.)

Talvez o box novo não renda uma experiência tão interessante para escrever por aqui. Tem menos competitividade e menos estranhamentos com a masculinidade, mas acho melhor me preservar do que passar três meses sofrendo.

No fim do treino, a turma fez um círculo e todos puseram as mãos uma em cima da outra e gritaram “um, dois, três” e o nome da academia. E eu me uni a eles.

Dia 2 (de novo) - sexta

Hoje conheci o quarto *coach* da semana. Ele era meio calvo.

Só havia um colega comigo, um cara mais ou menos da minha idade. Tínhamos que fazer os exercícios em dupla: pular corda 300 vezes, por exemplo, dividindo as repetições de acordo com as facilidades de cada um. Descobri que não sabia pular corda, mas aprendi rápido. Competimos, nós dois. Ele, que já fazia CrossFit há mais

tempo, queria fazer mais repetições e mais apoios, mas eu não deixei.

No fim do treino, o “um, dois, três” foi com os cotovelos por precaução.

Dia o (de novo) - sábado

Recebi um email da recepcionista. O prefeito da cidade proibiu o funcionamento de bares, teatros, cinemas e academias para combater a proliferação do coronavírus. Não vou poder fazer CrossFit pelos próximos três meses.

Tobias Carvalho nasceu em Porto Alegre em 1995. Seu livro de estreia, *As coisas*, foi vencedor do Prêmio SESC de Literatura 2018.

REFERENCIAIS

Vera Saad

a Paulo André e Daniel Isaías

“Essa história está aí, no teu peito.” Já havíamos nos acostumados com aquela pele repuxada em relevo que avançava o peito, nunca tínhamos pensado nela até aquela tarde, em que, eu sentada, ele de pé, olhamos juntos para um mesmo ponto. Acabávamos de saber pelo celular que já passava de 20 o número de mortes pelo coronavírus, quando movemos a cabeça de cima a baixo em busca de qualquer pista que nos contasse do que era feita nossa história. Até que acertamos a vista na altura do peito. Seus olhos para baixo, os meus para cima. Talvez uma forma de nos sentirmos mais vivos, talvez

uma forma de não pensarmos na morte, ainda que a fitássemos naquela tarde, eu sentada, ele em pé.

Dizem que deslocamento é questão de referencial. No carro, estou parada, mas quem me vê, me vê em movimento. Sempre pensei nisso, e mais ainda quando recebi a notícia de que ele estava no hospital, ferido por quatro tiros. Nada a ser feito a não ser esperar. Parada, em movimento. Por um instante acreditei que bastava andar para mantê-lo em movimento e foi o que fiz, atravessei São Paulo, ele comigo, nas minhas pernas, no meu peito. Percorremos a cidade de uma ponta a outra.

“Você deve viver, Paulo”, o que pensei naquele dia e pensei de novo, vinte anos depois, naquela tarde. “Nossa história está aí, no teu peito”, o que disse no lugar. Não sabia por que havia dito aquilo, por que apontei para aquela bala e chamei aquilo de história. Falávamos sobre nossa história, quando começava, quando terminava.

Quando levou os tiros, ele corria, segredou-me uma vez que corria em zigue-zague, assim as balas teriam mais dificuldades para alcançá-lo. Quatro o alcançaram e uma permanece em seu peito até hoje. “Para me lembrar de quem fez isso”, ele repete quando pergunto se não pensa em extraí-la. Uma questão de referência. O que para mim é vida, tirar aquela bala que alcança o coração, para ele é morte. Também uma questão de referência. Os dois parados, vinte anos parados naquele dia em que ele corria em zigue-zague, as balas atravessavam seu corpo e eu atravessava a cidade. O resto em movimento, não importa se de quarentena ou não.

Vera Saad é autora dos romances *Dança sueca* (Patuá, 2019) e *Telefone sem fio* (Patuá, 2014) e do livro de contos *Mind the gap* (Patuá, 2011). É jornalista, mestre em Literatura e Crítica Literária pela PUC-SP e doutora em Comunicação e Semiótica também pela PUC-SP.

Vencedora do concurso de contos SESC On-line 1997, avaliado pelo escritor Ignacio de Loyola Brandão, foi finalista, com o romance *Estamos todos bem*, do VI Prêmio da Jovem Literatura Latino-Americana.

UMA MULHER SEMPRE SABE

Walter Moreira Santos

Na fotografia publicada na capa do jornal vê-se claramente seus lábios inchados, grudados com algo pegajoso, provavelmente sangue; seu cabelo espesso e em desalinho como os de uma bruxa, também grudados como se houvesse suor — mas como, se estava tão frio e chovia?

Parte do seio esquerdo está à mostra, preso à barra de direção, sua cabeça projetada para frente — a imagem da desolação, porque era isso que o jornalista estava buscando, é isso que eles fazem: o resto de dignidade das vítimas de acidentes de trânsito eles sequestram e capturam numa foto.

Você só consegue se lembrar do modo como a luz se refletia nos estilhaços de vidro sujos de sangue e de como eles pareciam pedaços de gelatina de morango sobre o casaco azul-claro do seu filho, isso você jamais esqueceria. O modo como a luz doía nos olhos e a angústia imensa de não poder girar o pescoço em direção ao banco de trás do carro, onde o menino estava; a voz lhe faltando quando ela era tão necessária. Uma gosma coagulou em sua garganta, você se esforça para dizer “não, não, não” e um gemido inaudível arranha o cricrilar dos grilos e o barulho do riacho que vêm do final da ribanceira.

Os anjos e não a morte levaram seu filho e o amor de sua vida. A morte foi o que ficou com você. O toque daquela mão que se estica por dentro da escuridão para aferir a pulsação em seu pescoço.

Ela está viva! Ela está viva!

Antes de pegarem a estrada, o menino lhe sorri e pergunta:

— Mamãe, se eu prometer me comportar, posso ganhar um cachorro? Nem precisa ser muito grande, pode ser pequenininho assim, ó...

Seu marido não diz nada porque a garrafa de vinho que tomou não diminuiu a preocupação com as demissões na multinacional onde ele é engenheiro de produção. É por isso que vocês estão indo para casa de sua mãe, na região serrana do estado, vocês estão procurando um pouco de cura, alívio e esperança no ar puro.

CAPITÃO DA POLÍCIA MILITAR TEM DIA DE HERÓI APÓS SALVAR MULHER QUE SOFREU ACIDENTE DE CARRO

O carro se equilibrando à beira do abismo e o rio esperando lá embaixo; por que essa hesitação da morte, quando seria tão fácil o carro despencar e desaparecer no fundo escuro daquelas águas?

Olha o que acontece com quem viaja em baixa velocidade, com segurança. Alguém vem em alta velocidade na direção contrária, dá uma fechada e, de repente, o controle foge de suas mãos e então o capotamento, o carro balançando sobre um abismo.

O entorpecimento da garganta e dos lábios espalhou-se pelo corpo todo e nunca mais a abandonou completamente; nos dias que se seguiram no hospital, no enterro do seu filho e de seu marido, no silêncio acusador de sua ex-sogra — por que o filho e o neto, em lugar de você, que estava dirigindo e, provavelmente, é a responsável pela tragédia — não estão vivos? Por que, pelo menos, um deles não restou a ela?

Coisa alguma do filme irreal que se desenrola a partir do acidente a atinge completamente, porque, apesar de seu corpo ser resgatado pelo capitão da polícia, seu coração desceu a serra junto com o carro e submergiu no rio gelado.

CAPITÃO DA POLÍCIA MILITAR VISITA NO HOSPITAL MULHER QUE AJUDOU A SALVAR

Você sabia. Desde o começo.

Ele rasga a própria camisa e ajuda a estancar o sangue em seu braço, por um triz a artéria principal não foi atingida; após telefonar para o resgate, ele lhe diz para manter a calma e continuar com ele. Consciente, lúcida, acordada de todo o horror. Atenção: é preciso não se deixar submergir pela dor.

Um instante após você aceitar a mão dele, sua salvação já estava a uma distância inalcançável.

Não aconteceu como alguém que só após dar cinco passos em direção ao centro do lago descobre que se enganou sobre a profundidade — não foi assim. Você sabia desde o início. As mulheres estão sempre procurando significados nos menores gestos sem importância — e com você não seria diferente.

Da mesma forma que o cervo pressente, no olfato e na audição, a presença do caçador — instantes antes de um tiro lhe estraçalhar o coração —, você sabia. Voluntariamente, você se entregou à situação, como uma rainha resoluta entrega o próprio pescoço à guilhotina.

Que diferença faria agora a quem entregaria o coração se ele ficara submerso no rio?

Você se afasta de sua mãe.

Você se afasta da única irmã e do hospital onde trabalhava como instrumentadora em cirurgias.

Você se afastará de sua vida antiga até que dela não sobre mais nada.

CAPITÃO DA POLÍCIA MILITAR SE CASA COM MULHER QUE AJUDOU A SALVAR

Você sabia. Desde o princípio.

Os jornalistas estão sempre à procura da tragédia e da redenção de uma história com final feliz, e ele precisava tanto dessa exposição, era como um vício para ele. Ele jamais abriria mão disso que você proporcionara: a repetição sem fim de um ato heroico.

Mas o que esperar de um homem que dorme com uma pistola carregada embaixo do travesseiro e cujo sono

é interrompido ao mínimo barulho ou movimento do vento nas cortinas?

Como quem atravessa uma ponte pênsil sobre um abismo e vê atrás de si as tábuas se soltando e caindo no vácuo — era impossível para você voltar atrás.

DESCOBERTO CEMITÉRIO CLANDESTINO
COM MAIS DE 30 OSSADAS.
CAPITÃO DA POLÍCIA MILITAR É INDICIADO
POR PARTICIPAR DE MILÍCIAS
E GRUPO DE EXTERMÍNIO

Sendo a morte, aquele homem era sua salvação. Como não abraçar a morte depois de sobreviver ao acidente que vitimou o filho de seis anos e o amor de sua vida?

Você desejou esta armadilha — você ansiou essa punição por ter se salvado.

E toda vez que ele a abraçava — como que repetindo o primeiro gesto —, você podia sentir o cheiro (uma

mistura de pólvora, chuva, chorume e medo) de morte que exalava dele, sempre que voltava do trabalho; quase sempre com horas e às vezes dias de atraso. Depois, aquele nada. A sensação de estender a mão até um corrimão e encontrar apenas escuridão e vazio.

Você sabia. Desde o início. Que se entregar a esse deus da morte seria um modo de se punir; estar ligada a ele era perpetuar aquela noite, a estrada escorregadia e cheia de chuva.

DESCOBERTO MAIS UM “MICROONDAS”
SISTEMA FEITO COM PNEUS PARA FINS DE
EXECUÇÃO PELAS MILÍCIAS

O supremo deus do seu engano foi se fiar na escuridão — esquecendo a luz do último sorriso no rosto de seu filho, o jeito calado do amor de sua vida de segurar a taça de vinho e colocar na bancada da cozinha; o café da manhã que quase sempre ele preparava; vez que ele sempre acordava mais cedo e era o lado mais agregador daquele casamento.

Agora seu coração é um escorpião que se encolhe para caber na reentrância da pedra da perda. Você sabia, desde a origem, que fora ele quem provocara o acidente. Mas há algo a seu favor. Denunciada pelo tom de voz comedido, aquele tom de voz de quem desistiu, o tom de voz que você adotou após o acidente — isso dá a ele a exata medida de que pode confiar em você; de que você é inofensiva, a mão que veio da rua, do serviço sujo de matador, toca-lhe o ombro e é como um caçador que testa a resistência da armadilha e percebe satisfeito que a corda está tesa o bastante.

TESTEMUNHAS DO CASO DOS ASSASSINATOS POR MILÍCIAS SÃO ENCONTRADAS MORTAS.

CAPITÃO DA POLÍCIA MILITAR É INOCENTADO POR
FALTA DE PROVAS. MINISTÉRIO PÚBLICO DIZ QUE
VAI RECORRER

A noite poderia cair e não trazê-lo para casa. De repente, o telefone tocaria e você seria informada. Ou talvez um carro preto e branco com o logotipo vermelho

da corporação estacionasse maciamente em frente ao seu portão e dele descessem dois policiais cabisbaixos, trazendo a notícia.

Ou, ainda, a notícia a pegaria de surpresa enquanto estivesse limpando, de modo interminável, a cozinha; uma mania que havia se aderido a você nos últimos tempos. Você levantaria o rosto em direção à tevê ligada lá na sala e correria como se estivesse dentro de um transe, de um sonho, e seria assaltada pelas imagens do apresentador mostrando centenas de vezes o cadáver vestido com a farda de cor preta que você conhece tão bem.

Contudo, nada pior que a esperança para tornar a volta à realidade uma experiência cada vez mais ácida. Então um dia você desiste de contar com a ajuda do destino — olhe onde o destino a colocara! Não, você não pode contar com a ajuda do acaso. Daí você se levanta e vai em direção à única atitude que pode livrá-la para sempre dessa armadilha.

Que Deus a ajude.

Walter Moreira Santos é autor dos romances *O Ciclista* (Prêmio José Mindlin de Literatura, Prêmio Cidade de Curitiba e finalista do Prêmio São Paulo); *Um Certo Rumor de Asas* (Prêmio Casa de Cultura Mário Quintana e Fundação cultural da Bahia); *O Metal de Que Somos Feitos*, contos (Prêmio Pernambuco de Literatura 2013). *Todas as Coisas Sem Nome*, contos (Prêmio Pernambuco de Literatura 2016), *O Último dia da Senhora Stone*, contos (Prêmio Hermilo Borba Filho), dentre outras obras.

